



PROFLETRAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

MARIA DO ESPÍRITO SANTO COSTA MOREIRA

LEITURA, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DISCURSIVA DE *FAKE NEWS*: uma
proposta de ensino de linguagem para Educação Básica

MARABÁ-PA
2024

MARIA DO ESPÍRITO SANTO COSTA MOREIRA

LEITURA, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DISCURSIVA DE *FAKE NEWS*:
uma proposta de ensino de linguagem para Educação Básica

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Para - Unifesspa, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho

M83l Moreira, Maria do Espírito Santo Costa
Leitura, interpretação e análise discursiva *de fake news*:
uma proposta de ensino de linguagem para Educação Básica /
Maria do Espírito Santo Costa Moreira. — 2024.
116 f.: il. color.

Orientador(a): Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e
Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes,
Programa de Mestrado Profissional em Letras
(PROFLETRAS), Marabá, 2024.

1. Análise do discurso. 2. Leitura - Estudo e ensino. 3.
Notícias falsas. 4. COVID-19, Pandemia de, 2020- - Brasil. I.
Oliveira, Rosimar Regina Rodrigues de, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 410

Elaborado por Renata Matos de Souza – CRB-2/1586

MARIA DO ESPÍRITO SANTO COSTA MOREIRA

LEITURA, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DISCURSIVA DE *FAKE NEWS*:
uma proposta de ensino de linguagem para Educação Básica

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Para - Unifesspa, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Data de aprovação: Marabá (PA), _____ de _____ de 2024.

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira
Orientadora

Profª. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann (UFAL)
Examinador Externo

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (ProfLetras - UEMS)
Examinador Interno

Dedico estas páginas aos meus queridos filhos: Pâmella Bianca, Paula Larissa e Paulo Júnior, como sinal de amor e gratidão pelo incentivo e motivação. Ao meu esposo, Paulo Sérgio, por ter compreendido minhas ausências. À minha mãe, Sebastiana dos Santos, que sempre me encorajou e me estimulou a estudar. E aos meus irmãos por terem acreditado no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pelo dom da vida e por ter me feito entender que tudo tem um tempo e um propósito; e por me conceder discernimento e sabedoria para poder prosseguir nesta jornada de estudante;

À minha mãezinha Maria Santíssima, por sempre interceder por mim a seu filho Jesus Cristo;

À minha família, por toda motivação, especialmente aos meus filhos: Pâmella, Paula e Paulo Júnior, por serem meu porto seguro, minhas companhias diárias e a principal motivação para eu segui me dedicando aos meus estudos; e, principalmente, me ajudarem a entender, na prática diária, o quanto é urgente tratar das “*Fake News*” e quanto dano elas podem causar, principalmente em se tratando de saúde, tendo em vista que são exemplos de pessoas para mim; à minha mãe, por ser modelo de força e garra;

Ao meu esposo, Paulo Sérgio, pela paciência quando precisei me fazer ausente para estudar e produzir; por todo suporte e incentivo dado a mim, sua cumplicidade e companheirismo foram muito importantes para eu chegar até aqui;

Ao Programa de Formação de Docentes – PROFLETRAS, que possibilitou a realização do Curso de Mestrado Profissional, por meio de convênio com a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, unidade de Marabá;

Aos docentes doutores do ProfLetras, em especial às professoras: Simone, Maria Cristina, Nayara, Maysa, Edimara e ao professor Gilson Penalva, pelo conhecimento compartilhado ao longo do curso. Suas aulas me fizeram e me fazem ter um olhar diferente para a minha prática docente;

À professora doutora Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira, pelas orientações dadas no decorrer desta pesquisa. Muito obrigada pela paciência e didática ao me ajudar nessa caminhada;

À professora e pesquisadora Eni Orlandi, pelas contribuições significativas nas abordagens acerca da Análise do Discurso francesa materialista aqui no Brasil;

Ao professor Eduardo Guimarães, por permitir a minha participação, como ouvinte, nas aulas de uma turma de doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT);

Aos professores doutores Débora Massman e Marlon Leal Rodrigues pelos apontamentos na banca de qualificação. O olhar reflexivo e ponderador de vocês contribuiu muito para o aperfeiçoamento desse trabalho. Meu muito obrigada;

Aos colegas da minha turma, por terem compartilhado comigo aprendizagem, em especial, a Eliane Maués, pela parceria nos trabalhos em dupla, e ao Joventino, Maria Lúcia e o Thiago, por dividirem comigo os conhecimentos nos trabalhos em grupos de estudos. Levarei a amizade deles para a vida;

Aos servidores da escola que trabalho: à direção, coordenação pedagógica, colegas professores e aos demais funcionários, que cooperam comigo diariamente na busca por uma educação com qualidade;

Aos alunos do 8º ano C, da Escola Judith Gomes Leitão, sei que não foi fácil, mas vocês são os maiores responsáveis pela conclusão desta pesquisa. Obrigada por toda dedicação durante as aulas e atividades solicitadas;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa a mim concedida, pois contribuiu bastante como suporte financeiro;

A todos os amigos, que de maneira direta ou indireta, apoiaram-me na realização desta conquista;

São muitas as pessoas que dividiram comigo as alegrias, tristezas, conquistas...

Acredito que não consegui citar o nome de tod@s nesse agradecimento, porém, sou muito grata aos que, de alguma forma, cruzaram meu caminho e me deram a mão durante todo meu percurso como discente.

A tod@s, sem exceção...

Meu muito obrigada!

“A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana”.

(Orlandi, 2015, p.13)

“A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

(Freire, 2020, p.108)

RESUMO

A presente pesquisa, produzida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), tem como objetivo principal desenvolver uma proposta de ensino de linguagem com procedimentos metodológicos que visam contribuir com as práticas de leitura, interpretação e análise de textos de alunos da Educação Básica. Para a fundamentação teórica desta pesquisa, utilizamos o aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de linha franco-brasileira, materialista, estruturada por Michel Pêcheux, na França, e desenvolvida de maneira significativa por Eni Orlandi, no Brasil. Diante disso, esta pesquisa foi pensada, considerando que, nas aulas de Língua Portuguesa, há uma necessidade de se trabalhar com teorias que considerem o funcionamento da linguagem nas práticas de leitura e interpretação de textos e a AD apresenta conceitos teóricos e analíticos que perpassam essas questões. Contudo, antes do desenvolvimento da proposta com os alunos, foram analisados 12 recortes de fake news em circulação na internet, propagadas pelo ex-presidente do Brasil durante o período da pandemia da covid-19, por meio de vídeos e reproduzidas por escrito. Essas fake news mostram o descumprimento de cuidados com a saúde indicados por órgãos como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e apontam para discursos desinformativos, anticiência, de negação e minimização do vírus, com priorização da economia. A proposta foi desenvolvida em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no município de Marabá, estado do Pará. A proposta seguiu os procedimentos metodológicos propostos por Guimarães e foi desenvolvida por meio de três módulos: Módulo I - apresentação da proposta de ensino aos alunos; Módulo II - o professor analisou previamente recortes de fake news e trabalhou com os alunos; e no Módulo III - os discentes pesquisaram fake news e analisaram recortes na sala de aula com a intervenção do professor. Além das leituras e análises, eles também realizaram produções escritas, considerando que ao final de cada módulo foram desafiados a produzir sínteses de 5 a 10 linhas sobre a compreensão que obtiveram das atividades trabalhadas, seguindo os movimentos e passos indicados por Guimarães (2012). Assim, com o desenvolvimento das atividades, percebeu-se que os procedimentos metodológicos utilizados contribuíram de maneira significativa para as habilidades de leitura e interpretação dos discentes, visto que, na prática, eles demonstraram o entendimento de que, ao analisar um texto, o mais importante é compreender o funcionamento da linguagem, na perspectiva de que, em uma análise, deve-se considerar os sujeitos constituídos histórica e ideologicamente, além das determinadas condições de produção. Vale mencionar ainda que as atividades de análise colaboraram para que os alunos enxergassem os textos, principalmente os em circulação nas redes sociais, de maneira mais reflexiva e menos ingênua.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Leitura; Ensino; *Fake News*; Covid-19.

ABSTRACT

This research, produced within the scope of the Professional Master's Program in Languages – PROFLETRAS – at the Federal University of Southern and Southeastern Pará (UNIFESSPA), has as its main objective to develop a proposal for teaching language with methodological procedures that aim to contribute to the practices of reading, interpretation and analysis of texts of students in Basic Education. For the theoretical basis of this research, we used the theoretical-methodological contribution of Discourse Analysis (DA) of the Franco-Brazilian, materialist line, structured by Michel Pêcheux, in France, and significantly developed by Eni Orlandi, in Brazil. In view of this, this research was designed considering that, in Portuguese language classes, there is a need to work with theories that consider the functioning of language in the practices of reading and interpreting texts, and DA presents theoretical and analytical concepts that permeate these issues. However, before developing the proposal with the students, analyses were carried out on 12 excerpts of fake news circulating on the internet, propagated by the former president of Brazil during the COVID-19 pandemic, through videos and reproduced in writing. These fake news stories show the failure to comply with health care measures recommended by organizations such as the World Health Organization (WHO) and point to misinformation, anti-science, denial and minimization of the virus, with a focus on the economy. The proposal was developed in an 8th grade class at a public school in the city of Marabá, state of Pará. The proposal followed the methodological procedures proposed by Guimarães and was developed through three modules: Module I - presentation of the teaching proposal to the students; Module II - the teacher previously analyzed excerpts of fake news and worked with the students; and in Module III - the students researched fake news and analyzed excerpts in the classroom with the intervention of the teacher. In addition to reading and analyzing, they also produced written works, considering that at the end of each module they were challenged to produce summaries of 5 to 10 lines about the understanding they obtained from the activities worked on, following the movements and steps indicated by Guimarães (2012). Thus, with the development of the activities, it was noted that the methodological procedures used contributed significantly to the reading and interpretation skills of the students, since, in practice, they demonstrated the understanding that, when analyzing a text, the most important thing is to understand how language works, from the perspective that, in an analysis, one must consider the historically and ideologically constituted subjects, in addition to the specific conditions of production. It is also worth mentioning that the analysis activities helped the students see the texts, especially those circulating on social networks, in a more reflective and less naive way.

Keywords: Discourse Analysis; Reading; Teaching; Fake News; Covid-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lugar do “Sujeito social”, para a AD	32
Figura 2 – Bolsonaro Apresenta no Jornal Nacional a Cartilha do Suposto “Kit Gay”	40
Figura 3 – Charge retrata medo de vacina no século XIX.....	45
Figura 4 - Negacionista à vacina em 1881	47
Figura 5 - Vídeo 1 – Contêm os enunciados de 01 a 07	55
Figura 6 - Vídeo 2 – Contém o enunciado 08	55
Figura 7 - Vídeo 3 – Contém o enunciado 09.	56
Figura 8 - Vídeo 4 – Contêm os enunciados 10 e 11 – com discursos negacionistas à vacina.56	
Figura 9 - Vídeo 5 – Contém o enunciado 12	57
Figura 14 - Estatística da vacinação no Brasil de 2011 a 2021	85
Figura 15 - Fake news de uma emissora Italiana alegando que a covid-19 foi criada pelos chineses.....	88
Figura 16 - Vídeo do ex-presidente negando a vacina.	92
Figura 17 – <i>Fake News</i> pesquisada pelos alunos para análise.....	99

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Área externa da escola – espaços que dividem os blocos das salas	67
Imagem 2 - Pátio da área de entrada da escola.....	67
Imagem 3 - Refeitório da escola.....	68
Imagem 4 - Capa do livro didático – Singular & Plural.....	69
Imagem 5 - A professora expondo o primeiro módulo aos alunos.....	80
Imagem 6 - Discente A - Produzindo a síntese acerca do primeiro módulo.	81
Imagem 7 - Discente B - Produzindo a síntese acerca do primeiro módulo	81
Imagem 8 - Produção textual 1 – Sobre o primeiro módulo.	81
Imagem 9 - Produção textual 2 - Sobre o primeiro módulo	82
Imagem 10 - A professora expondo o segundo módulo aos alunos.	95
Imagem 11 - Discente A - Produzindo a síntese do segundo módulo.....	96
Imagem 12 - Discente B - Produzindo a síntese do segundo módulo.	96
Imagem 13 - Produção textual 1 - Sobre o segundo módulo	96
Imagem 14 - Produção textual 2 - Sobre o segundo módulo.	97
Imagem 15 - Produção textual 3 - Sobre o segundo módulo.	97

Imagem 16 - Produção textual 4 - Sobre o segundo módulo	97
Imagem 17 - Encerramento do desenvolvimento da proposta com os alunos.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização geral do livro - Singular & Plural.....	70
Quadro 2 – Quadro dos objetivos da proposta	76
Quadro 3– Apresentação da proposta de intervenção com a exposição dos conceitos básicos da AD.....	78
Quadro 4 - Histórico das vacinas no Brasil	82
Quadro 5 - Objetivos a serem alcançados a partir das análises apresentados aos alunos.....	89
Quadro 6 - Recortes de textos analisados pelo professor acerca dos enunciados 1 e 2.....	90
Quadro 7 - Discursos analisados pelo professor sobre o enunciado 3.....	92
Quadro 8 – Os alunos analisam e apresentam	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID	(co)rona (vi)rus (d)isease/doença do coronavírus
GPPPAI	Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação
HP	Hora Pedagógica
HTP	Hora de Trabalho Pedagógica
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PA	Pará
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
PNI	Plano Nacional de Imunizações
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SUS	Sistema Único de Saúde
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
TDICs	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicações
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFPA	Universidade do Sul e Sudeste do Pará
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

MEMÓRIA: PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL	16
INTRODUÇÃO	22
1 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	27
1.1 Análise do Discurso: noções básicas	27
1.2 A constituição da Análise do Discurso.....	28
1.3 O sujeito na AD.....	31
1.4 Discurso e interdiscurso	33
1.5 Condições de produção do discurso.....	35
1.6 Ideologia na AD	36
2 HISTÓRICO DAS FAKE NEWS E SUAS INFLUÊNCIAS NA NEGAÇÃO À VACINA	38
2.1 As incertezas do surgimento das <i>fakes news</i> X consequências diante de um contexto pandêmico	38
2.2 O negacionismo às vacinas é histórico	44
3 FAKE NEWS: COMO SÃO VISTAS NA NOVA BNCC E O DISCURSO EM REDE	49
3.1 Como são tratadas as fake news na BNCC	49
3.2 Discurso em rede.....	50
4 ANÁLISES E PROPOSTA DE ENSINO DE LINGUAGEM.....	52
4.1 Análises e processos analíticos.....	52
4.2 Corpus de análise.....	53
4.3 Análises dos enunciados.....	57
4.3.1 Formações Discursivas que sustentam os enunciados em análise	57
4.3.2 Discurso de primazia à economia	58
4.3.3 Discurso negacionista e de minimização do vírus	60
4.3.4 Discurso de negação à ciência	61
4.4 Algumas considerações	63
5 CONTEXTO DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA E OS SUJEITOS ENVOLVIDOS	65

5.1 Contexto de aplicação da proposta interventiva	65
5.2 Livro didático utilizado pelos sujeitos da pesquisa	68
6 METODOLOGIA E PROPOSTA DE ENSINO DE LINGUAGEM PELO VIÉS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	71
6.1 Detalhamento da metodologia	71
6.2 Leitura e interpretação em sala de aula considerando a Análise de Discurso.....	72
6.3 Procedimentos metodológicos da proposta de ensino de linguagem	75
6.4 Elaboração e desenvolvimento da proposta de ensino de linguagem	76
6.5 Objetivos que visamos alcançar com o desenvolvimento da proposta interventiva..	76
6.6 Módulo I: apresentação da proposta interventiva aos alunos e sondagem acerca do histórico das <i>fake news</i> e das vacinas no Brasil	77
6.6.1 Movimento I: apresentação e sondagem	77
6.6.2 Movimento II: a importância de conhecer o histórico da vacina	82
6.6.3 Módulo II: o Professor analisa e apresenta	86
6.6.4 O <i>Corpus</i> analisado selecionado previamente pelo professor	87
6.6.5 Movimento I: apresentação dos objetivos a serem alcançados com as análises dos recortes dos textos desinformativos	89
6.6.6 Movimento II: apresentação dos primeiros enunciados com discurso desinformativo ..	90
6.6.7 Movimento III: a apresentação das análises dos enunciados do texto 3 com discurso desinformativo.....	92
6.7 Módulo III: alunos como protagonistas das pesquisas	98
6.7.1 Movimento I: os alunos praticam o que aprenderam nos módulos I e II.....	98
6.8 Relato da aplicação dos módulos	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS	107
ANEXO.....	110

MEMÓRIA: PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

A ideia de recorrer ao não usual e dividir a “introdução” do trabalho em duas partes surgiu a partir dos apontamentos indicados pela banca de qualificação. Desse modo, o primeiro momento foi dedicado à apresentação de um relato pessoal. Assim, não pretendo realizá-lo utilizando um tom de escrita acadêmica, mas contar um pouco do meu percurso enquanto estudante e profissional da docência, no qual almejo mostrar as motivações pessoais e profissionais que me levaram aos estudos referentes a temática e linha teórica utilizada nesta dissertação.

Optei por iniciar esse percurso fazendo uma breve apresentação biográfica. Começo dizendo que nasci no dia 11 de fevereiro de 1972, na cidade de Araguatins, no estado do Tocantins, que antes pertencia ao estado do Goiás. Aos 16 anos, decidi buscar outros horizontes e mudei-me para Marabá, cidade onde me encontro até nos dias atuais. Sou filha de Sebastiana dos Santos Costa e Raimundo Martins (*in memoriam*), e meu padrasto Júlio Gonçalves Costa. Tenho seis irmãos, cinco vivos e um que faleceu no ano do desenvolvimento desta dissertação.

Bosi, no seu texto “O tempo vivo da memória”, nos diz que “a narração da própria vida é o testemunho de mãos eloquentes dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (Bosi, 2003, p. 68). Ao partir dessa afirmativa, pretendo relatar aqui, mesmo que de forma sucinta, minhas experiências com o mundo da linguagem, considerando uma linha do tempo que vai desde o meu primeiro contato com os livros no Ensino Básico, passando pela graduação até o mestrado, onde me encontro agora. Para tanto, relatarei os fatos que considero mais significativos e marcantes, os quais serviram de base para compor a profissional e a aprendiz que hoje sou. Como afirma Soares (2001), em seu Memorial, “Procuro-me no passado e outrem me vejo, não encontro a que fui, encontro alguém que a que foi vai reconstruindo com a marca do presente” (p. 37). Nesse sentido, pode-se dizer que o tempo nos transforma, e disso não temos como fugir, pois somos sujeitos assujeitados, atravessados pela história e pela ideologia, e o que dizemos é construído pelo já-dito, como veremos no decorrer deste texto, considerando a teoria da Análise do Discurso.

Assim, ao narrar sobre minhas lembranças e experiências com a leitura, interpretação e análise de texto, bem como em relação à escrita, procurarei referenciar pessoas e acontecimentos que fizeram e fazem parte da minha trajetória. Dessa forma, penso que é quase impossível construir um relato da minha vivência escolar sem levar em consideração as instituições de ensino por onde já passei e por onde estou passando atualmente, e sem adentrar

em assuntos, mesmo que de forma superficial, relacionados à família (padrasto, mãe e irmãos/irmãs), com os quais estive envolvida durante um bom tempo da minha vida.

Quando criança, eu e minha família morávamos em fazendas, pois meu padrasto, como provedor da nossa casa, para manter nosso sustento, trabalhava cuidando de gados dos fazendeiros daquela região. Sem ter como nos manter na cidade, tínhamos que acompanhá-lo.

Falar sobre nossas recordações nem sempre é algo simples, pois nos leva a remexer no passado, a abrir gavetas, que muitas das vezes gostaríamos de deixar trancadas para sempre. No entanto, mesmo que as lembranças não sejam tão boas, não devemos vê-las como algo apenas negativo, pois, na maioria das vezes, são as memórias desagradáveis que nos proporcionam uma reflexão sobre os novos caminhos que pretendemos seguir, tanto formativos como profissionais, nos levando a ressignificar a cada dia e nos motivando a pensar sobre quem somos como pessoa no momento em que vivemos. E, assim, procurando, em cada situação, entender melhor os pressupostos que norteiam nossa formação, tendo em vista que nossa trajetória de vida é formada por questões sociais e históricas.

Nessa perspectiva, Bosi (2003) afirma que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (p. 55). Dessa forma, devemos utilizar nossas lembranças e memórias para fazermos um presente diferente e, quem sabe, até melhor.

As primeiras reminiscências que tenho em relação ao contato com a escola não são tão encantadoras, pois nasci em uma família em que meus pais quase não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola, por diversos motivos. Minha mãe, por exemplo, estudou somente até a 3ª série do primário, que hoje corresponde ao 2º ano do ensino fundamental, e meu padrasto é analfabeto, não sabe nem assinar o próprio nome. Diante disso, não tive muita ajuda por parte deles, mas essa foi uma das minhas motivações para seguir batalhando pelos meus objetivos. E o principal deles era estudar, pois não queria ser mais uma ignorante dos conhecimentos que se aprende na escola. Passei por muitos obstáculos em busca desse sonho, e disso não posso negar, mas afirmo que sou grata por tudo que vivi e como vivi. Hoje, compreendo que as dificuldades serviram para me transformar em quem hoje sou e me deram força para seguir em frente na busca dos meus objetivos.

Uma das piores recordações que tenho é do tempo em que eu queria tanto ir à escola, mas não podia, devido à distância. Para chegar até a escola mais próxima, eu teria que andar cerca de doze quilômetros todos os dias a pé, e, como eu ainda era pequena, isso não era possível. Meu primeiro contato com a escola foi aos nove anos de idade. Lembro-me que sentar em um banco escolar pela primeira vez foi algo inexplicável. Entretanto, os maiores problemas

ainda estavam por vir, considerando que a minha inserção um pouco tardia na escola me trouxe alguns prejuízos no aprendizado, principalmente na aquisição da leitura e da escrita, visto que a distorção idade e série faz uma diferença muito grande na vida do estudante. Com o tempo, essas dificuldades foram diminuindo, graças ao meu esforço e à minha dedicação.

Afirmo que não recordo muito bem quando foi que li meu primeiro livro. E devido à dificuldade que eu apresentava em relação à decodificação das letras do alfabeto, minhas professoras das séries iniciais só me mandavam ler e decorar todas as letras do alfabeto e fazer cópias diariamente. Isso não aguçava em quase nada a minha criatividade e o meu desenvolvimento reflexivo.

Buscando um pouco mais as recordações, lembro que, na 4ª série, a professora nos colocava para ler alguns textos da nossa cartilha do ABC e, algumas vezes, pedia pequenas narrações sobre algo do nosso dia a dia, o que mais gostávamos de fazer nas horas vagas, ou acerca do nosso animal de estimação, entre outros temas. No entanto, quando ela solicitava esse tipo de produção, o foco era saber como estávamos em relação à gramática e à estruturação do texto, pois nos devolvia a produção textual toda riscada de caneta vermelha.

Eu recebia aquele texto com muita vergonha, por acreditar que o erro estava totalmente em mim. Nem tinha coragem de mostrar para minha mãe, porque, como ele estava todo marcado com caneta vermelha, ela poderia me dar uma bronca e, quem sabe, até me tirar da escola, por acreditar que eu não estava conseguindo aprender. Dessa forma, como eu não queria correr o risco de parar de estudar, escondia o texto, e, às vezes, até o rasgava e jogava fora. Nota-se que essa forma de trabalhar se assemelha ao rigor dos procedimentos determinados pela gramática tradicional/normativa.

Ao chegar na 5ª série do ginásio, passei a ter aula de Língua Portuguesa com uma professora específica da área, não muito diferente de como ocorre hoje a partir do 6º ano. Era a década de 1980, período em que a denominação da produção escrita era “redação escolar”. Recordo que, durante as aulas de Português, a professora solicitava que lêssemos e produzíssemos textos escritos, considerando apenas duas tipologias textuais: narrativa e descrição. Vale acrescentar que o trabalho era voltado para a memorização das regras gramaticas, leitura e produção de gêneros textuais, sendo que os mais lidos e cobrados como produção textual eram fábulas, contos de fadas e poemas. Não me recordo de nenhum momento em que fosse solicitada alguma interpretação ou a análise de texto de forma que o aluno pudesse expressar seu entendimento ou ponto de vista, nem de algo que considerasse o funcionamento da linguagem.

Diante disso, pode-se dizer que aquela forma de trabalhar era distante da maneira como a teoria da Análise de Discurso norteia seus procedimentos de análise, pautando-se na prática da leitura e da interpretação, visando um aprendizado que concebe um processo de produção de sentidos por meio de análise discursiva, considerando as condições de produção dos textos.

Cursei o ensino médio no início da década de 1990, na época em que havia os cursos técnicos. Optei por fazer Administração, cujas disciplinas eram voltadas para as exatas, que eram as minhas preferidas. Porém, com o tempo, algumas situações me fizeram mudar de preferência. Naquela época, aqui em Marabá, nas escolas públicas, não havia incentivo para prestar o exame de vestibular, e nem se ouvia falar muito sobre esse assunto. Nesse período, eu já morava nesse município e, na verdade, eu só queria concluir o ensino médio para receber o diploma e conseguir um emprego para ajudar minha família, por exigência do mercado de trabalho. O curso técnico voltado para esse fim, cobrando dos alunos que saíssem do curso com a capacidade de produzir cartas, ofícios, memorandos, entre outros gêneros textuais, que iriam auxiliá-los na prática profissional. Mas, na verdade, isso não dava nenhuma garantia de emprego.

Nesse período, em relação à leitura e interpretação de texto, como já mencionei, não tenho muitas recordações, pois só consegui ler um livro por inteiro quando entrei no cursinho para prestar vestibular, onde fui obrigada, já que, como o próprio nome sugere, tínhamos que realizar algumas leituras obrigatórias.

Meu ingresso na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus – Marabá, aconteceu em 2001. Escolhi o curso de Letras, porque, nessa época, eu já trabalhava em uma escola como auxiliar de secretaria. Esse ambiente contribuiu para que eu me encantasse pelo universo educacional. Diante disso, surgiu o interesse em ministrar aulas, mediar conhecimentos e aprender mais sobre o universo letrado. No entanto, foi mais um grande desafio que tive de enfrentar, devido ao pouco tempo disponível, pois precisava dividir meus dias entre os cuidados com os filhos, afazeres domésticos, esposo e trabalho fora de casa.

Apesar disso, posso afirmar que foi nessa universidade que entendi o quanto a leitura é importante, principalmente no que se refere à contribuição para a interpretação e compreensão dos diversos significados da linguagem presentes nos textos. Quanto mais se lê, mais se ampliam os horizontes para o entendimento. Aprendi, ainda, que o texto possui relação com o social e o histórico, e que uma produção textual não deve ser solicitada ao aluno apenas com o propósito de correção gramatical e estrutural, mas também para observar o entendimento e a criatividade de quem o escreve. Nesse sentido, a capacidade criativa do aluno é valorizada,

levando-se em consideração a expressão individual de cada sujeito. Assim, o texto produzido pelo aluno é compreendido como o resultado de um processo criativo.

Ao concluir a graduação, no mesmo ano passei no concurso público municipal de Marabá e ingressei numa escola para ministrar aulas de Língua Portuguesa, para alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. No início, não foi fácil, visto que, embora eu tivesse adquirido a teoria na faculdade, minha experiência prática era quase inexistente. Passei a participar das formações promovidas pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) deste município e buscava ler bastante sobre o que os teóricos apresentavam, especialmente sobre leitura e escrita.

Diante disso, percebi a necessidade de fazer uma pós-graduação *lato sensu* para melhorar minhas práticas de ensino. Resolvi, então, fazer uma especialização semipresencial com o tema “Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e da Literatura”, que, de certa forma, me ajudou com algumas práticas.

Entretanto, percebia que ainda havia uma necessidade de aprimorar cada vez mais meus métodos em sala de aula, visando proporcionar ao meu aluno a compreensão de que ele faz parte do conhecimento. Esse foi um dos motivos que me levou a decidir entrar no ProfLetras, pois vi nesse mestrado a possibilidade de melhorar ainda mais a minha prática como docente. Foram algumas tentativas de aprovação na seleção, e na terceira eu consegui. Compreendo que foi uma das melhores escolhas que já fiz, levando em consideração minha formação profissional, apesar das dificuldades enfrentadas, especialmente por ter que conciliar estudo e trabalho, tendo em vista que, para cursar o ProfLetras, era obrigatório estar em sala de aula, por se tratar de um mestrado profissional.

É importante ressaltar também que a escolha foi motivada pela observação de que, nas turmas em que ministro aulas, percebia a falta de metodologias que trabalhassem com a leitura e a análise de textos de maneira significativa. Assim, resolvi desenvolver, mesmo que apenas em uma turma, uma proposta de intervenção diferenciada, em que a leitura e a análise de textos rompessem com os padrões metodológicos preestabelecidos nas escolas. Ou seja, busquei trabalhar com uma teoria que procurasse ir além dos limites prescritivos, desapegando-me das teorias determinadas nos documentos normativos impostos pelas unidades de ensino às quais estou vinculada, e procurei apropriar-me de outros procedimentos metodológicos.

Foi nessa perspectiva que busquei desenvolver um trabalho que levasse em consideração as condições de leitura, interpretação e análise de textos em sala de aula, buscando distanciar-me de métodos que priorizam principalmente as questões gramaticais dos textos. Nesse sentido,

procurei realizar um trabalho que dialogasse com o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa materialista.

Convém ressaltar ainda que, a opção por esse aporte teórico e do objeto de estudo para o desenvolvimento dessa pesquisa ocorreu durante o primeiro semestre do mestrado, com a participação na disciplina “Elaboração de Projetos”, ministrada pelas professoras Simone e Rosimar, sendo esta última a orientadora desta dissertação. Nessa disciplina, houve um momento em que nos foi solicitado a definição do viés de pesquisa e o objeto de estudo. Apesar de a disciplina, “Análise do Discurso de linha francesa” não ter sido ofertada na graduação, eu já havia lido alguns textos sobre essa teoria. Assim, durante as discussões nas aulas da referida disciplina, mostrei-me interessada em trabalhar com *fake news* sob o viés dessa teoria.

Nesse cenário, a professora Rosimar se propôs a orientar-me, por ser um aporte teórico no qual ela já desenvolve pesquisas. Para mim, foi um grande desafio “mergulhar” em uma teoria com a qual eu tinha pouca familiaridade. No entanto, resolvi encará-lo, confiante nas orientações da professora Rosimar e por perceber que minha prática em sala de aula necessitava de metodologias que ajudassem meus alunos, principalmente no que se refere à leitura e interpretação de textos. Foi uma oportunidade de buscar novos conhecimentos que pudessem resultar em procedimentos de ensino capazes de transformar, de maneira positiva, o contexto educacional onde trabalho, especialmente no que se refere ao ensino de língua, tendo como base o funcionamento da linguagem.

INTRODUÇÃO

Como apontado na apresentação do relato pessoal, neste estudo mostraremos algumas das contribuições que a Análise do Discurso traz para o ensino da linguagem, levando em consideração as condições de produção em sala de aula, com o trabalho de Língua Portuguesa, por meio de elaboração e aplicação de uma proposta de intervenção com a contribuição dos conceitos e procedimentos dessa teoria. O interesse pela temática surgiu a partir da percepção de que havia uma grande necessidade de realizar com os alunos, práticas de leitura e análise de texto que possibilitasse um trabalho com a linguagem em funcionamento.

Nessa perspectiva, foram realizadas análises de recortes de enunciados de algumas *fake news*¹ acerca da covid-19², produzidas e em circulação nas redes sociais durante o período da crise sanitária mundial que assolou o Brasil a partir do mês de março de 2020. Antes do desenvolvimento da proposta, foram realizadas algumas análises de discursos desinformativos em pronunciamentos do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, propagados durante *lives* na internet. O trabalho embasou-se na teoria da Análise do Discurso francesa materialista, estruturada por Michael Pêcheux na França e desenvolvida por Eni Orlandi, no Brasil, levando em consideração que, apesar de fundamentar seus estudos nos postulados de Pêcheux, Orlandi expande essa teoria ao desenvolver um campo de pesquisa discursiva no contexto brasileiro.

Procuramos desenvolver a pesquisa priorizando, principalmente, o que o ProfLetras solicita: que haja um projeto de intervenção que se configure como uma interferência na realidade escolar, proporcionada por leituras, pesquisas e estratégias de ação fundamentadas teoricamente.

Nesse sentido, este trabalho considera a perspectiva da Análise do Discurso (AD), segundo a qual os significados não estão na língua, mas nas relações estabelecidas com a exterioridade e os processos discursivos. A prática da leitura e interpretação é visto como um processo de produção de significados, influenciado pela posição social do sujeito. Nessa visão, a língua se materializa no discurso, sendo o discurso um espaço onde a língua e a ideologia se entrelaçam. Assim, os resultados das pesquisas de Orlandi, pelo viés da AD, revelam que a

¹ *Fake news* consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda *online*, como nas mídias sociais. Este tipo de notícia é escrito e publicado com a intenção de enganar, a fim de se obter ganhos financeiros ou políticos, muitas vezes com manchetes sensacionalistas, exageradas ou evidentemente falsas para chamar a atenção. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Not%C3%ADcia_falsa. Acesso: 08 maio de 2023.

² Covid-19 é uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. A doença é potencialmente grave, altamente transmissível e espalhou-se por todo o mundo. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/covid-19-2>. Acesso: 08 maio de 2023.

linguagem é um instrumento de poder, capaz de influenciar e moldar a percepção e a interpretação dos indivíduos em relação à realidade social.

A pesquisa aborda as condições de produção de *fake news*, especialmente as disseminadas durante a pandemia da covid-19, considerando como os sentidos são constituídos nesses tipos de textos. Assim, busca-se mostrar como essas desinformações afetaram a população, promovendo o discurso negacionista, principalmente em relação à vacinação.

Dialogando com os processos metodológicos da AD, buscamos desenvolver uma proposta de intervenção por meio de leitura, interpretação e produção de textos, seguindo alguns movimentos e passos propostos por Guimarães (2012). Com o objetivo de contribuir com a capacidade dos alunos de refletirem sobre os discursos em funcionamento nos textos, principalmente os desinformativos em circulação nas redes sociais. Para Guimarães (2012),

[...] torna-se decisivo considerar que a questão central para o ensino da compreensão e produção de texto, não é a da correção linguística, o que não quer dizer que os aspectos conhecidos como gramaticais não tenham interesse. Ou seja, o principal a se observar no texto não é se ele é correto, segundo um padrão linguístico normatizado. Trata-se de considerar como ele faz sentido (Guimarães, 2012, p. 171-172).

Considerando ainda que, pelo viés da AD, o texto é visto como materialidade discursiva, sendo sua unidade de análise, pois ao analisar um texto, o analista leva em conta não apenas os elementos linguísticos, mas também a exterioridade que o afeta. Tendo em vista que não podemos deixar de interpretar o que nos rodeia, Orlandi (2015) afirma que,

o discurso é [...] palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (p. 13).

Dessa forma, deve-se observar o sujeito falando e como ele realiza essas práticas discursivas. Assim, analisar um discurso nessa perspectiva implica em, inicialmente, tomá-lo como objeto teórico, ou seja, como objeto histórico-ideológico, produzido a partir de práticas sociais de linguagem e manifestado em sua forma material “que é a forma encarnada na história para produzir sentidos” (Orlandi, 2015, p. 17), forma esta que é, ao mesmo tempo, linguística e histórica. Reconhecer que há uma historicidade inscrita na linguagem significa compreender que não existe um sentido literal, já posto, e que o sentido não pode ser qualquer um, visto que toda interpretação é regulada por condições de produção específicas. Nessa perspectiva, a linguagem passa a ser concebida como prática social em que a exterioridade lhe é constitutiva, e o sujeito, como “lugar de significação historicamente constituído” (Orlandi, 2020, p. 36).

Para Pêcheux (1990), a AD ganhou traços que a aproxima mais de uma disciplina de interpretação, assumindo “o objetivo de explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados” (Pêcheux, 1990, p. 23). Nas palavras de Orlandi (2003), “compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação” (p. 117). Dessa forma, ao analisar um texto, os analistas devem levar em conta a “posição social” do sujeito, os elementos linguísticos e os extralinguísticos, e a língua, vista como não transparente.

O objetivo geral deste trabalho é elaborar e desenvolver uma proposta de ensino de linguagem que visa trabalhar de forma significativa a leitura e análise de recortes de *fake news* em circulação nas redes sociais, no período da pandemia da covid-19, considerando os conceitos teóricos e analíticos da AD e seguindo os procedimentos metodológicos de Guimarães, com uma turma de 8º ano, além de disponibilizar essa proposta aos profissionais do ensino de Português.

Os objetivos específicos incluem a compreensão do cenário sócio-histórico e político da pandemia da covid-19; a análise dos mecanismos de produção de enunciados desinformativos e a investigação dos processos discursivos presentes nesses enunciados.

A pesquisa busca, assim, contribuir para uma compreensão da relação entre linguagem, discurso e interpelação histórica e ideológica, e como isso afeta a leitura e a interpretação dos sujeitos, proporcionando aos discentes uma leitura reflexiva e menos ingênua dos textos em circulação nas redes sociais digitais.

Considerando o nosso objeto de análise e o viés teórico adotado, partimos do seguinte problema da pesquisa: como a teoria da Análise do Discurso pode contribuir para o ensino de leitura e interpretação de textos dos alunos do ensino básico? Como propor atividades de leitura e análise discursiva de recortes de textos desinformativos para as aulas de Língua Portuguesa na educação básica?

A justificativa para a adoção de discursos que se constituem como desinformativos como objeto de estudo deste trabalho está no fato de que, atualmente, os alunos têm bastante contato com esse tipo de texto, considerando que estão constantemente em circulação nas redes sociais digitais mais acessadas por eles. No entanto, os alunos apresentam dificuldades para interpretar os discursos em funcionamento nesses tipos de textos. A adoção da análise sob a perspectiva da AD ocorreu devido ao fato de que os procedimentos dessa teoria permitem observar o indivíduo se expressando através de seu contexto sócio-histórico-ideológico.

Sob essa perspectiva, Orlandi (2015) aponta que a construção de um dispositivo de interpretação tem como característica “[...] colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito

diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (p.57). Assim, a proposta da AD consiste em “ver além das aparências”, ou seja, constatar no discurso do indivíduo não só os conteúdos ditos, mas também os não ditos, considerando ainda que o sujeito não é dono do seu dizer, visto que é interpelado pelo que já foi dito anteriormente.

Para facilitar o desenvolvimento do trabalho, estruturamos o texto em sete seções. Na primeira, apresentamos o quadro teórico-metodológica da AD e alguns conceitos basilares, dessa teoria, que serviram como base para o desenvolvimento da leitura e análise dos recortes de pronunciamentos desinformativos do ex-presidente em circulação na internet, bem como nas análises realizadas com os alunos no desenvolvimento da proposta de ensino de linguagem.

Na segunda seção, discorremos sobre o histórico das *fakes news*, que segundo alguns estudiosos, não há uma data exata que comprove como e quando surgiu a primeira notícia falsa, porém a nomenclatura *fake news* apareceu pela primeira vez durante a campanha do ex-presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump. Também abordamos o histórico das vacinas, que desde o seu surgimento sofrem ataques com discursos negacionistas, intensificados nos últimos anos, especialmente durante o período pandêmico, devido a questões políticas e ao avanço das redes sociais digitais.

Na terceira seção, mostramos como as *fake news* são tratadas na Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e como se dá a condição de produção desse tipo de texto na internet.

Na quarta seção, realizamos as análises de 12 falas retiradas de pronunciamentos do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, propagados no período da pandemia do covid-19, por meio de entrevistas concedidas em *lives* e reproduzidas textualmente na internet. Esses discursos negavam a existência do vírus, rejeitavam a ciência e priorizavam a economia. Diante disso, foram realizados gestos de interpretação, considerando as condições de produção em que os textos foram constituídos.

Na quinta seção, apresentamos o contexto de aplicação da proposta de ensino de linguagem e os sujeitos da pesquisa. Já na sexta, apresentamos a elaboração e aplicação da proposta, desenvolvida com os alunos, por meio de três módulos com o desenvolvimento de movimentos e passos, na seguinte sequência:

Módulo I – Apresentamos a proposta de ensino aos alunos, com a exposição dos objetivos a serem alcançados e os conceitos básicos da AD (discurso, sujeito, interdiscurso, condições de produção e formações discursivas). Considerando que as atividades foram elaboradas para serem desenvolvidas com alunos do ensino básico, mais especificamente em

um oitavo ano do ensino fundamental, evitamos usar os termos técnicos dessa teoria. Além disso, nesse primeiro módulo, realizamos uma breve abordagem sobre o histórico das *fake news* e das vacinas no Brasil;

Módulo II – Neste módulo, por meio dos conceitos teóricos e analíticos da AD e através dos procedimentos metodológicos de Guimarães, realizamos previamente análises de recortes de textos desinformativos em circulação nas redes sociais no período da pandemia da covid-19. Nos textos, observamos a presença de dois discursos distintos: discurso xenofóbico, considerando que o efeito de sentido produzido aponta para possível afirmação de que o coronavírus foi criado pelos chineses; e o segundo, um dos pronunciamentos do ex-chefe de governo, que apresenta discurso anticiência com negação à vacina. É importante destacar que, nesse módulo, as análises foram realizadas previamente pelo professor e trabalhadas com os alunos em sala de aula, servindo como exemplo para o desenvolvimento do módulo III.

Módulo III – Neste módulo, os alunos pesquisaram textos com discursos desinformativos e analisaram alguns recortes desses textos com o auxílio do professor, seguindo os procedimentos do módulo II. Após a aplicação da proposta, o professor descreveu, por meio de relatos escritos, como se deu o desenvolvimento dos módulos.

E, por último, as considerações finais, apresentando alguns resultados alcançados com esta pesquisa, a partir das análises desenvolvidas, principalmente com a aplicação da proposta interventiva com os alunos em sala de aula. Considerando que os procedimentos metodológicos utilizados na proposta de ensino foram indicados por Guimarães e que as análises foram embasadas na teoria da AD, que leva em conta os processos de condições de produção em que o discurso é constituído. Este trabalho possibilitou aos alunos a olhar os textos, em especial os em circulação na internet, de maneira mais reflexiva de menos ingênua.

1 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1 Análise do Discurso: noções básicas

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, as expressões e proposições são produzidas [...], mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (Pêcheux, 1995, p. 160).

Nesta seção, discorreremos acerca da teoria da Análise do Discurso de linha francesa materialista, abordando alguns conceitos discursivos que constituem o dispositivo dessa teoria, tais como: “posição social” do sujeito, formações discursivas, memória discursiva, condições de produção, entre outros, que serão tratados conforme houver necessidade no momento das análises, considerando as noções discursivas que serão mobilizadas durante os movimentos de análise.

É importante ressaltar que a AD surgiu na França no final da década 1960, como uma das respostas e rupturas a um modelo estruturalista que se destacou fortemente nos anos anteriores, no qual se priorizava a estrutura da língua em detrimento dos fatores extralinguísticos, tendo como modelo os estudos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure. Vale ressaltar que as contribuições herdadas desse teórico são consideradas importantes, pois, até nos dias atuais, vemos em diversas pesquisas desenvolvidas pelo viés da linguística (re)visitas aos seus postulados para analisar os diferentes objetos e discursos que circula(ra)m nas sociedades. No entanto, o principal a ser considerado nos estudos da AD de linha francesa é que Pêcheux rompe com a visão da língua na perspectiva do estruturalismo e passa a incluir o sujeito e a história em seus estudos.

A AD trabalha a partir de diversas práticas discursivas de diferentes naturezas, tais como: imagem, som, textos orais e escritos, entre outros. Considerando a exterioridade constitutiva dos sujeitos e dos sentidos, que estão inscritos em uma ordem sócio-histórica e atravessados pela ideologia. E é por meio dessas práticas que a teoria da Análise de Discurso permite uma relação mais próxima com a linguagem, tendo em vista que é nesse aspecto que a linguagem é entendida como mediação necessária entre o sujeito e as condições de produção. Nessa perspectiva, compreende-se que as práticas discursivas estão em constante articulação com outras práticas nas relações sociais. Essas interações fazem com que o discurso seja uma

prática social ativa, e não passiva, em relação à sociedade. Assim, o discurso não atua isoladamente, mas em conjunto com outras práticas, tendo uma influência significativa na forma como a sociedade se organiza e se desenvolve.

Sob essa perspectiva, é importante destacar que, para a AD, a linguagem é compreendida de maneira diferente das outras linhas de pesquisas, que a entendem como simples transmissão de mensagens de um emissor para um receptor. Para a AD, portanto, no discurso ocorre uma interação entre os interlocutores, assim a língua não é vista apenas como código, pois as práticas discursivas são processos de identificação de sujeitos, de argumentação e de construção da realidade. Essas relações de linguagem são, na verdade, relações de sujeitos e de sentidos, cujos efeitos são variados. É importante considerar também que, para a AD, a língua não é transparente.

Vale salientar que a AD, ao buscar um espaço próprio nas relações com os estudos da Linguística, não o faz de forma tradicional, limitando-se a analisar o objeto no nível da definição da língua e voltando-se para a questão metodológica com foco no estruturalismo. A AD, nesse sentido, difere da visão de Saussure, que não considera os elementos da realidade e as questões sócio-histórica. Assim, a AD rompe com a análises estruturais e deixa ao analista a sua capacidade de lidar com os dados e as habilidades teóricas.

1.2 A constituição da Análise do Discurso

A Análise do Discurso é uma disciplina linguística que apresenta um campo de pesquisa com grande produtividade em inúmeros trabalhos. Este estudo, por exemplo, sustentou sua pesquisa pelo viés dessa teoria, que estuda a linguagem e seu funcionamento. Para Orlandi (2015) “a análise do discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólicos, pois intervém no real do sentido” (p. 24).

Ainda de acordo com Orlandi (2008), um objeto simbólico é visto como parte de um processo, o qual se realiza em um contexto, mas não se limita a ele, perpassando pela historicidade e projetando-se a um novo sentido que surgirá a partir dele. A produção de sentido ocorre por meio dos processos de leitura e, conseqüentemente, de interpretação, que levam em consideração o sujeito constituído a partir da historicidade e da interpelação ideológica. Visto que a definição de sujeito está relacionada com o lugar de onde ele fala, esse lugar é um espaço de posição-social. Uma mulher, por exemplo, pode dizer algo a partir do lugar de: médica, mãe, professora, motorista, machista, feminista, etc.

Nesse sentido, o sujeito não é visto como um ser autônomo, pois, na prática, é atravessado e interpelado pela ideologia. Por isso, podemos dizer que o sujeito é um acontecimento simbólico, “[...] se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentidos” (Orlandi, 2015, p. 46).

Ainda de acordo com essa pesquisadora brasileira, é importante ressaltar que:

[...] todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação. Os mecanismos de qualquer formação social têm regras de projeção que estabelecem as relações entre as situações concretas e as representações (posições) dessas situações no interior do discurso: são as formações imaginárias. O lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, é constitutivo de significações. Tecnicamente, é o que se chama relação de forças no discurso (Orlandi, 2008, p. 18).

Dessa forma, para Orlandi (2015), o discurso é efeito de sentidos entre locutores, e não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito sem ideologia. É dessa maneira que a língua faz sentido. A língua funciona por meio da memória discursiva e do interdiscurso.

Pêcheux (2008) propôs uma forma de trabalhar com a linguagem que aceita o desconforto de não se acomodar nas evidências e no lugar já estabelecido. A AD articula três áreas distintas de conhecimento, sendo elas: o Marxismo e sua perspectiva histórica; a Psicanálise, especialmente em relação ao inconsciente; e a própria Linguística, concebendo a língua como lugar de materialização do discurso. Nesse sentido, a AD se originou a partir da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise. Como destaca Orlandi (2015):

a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (Orlandi, 2015, p. 18).

É importante ressaltar que quando pensamos a AD, nos remetemos à materialidade linguístico-discursiva das disciplinas com as quais os autores que trabalham com essas linhas de pesquisas dialogam. Assim, Orlandi (2015) aponta como princípios que “a) a língua tem sua própria ordem; b) a história tem seu real afetado pelo simbólico; e c) o sujeito da linguagem é descentrado, pois [...] funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (Orlandi, 2015, p. 17-18). Dessa forma, para a AD, a linguística, as ciências humanas e sociais e a psicanálise utilizam

conceitos como o de inconsciente e história. Discute-se o sujeito e a língua em funcionamento, a linguagem, mas sem aderir completamente a nenhuma dessas áreas do conhecimento, pois a AD estabelece seu próprio campo de pesquisa/estudo.

Pode-se, assim, considerar que a AD se insere justamente nesse entremeio; porém, não procura falar sobre o mesmo sujeito que as áreas da sociologia³ e da antropologia⁴, pois o sujeito, para a AD, é afetado pelo histórico, o social e pela ideologia. A sociedade é atravessada pela linguagem e pelo imaginário, e a língua, para essa disciplina, é considerada um sistema falho.

Nesse sentido, Pêcheux e Fuchs (2010) mostram, em seus estudos, que a AD se forma no lugar em que a linguagem deve ser necessariamente referida à sua exterioridade para que se apreenda seu funcionamento enquanto processo significativo. O autor busca, em determinadas ciências, elementos teóricos para fundamentá-la, procurando meios de (re)significá-la:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (Pêcheux; Fuchs, 2010, p. 160).

E é nesse sentido que a AD se distancia da linguística no que se refere ao conceito de língua; se distancia também das ciências sociais no que se refere à ideologia; e, por fim, se distancia da psicanálise no que diz respeito ao sujeito. Porém, não se afasta totalmente, pois seus estudos produzem articulações entre essas áreas de conhecimento. Como lembra Malidier (2003):

o projeto de Michel Pêcheux nasceu na conjuntura dos anos de 1960, sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Ele, progressivamente, amadureceu, explicitou, retificou. Seu percurso encontra em cheio a virada da conjuntura teórica que se avoluma na França a partir de 1975. Crítica da teoria e das coerências globalizantes, desestabilização das positivities, de um lado. Retorno do sujeito, derivas na direção do vivido e do indivíduo, de outro. Deslizamento da política para o espetáculo! Era a grande quebra. Deixávamos o tempo

³É uma das ciências humanas que estuda a sociedade, ou seja, estuda o comportamento humano em função do meio e os processos que interligam os indivíduos em associações, grupos e instituições. Enquanto o indivíduo na sua singularidade é estudado pela psicologia, a Sociologia tem uma base *teórico-metodológica*, que serve para estudar os fenômenos sociais, tentando explicá-los, analisando os homens em suas relações de interdependência. Compreender as diferentes sociedades e culturas é um dos objetivos da sociologia. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia>. Acesso em: 11 mai. de 2023.

⁴É a ciência que tem como objeto de estudo o homem e a humanidade visando o comportamento humano, a biologia humana e a evolução, estudando padrões de comportamento e investigando sociedades antigas e presentes. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antropologia>. Acesso em: 11 mai. de 2023.

da ‘luta de classes na teoria’ para entrar no do ‘debate’. Neste novo contexto, Michel Pêcheux tentou, até o limite do possível, repensar tudo o que o discurso, enquanto conceito ligado a um dispositivo, designava para ele. (destaque da autora). (Maldidier, 2003, p. 16).

Ainda nessa perspectiva, Orlandi (2015) considera que:

a proposta intelectual em que se situa a Análise de Discurso é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso. Tendo como fundamental a questão do sentido, a Análise do Discurso se constitui no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história (Orlandi, 2015, p. 23).

Dessa forma, a AD se materializa como um campo significativo que contribui tanto nas interpretações mais complexas quanto nas mais básicas e em qualquer tipo de texto. Esse aporte teórico está ganhando uma importância cada vez maior em um mundo onde, muitas vezes, nem tudo é o que parece ser, e aí está a importância de compreender o sentido que fundamenta a linguagem, que, por sua vez, só faz sentido porque está registrada na história. É importante enfatizar que, nesse sentido, a história não deve ser vista simplesmente como uma evolução ou cronologia, mas entendida como prática social organizada a partir das relações. Em outras palavras, ao analista não basta apenas identificar dados históricos em um texto, mas sim entender de que forma esse texto produz sentido, levando em conta essas relações entre os sujeitos do discurso.

Para aprofundarmos a reflexão, na perspectiva da AD, faz-se necessário compreender alguns conceitos fundamentais dessa teoria, que serão melhor descritos nas seções seguintes.

1.3 O sujeito na AD

A noção de sujeito, para a Análise do Discurso, é vista de maneira diferenciada da análise sintática. O sujeito, na AD, é entendido como o ser que fala, inserido no mundo, em um contexto social e cultural, interpelado pela ideologia. Em outras palavras, a AD considera que, em um discurso, não há neutralidade do sujeito, mesmo no uso mais rotineiro da linguagem. Portanto, o sujeito, de acordo com essa teoria, é aquele que existe socialmente e não se apresenta como fonte absoluta de sentido, pois é marcado por outras falas que o constituem.

Conforme a AD, é mediante a produção de sentido que o discurso entre interlocutores se realiza. Dessa forma, ele passa a recuperar e construir um contexto histórico. Com isso, compreende-se que, no trabalho do analista, deve ser levada em consideração a maneira como

o sujeito é afetado pela ideologia, os sentidos que o determinam, ou melhor, o constituem, os quais estão inscritos na relação entre a paráfrase e a polissemia, uma relação que conduz o funcionamento da linguagem.

Portanto, seguindo esse pensamento, podemos dizer que o sujeito se constitui por meio de uma formação ideológica e histórica, e é dessa forma, que compreendemos as posições-sujeito presentes no objeto de estudo: discursos desinformativos do período da pandemia da covid-19. Tendo em vista que a pandemia, nesse sentido, pode ser vista como acontecimento discursivo, nessa pesquisa identificaremos, por meio das análises, a “posição social” dos sujeitos presentes nos discursos analisados.

Para exemplificar o conceito de posição-sujeito do discurso, utilizaremos uma *fake news* disseminada numa rede social digital no período pandêmico. Vejamos o exemplo:

Figura 1 - Lugar do “Sujeito social”, para a AD



Fonte: <https://www.metropoles.com/brasil/ugrpos-bolsonaristas-propagam-negacionismo-sobre-vacinas-contr-a-covid-19> Acesso em: 10 ago. 2023.

Na sequência discursiva “*médica diz que a ivermectina possui um nível de imunização maior que a vacina e diz que a pandemia já teria acabado se todos tivessem tomando*”, temos discurso negacionista à vacina, considerando que, na fala da médica, há uma indicação de um medicamento supostamente mais eficaz que a vacina para a imunização contra o coronavírus. No entanto, essa declaração não possui comprovação científica. Considerando que o enunciador

é uma médica, um sujeito que ocupa lugar de destaque em nossa sociedade, é possível dizer que houve maior credibilidade na indicação desse medicamento.

Vale ressaltar que o sujeito não tem controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem em um discurso e como atravessam os interlocutores, visto que os efeitos de sentido são produzidos a partir das formações discursivas dadas. Assim, o sujeito significa e é significado em determinadas condições de produção, pelo viés do interdiscurso, que sustenta e legitima seu dizer.

1.4 Discurso e interdiscurso

Nesta seção, trataremos acerca do discurso e do interdiscurso, considerando que, segundo os apontamentos da AD, o conceito de discurso se distancia da forma como é visto no senso comum. Para a AD, o discurso não se reduz à fala, à declaração, ao pronunciamento, ao texto ou à língua, mas precisa de algo além dos elementos linguísticos para existir. O discurso é influenciado pelos aspectos sociais, históricos e ideológicos, ou seja, é externo à língua. O discurso, portanto, não é visto apenas como uma simples condução de conhecimento, “[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, [...] e não meramente transmissão de informação” (Orlandi, 2015, p. 19). É nessa perspectiva que propomos analisar os discursos presentes nas *fake news* selecionadas para serem analisadas nessa dissertação.

Segundo Orlandi (2015, p. 37), as condições de produção que constituem os discursos funcionam a partir de alguns fatores, e um deles é a relação de sentidos, ou seja, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam. Nesse caso, o discurso é visto como um processo discursivo amplo, não existe começo nem ponto final para o discurso, pois ele sempre terá relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Para a AD, o discurso é compreendido como palavra em movimento, sendo também visto como prática de linguagem. Sendo assim, no estudo do discurso, observa-se o homem falando, pois não há como trabalhar a linguagem sem o sujeito, nem o sujeito sem a linguagem.

A Análise do Discurso trata do discurso através de uma compreensão da língua como resultado da materialidade da ideologia. Nessa perspectiva, para falar de discurso, faz-se necessário associar a linguagem, pois a AD percebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e as condições de produção dos dizeres. Essa mediação é feita pelo discurso, ou seja, pelas práticas discursivas nas quais o homem se insere, sendo capaz de significar e ressignificar-se. O discurso torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o

deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. Para tanto, “o discurso é o efeito de sentido entre os locutores” (Orlandi, 2015, p. 20).

Ao ressignificar a concepção de linguagem, passando a ser considerada como discurso, “efeito de sentidos”, conforme Pêcheux (2008), todo discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção que devem ser levadas em conta para a compreensão do efeito de sentido referente a ele. Dessa forma, é importante destacar que o discurso não é encontrado na exterioridade; o analista necessita ultrapassar as estruturas linguísticas para chegar a ele. É preciso dirigir-se a outros espaços para descobrir o que está entre a língua e a fala, para compreender o discurso, objeto a ser trabalhado na análise.

Sendo assim, podemos dizer que a noção de discurso, trabalhada pela AD, representou uma mudança nos estudos da linguagem. Como citado anteriormente, ao reunir saberes de três diferentes regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística e Marxismo – a AD se distancia do formalismo e do conteudismo, trabalhando no encontro dos espaços do conhecimento que a constituem. Ela adentra suas fronteiras, operando um novo recorte teórico que acaba por constituir também um objeto específico: o discurso.

A noção de discurso, portanto, embora caracterizada por certa polissemia, visto que é objeto de estudo de diferentes perspectivas teóricas, tem sua especificidade apresentada na Análise do Discurso a partir da relação entre língua e história. Ou seja, trata-se de associar a língua à história na produção de sentidos, constituindo, desse modo, a forma material da AD, que é a materialidade linguístico-histórica.

Vale acrescentar ainda que os discursos não são apenas mensagens a serem decodificadas; como já mencionado, são efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas, presentes no modo como se diz. É nessas condições que o analista do discurso encontra pistas para compreender os sentidos, o que tem a ver com o que é dito, com os lugares, mas também com o que não foi dito. Assim, são as condições de produção em sentido amplo que asseguram as relações com outros discursos que já foram produzidos antes e que, por sua vez, no momento da produção, têm suas próprias condições de produção. Nessa perspectiva, portanto, remete-se à memória discursiva, ou interdiscurso. De acordo com Orlandi (2015):

a memória, por sua vez, tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que torna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (Orlandi, 2015, p. 29).

Dessa forma, o interdiscurso é a memória discursiva, que possibilita relacionar o que está sendo propagado com o que já foi dito anteriormente. Como postula Pêcheux (1990), tomar um texto como discurso significa levar em consideração, fundamentalmente, o sujeito e a existência material do discurso, o que implica pensá-lo não somente na situação em seu contexto imediato, mas também nas determinações sócio-históricas e ideológicas. Ou seja, “[...] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção [...]” (Pêcheux, 1990, p. 79). Nessa perspectiva, o dizer não é propriedade particular e original, pois está relacionado historicamente na memória enunciativo-discursiva. Assim, o interdiscurso envolve um conjunto de formações discursivas e se inscreve no momento da realização do discurso, no sentido de que trabalha com a ressignificação do sujeito sobre o que já foi mencionado em outro momento e em outra situação.

Ainda considerando o interdiscurso, vale abordar o tema dos chamados “esquecimentos”, levando em consideração que “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague da memória para que, passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras” (Orlandi, 2015, p. 31). Assim, como dito anteriormente, no jogo do interdiscurso, o apagamento da memória é uma peça fundamental, já que o esquecimento é estruturante do interdiscurso.

1.5 Condições de produção do discurso

Sobre considerar as condições de produção, Pêcheux (2008) afirma que o discurso precisa ser analisado em confronto com a situação em que foi produzido. Sendo assim, as condições de produção perpassam a relação entre língua, discurso e ideologia. O discurso, em si, é realizado a partir da concretização da ideologia e deve ser visto como uma construção linguística integrada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido. Nesse processo, a ideologia é diretamente determinada pelo contexto político-social em que o autor está inserido. Dessa forma, vale ressaltar que, mais do que uma análise textual, a Análise do Discurso é uma análise contextual, ou seja, leva em consideração o contexto da estrutura discursiva em que se encontra.

Pêcheux (2008) afirma ainda que as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social. Para o autor, as palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se apresentam. As condições de produção implicam o que é material (a língua, sujeita a equívoco e à historicidade) e o que é institucional (a formação social, em sua ordem).

Nesse sentido, com Orlandi (2008), compreendemos que as diferentes posições de sujeito representam as diferentes formações discursivas que atravessam a história, pois “cada texto tem, assim, uma certa unidade discursiva com que ele se inscreve em um tipo de discurso determinado” (Orlandi, 2008, p. 60).

Vale acrescentar ainda que, para a AD, aquilo que falamos ou escrevemos já foi dito por alguém, em algum momento e em algum lugar. No entanto, o que está sendo dito, mesmo que com os mesmos termos, pode possuir outro significado, que se constitui a partir do dizer, visto como o efeito de sentido que é estabelecido pelas circunstâncias entre os interlocutores, em determinada situação, e atravessados por um processo histórico e ideológico. Isso não tem a ver com o surgimento de palavras novas, considerando que a língua é variável, mas o que se quer mostrar é que o que dizemos já foi dito em outras significações, em outros sentidos. Levando em consideração essa perspectiva, observa-se que, ao mesmo tempo em que o discurso é resultado de uma memória em que formulações anteriores são retomadas, ele também abre a possibilidade de ser atualizado, ou seja, de que outros discursos sejam formulados a partir dele.

1.6 Ideologia na AD

A noção de ideologia, conceituada por Althusser (1980), foi ressignificada por Pêcheux, que aponta a importância da ideologia no processo de apreensão dos sentidos. De acordo com esse autor:

[...] a região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica: mais particularmente o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como ‘determinado em última instância’ pela instância econômica, na medida em que aparece como uma das condições (não-econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica (Pêcheux; Fuchs, 2010 [1975], p. 165).

Nesse sentido, podemos compreender que a ideologia, pelo viés da AD, é considerada como aquilo que torna possível a relação entre palavras e objetos simbólicos, a relação entre pensamento, linguagem e mundo. Dessa forma, ela não é, e não pode ser vista, como disfarce do real, nem tampouco como visão de mundo. Segundo Orlandi (2015), um dos pontos fortes da AD é ter ressignificado a noção de ideologia, numa definição discursiva a partir da consideração da linguagem. Para essa autora:

o fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia. Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-

se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. (Orlandi, 2015, p. 43-44).

Sendo assim, de acordo com a AD, toda interpretação remete a um sentido, e isso implica a presença da interpelação ideológica, já que, diante de qualquer objeto, o sujeito é levado a interpretar. E, nesse movimento de interpretação, o sentido parece nascer como evidência, já sempre lá, naturalizado na relação entre o histórico e o simbólico. Sobre isso, é importante mencionar que, “[...] a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (Orlandi, 2015, p. 44).

Seguindo a afirmação de que a ideologia é a condição para a construção do sujeito e dos sentidos, compreendemos melhor o lugar teórico da AD, filiado ao materialismo histórico althusseriano (1980), com sua relação entre a linguagem e a ideologia, que afirma que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.

2 HISTÓRICO DAS FAKE NEWS E SUAS INFLUÊNCIAS NA NEGAÇÃO À VACINA

2.1 As incertezas do surgimento das *fakes news* X consequências diante de um contexto pandêmico

Os boatos, fofocas e mentiras sempre existiram ao longo da história. A novidade do século XXI é a rapidez e a amplitude com que as redes sociais digitais permitem a disseminação das chamadas *fake news*, contribuindo para a propagação exagerada de informações falsas e enganosas.

As mentiras mascaradas de verdade são encontradas na história em suas diferentes denominações e formatos. Muito antes do surgimento da imprensa moderna e de Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos da América, elas já regulavam e prejudicavam as relações sociais, derrubando e elevando governos, além de destruírem reputações. Podemos dizer que elas são usadas para diversos fins: políticos, econômicos, sociais, pessoais e coletivos. Assim, as notícias falsas, como as mentiras de uma forma geral, são constitutivas da experiência humana.

Em relação às *fake News*, é importante dizer que elas costumam apresentar como objetivo principal manipular as pessoas. Indursky (2020) ressalta que as notícias falsas “[...] se constroem pelo viés de torções discursivas realizadas sob o efeito da desidentificação ideológica com o que está sendo falsificado” (p. 24). Para a autora, a torção discursiva é:

[...] projetar um efeito de verdade sobre o que, de fato, é uma falsificação de um ocorrido, de um fato, de uma declaração [...]. Essa torção reúne pelo viés do discurso-transverso de que nos fala Pêcheux o discurso falsificado e o discurso falsificador. Dito de outra forma: o discurso falsificado faz ressoar transversalmente em seu interior o discurso que foi alvo da falsificação (Indursky, 2020, p. 24).

Desse modo, pode-se dizer que, na maioria das situações, os efeitos causados pelas *fake news* ultrapassam os limites do mundo digital e passam a influenciar hábitos e decisões dos indivíduos na vida cotidiana. Prova disso são as crenças nas *fake news* que indicavam receitas caseiras para o tratamento do coronavírus, no período de maior contaminação desse vírus, quando muitas pessoas usavam e ainda compartilhavam essas desinformações. O pior é que acreditavam estar curadas e livres do vírus e, assim, não buscavam meios de imunizar-se através das vacinas, preferindo seguir suas crenças populares. Sem contar as notícias falsas que circularam sobre os “perigos” que as vacinas contra a covid-19 representavam à saúde das

pessoas. Entretanto, não é arriscado dizer que a finalidade dessas desinformações era fazer com que as pessoas optassem por rejeitar a campanha de vacinação promovida pelos órgãos de saúde pública. Isso confirma que os efeitos das *fake news* podem interferir no comportamento das pessoas em seu dia a dia.

Em relação ao aparecimento desses termos, vale ressaltar que há estudos que indicam que surgiram no período da campanha presidencial dos Estados Unidos, em 2016, que teve como eleito o ex-presidente Donald Trump. É importante ressaltar que a disseminação de *fake news* para afetar os adversários foi realizada por ambas as partes; entretanto, as criadas e divulgadas pela equipe de Trump foram mais recorrentes. Para mensurar o impacto dessa estratégia, segundo análise do site *Buzzfeed News*⁵, nos últimos três meses das campanhas políticas daquele país, notícias falsas tiveram um melhor desempenho em uma rede social e geraram mais engajamento do que grandes veículos de comunicação como o *The New York Times*⁶ (Delmazo; Valente, 2018).

Na reta final da campanha, uma das *fake news* que causou maior impacto no resultado das eleições presidenciais foi a de que Hillary Clinton⁷, concorrente de Trump, estava ligada à pedofilia, que é o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Os *e-mails*⁸ do administrador de campanha da candidata vazaram, e, entre as mensagens, estava o nome do dono de uma rede de pizzarias relacionado ao Partido Democrata⁹. Surgiu, então, uma notícia falsa que ligava as pizzarias a uma rede de pedofilia e, conseqüentemente, à candidata Hillary Clinton (Delmazo; Valente, 2018).

⁵BuzzFeed é uma empresa norte-americana de mídia de notícias. Foi fundada em 2006 na cidade de Nova Iorque, como um laboratório viral por Jonah Peretti, a empresa cresceu mundialmente. A empresa cobria uma variedade de tópicos, incluindo a política, DIY, animais e negócios. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/BuzzFeed>. Acesso em: 11 set. 2023.

⁶The New York Times é um jornal diário estadunidense, fundado e publicado continuamente em Nova York desde 18 de setembro de 1851, pela The New York Times Company. O The New York Times ganhou 117 prêmios Pulitzer, mais do que qualquer outra organização de notícias. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/The_New_York_Times. Acesso em: 11 set. 2023.

⁷Hillary Diane Rodham Clinton é uma advogada e política norte-americana. Exerceu os cargos de secretária de Estado dos Estados Unidos de 2009 a 2013, senadora por Nova Iorque entre 2001 e 2009, primeira-dama de 1993 a 2001, e foi a candidata do Partido Democrata à presidência na eleição de 2016. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hillary_Clinton. Acesso em: 11 set. 2023.

⁸Correio eletrônico ou eletrônico é um método ou um sistema que permite compor, enviar e receber mensagens através de um sistema computacional online de comunicação de forma assíncrona. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/E-mail>. Acesso em: 11 set. 2023.

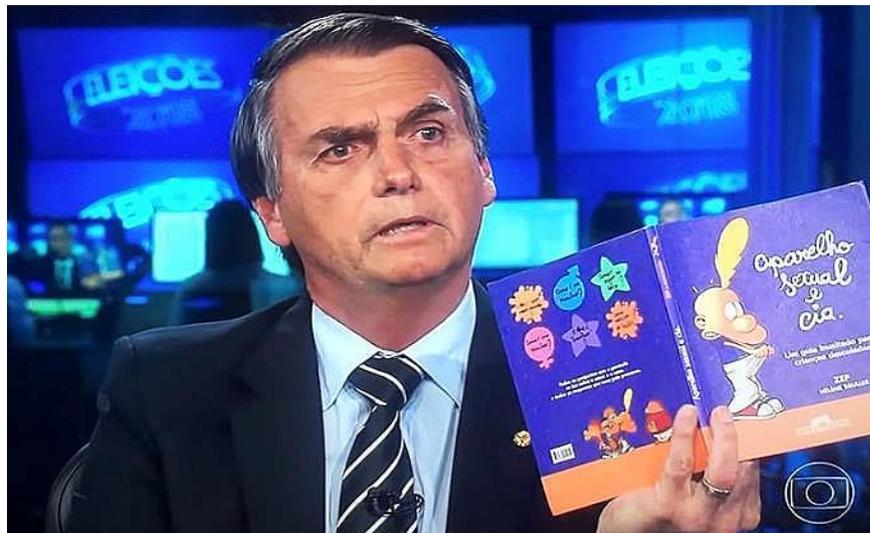
⁹O Partido Democrata é um dos dois partidos majoritários do atual sistema bipartidário dos Estados Unidos, ao lado do Partido Republicano. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Democrata_\(Estados_Unidos\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Democrata_(Estados_Unidos)). Acesso em: 11 set. 2023.

A repercussão das desinformações nas eleições norte-americanas causou tanto impacto que o dicionário inglês Collins¹⁰ definiu “*fake news*” como a palavra do ano em 2017. De acordo com a equipe do dicionário, entre aquele ano e o anterior, o uso da expressão cresceu em 365% (Flood, 2017).

No Brasil, o termo *fake news* também começou a ser amplamente usado em decorrência de situações envolvendo política. Segundo informações divulgadas pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação (GPPPAI) da Universidade de São Paulo (USP), em 2016, na semana que antecedeu a votação da abertura do processo de *impeachment*¹¹ de Dilma Rousseff, três das cinco notícias mais compartilhadas no *Facebook*¹² eram falsas (Sanchotene; Silveira; Lavarda, 2017). Sem contar que “As *fake news* têm um grande poder viral, isto é, espalham-se rapidamente” (Bruzzone, 2021).

Abaixo, apresentamos uma das *fake news* utilizada no período da campanha eleitoral do Brasil de 2018 pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, durante uma entrevista no Jornal Nacional.

Figura 2 – Bolsonaro Apresenta no Jornal Nacional a Cartilha do Suposto “Kit Gay”



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/16/tse-confirma-que-kit-gay-nunca-existiu-e-proibe-fake-news-de-bolsonaro>. Acesso: 18 nov. 2023.

¹⁰O Collins English Dictionary é um dicionário impresso e online de inglês. Ele é publicado pela HarperCollins em Glasgow. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Collins_English_Dictionary. Acesso em: 18 nov. 2023.

¹¹Impeachment ou destituição, também chamado de deposição ou impedimento, é um processo político-criminal que visa destituir alguém de um cargo governativo em países com modelos de governo presidenciais, por grave delito ou má conduta no exercício de suas funções. A punição varia de país para país. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Impeachment>. Acesso em: 18 nov. 2023.

¹²Facebook é uma rede social que conecta usuários em todo o mundo. Por meio de perfis — pessoais e profissionais —, é possível encontrar e conhecer pessoas, acompanhar personalidades públicas e marcas, criar, consumir e compartilhar conteúdos e muito mais. Disponível em: <https://conceito.de/facebook>. Acesso em: 18 nov. 2023.

Essa *fake news*, em circulação no período da campanha de 2018 para a presidência do governo federal do Brasil, causou grande comoção social, principalmente entre os grupos vistos como conservadores,¹³ e contribuiu de maneira significativa para a eleição do ex-presidente. Considerando que o referido político apresentou no Jornal Nacional da Globo, rede de televisão mais assistida na época da campanha presidencial, quando foi questionado sobre sua posição em relação à homofobia, para não se comprometer com fala homofóbica, ele mostrou esse material como parte de um certo “*kit gay*”¹⁴, nome dado por ele à cartilha. Segundo o ex-presidente, esse material já havia sido distribuído nas escolas para ser trabalhado com alunos a partir dos 11 anos de idade, procurando afetar o governo que estava no poder. Porém, foi comprovado que a referida cartilha era apenas uma sugestão de uma iniciativa não-governamental que tinha como intenção conscientizar as pessoas acerca da homofobia. Ele, portanto, a utilizou como especulação para ganhar votos. Entretanto, foi confirmado por meio do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que as informações sobre o material da cartilha apresentadas pelo candidato ao governo na época eram falsas:

o presidenciável Jair Bolsonaro (PSL) e seus apoiadores mentem ao relacionar o candidato Fernando Haddad (PT) com a distribuição de um suposto ‘kit gay’ em escolas de todo o país. A falsidade da notícia foi confirmada por uma decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) nesta segunda-feira (15), que pediu a suspensão de links de sites e redes sociais com a expressão. (Rute Pina – Brasil de Fato – São Paulo (SP) – 16/10/2018 às 17h42).

É possível ressaltar que o ex-presidente levou a cartilha para expor durante uma entrevista na rede televisiva, considerando que, como a imagem possui força na constituição do dizer — ou seja, associada à materialidade linguística, ela coopera para a produção de efeitos de sentido —, pode ser pensada como “operador de memória social” (Pêcheux, 1985 *apud* Orlandi, 1999). Assim, pode-se dizer que foi intencional, pois ele queria provar que a cartilha realmente existia — e, de fato, existia —, porém, a desinformação está na afirmação em relação ao conteúdo e de que já havia sido disponibilizada nas escolas.

¹³ Aquele que se opõe às mudanças, não aceitando inovações morais, sociais, políticas, religiosas, comportamentais. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conservador/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

¹⁴ “*Kit Gay*”, foi uma iniciativa não-governamental proposta para compor o Programa Brasil sem Homofobia do governo federal brasileiro. Constituiu um material didático (uma cartilha de 125 páginas, seis boletins, três vídeos, um cartaz de divulgação e uma carta de apresentação) baseada em um conjunto de diretrizes criadas pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), elaboradas pelo Ministério dos Direitos Humanos em parceria com entidades não governamentais e apoiadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que visava a promover a cidadania e os direitos humanos da comunidade LGBT. Dentre as atividades do programa estava a elaboração de materiais para o combate à homofobia nas escolas, como vídeos, cartilhas e sugestões de sequências didáticas para professores. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_sem_Homofobia. Acesso em: 18 nov. 2023.

Desse modo, vale dizer que mentiras de grandes proporções afetam até hoje a humanidade. Entretanto, com o avanço da tecnologia e, conseqüentemente, das redes sociais esse fenômeno aumentou espantosamente. Assim, as chamadas “pós-verdades”¹⁵, mentiras contadas de maneira a convencer muitas pessoas, passaram a circular em maior volume através dessas plataformas, alcançando mais pessoas em menor tempo. Com um clique, essas notícias chegam a todas as partes do mundo informatizado em questão de segundos. É importante considerar também que as pós-verdades trazem um discurso que costuma associar-se a um nome próprio, muitas vezes público, e que credibiliza o dizer.

À vista disso, ao se tratar de pós-verdade e *fake news*, é importante mencionar a diferença que Zoppi-Fontana e Ferrari (2017) fazem entre o discurso visto como de pós-verdade e os das *fake news*, considerando o funcionamento no âmbito da enunciação (do dizer). Para essa autora, as *fake news* funcionam sob a forma de boatos e circulam anonimamente na sociedade, principalmente nas redes sociais, de forma ‘clandestina’, sem relação com um lugar social legitimado, que autorizaria um dizer, nem com um nome próprio reconhecível, ou seja, sem um enunciador que possa ser associado a uma figura política. Dessa forma, as *fake news* circulam, se multiplicam, se repetem e se espalham de forma anônima, espontânea e não identificável nas redes sociais. No entanto, elas continuam produzindo sentido e causando desinformação. Já o discurso de pós-verdade, segundo Zoppi-Fontana e Ferrari (2017):

[...] sempre aparece relacionada à enunciação de uma figura identificável, geralmente a um ator político destacado. A enunciação se dá, portanto, a partir de uma relação com o nome próprio, com uma autorização do dizer a partir de uma instância social já legitimada. É essa relação com um locutor já legitimado e cujo dizer está autorizado institucionalmente que aproxima a enunciação da pós-verdade ao funcionamento da mentira na política (Zoppi-Fontana; Ferrari, 2017, p.37)

É importante mencionar que no desenvolvimento da proposta, nas análises realizadas com os alunos, mantivemos o termo *fake news*, mesmo sabendo que alguns dos discursos analisados são vistos como discursos de pós-verdade, conforme Zoppi-Fontana e Ferrari (2017).

Porém, como os alunos já possuem uma familiaridade maior com o termo *fake news*, decidimos mantê-lo. Apesar de concordarmos com a diferença que essa pesquisadora faz ao considerar esses termos enquanto dispositivo enunciativo.

É importante acrescenta ainda que as notícias falsas costumam mexer com os sentimentos dos leitores, fazendo com que as pessoas acreditem nesses tipos de notícias, sem

¹⁵“De acordo com a definição proposta pelo dicionário Oxford, a palavra ‘pós-verdade’ se refere a ‘circunstâncias em que os fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à opinião pessoal’ (Zoppi-Fontana, 2018, p. 141, grifos originais).

averiguar a veracidade, e frequentemente acabam repassando-as, o que contribui ainda mais para as desinformações. Nessa perspectiva, verifica-se que há uma necessidade urgente de trabalhar com esse tipo de texto em sala de aula com os alunos, visto que o combate à desinformação requer a valorização do conhecimento, principalmente, da educação reflexiva. Considerando que alguns grupos econômicos e políticos se valem da ignorância social, as populações se tornam facilmente controláveis por informações duvidosas. Para Segurado (2021), “significa dizer que o culto à ignorância não está necessariamente relacionado à falta de escolaridade, mas principalmente a interesses sociais, econômicos e políticos que pretendem manter parcela da população cada vez mais conectada a realidades paralelas” (Segurado, 2021, p. 19).

Nesse sentido, vale enfatizar ainda que a propagação da desinformação é um exemplo da produção de submissão social e tem sido utilizada como estratégia política pelo bolsonarismo no Brasil. Bolsonaro, o principal propagador dessa vertente política, utiliza *fake news*, assim como “teorias da conspiração” e discursos de ódio para alcançar seus objetivos.

Vale acrescentar que acreditar ou não em desinformações em circulação nas redes sociais nem sempre está relacionado ao grau de estudo e informação, visto que muitas pessoas “bem informadas” e cultas acreditam em notícias falsas. Muitas possuem instrução e informações, mas são alienadas, por não possuírem um pensamento reflexivo diante do que leem nas redes sociais e em outros meios de comunicação. Diante disso, faz-se necessário desenvolver com os alunos nas escolas procedimentos metodológicos que visem contribuir com os sujeitos no que diz respeito à maneira de olhar um texto, ou seja, que considerem a linguagem presente neles sob diferentes óticas, tendo em vista sua não transparência.

Apesar de ser inegável a influência dos textos desinformativos na sociedade contemporânea, é possível dizer que esses tipos de textos ganham destaque devido à influência tecnológica e ao contexto sócio-histórico em que estamos vivendo, principalmente no período pandêmico.

Na tentativa de combater esse problema, está em tramitação na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei (PL) n° 2630, de 19 de abril de 2020, que já foi aprovado pelo Senado e é denominado “Lei das Fake News”. Esse projeto, de autoria do senador Alessandro Vieira, do partido Cidadania (SE), pretende estabelecer que:

normas relativas à transparência de redes sociais e de serviços de mensagens privadas, sobretudo no tocante à responsabilidade dos provedores pelo combate à desinformação e pelo aumento da transparência na internet, à transparência em relação a conteúdos patrocinados e à atuação do poder público, bem como estabelece sanções para o descumprimento da lei (Brasil, 2020).

Contudo, vale ressaltar que a “Lei das *Fake News*” não é a única solução para esse problema, mas pode ser uma alternativa importante para tentar minimizar os efeitos negativos da desinformação na sociedade.

Nesse sentido, podemos dizer que a falta de efetivação dessas leis voltadas ao mercado da tecnologia da informação e a carência de metodologias significativas direcionadas às práticas educativas, que visam um trabalho que considere a era digital, estão entre os fatores que fizeram crescer, na sociedade atual, toda essa indústria de desinformações maldosas. Sem contar os “benefícios” que a produção de material desinformativo e inverídico traz para os sujeitos produtores e disseminadores. Um exemplo dessa situação foi o que aconteceu no período da campanha presidencial de 2018, quando o ex-presidente Bolsonaro chegou a contratar empresas para criarem e divulgarem *fake news* a seu favor, conseguindo, assim, ser eleito com a contribuição de inúmeras desinformações.

2.2 O negacionismo às vacinas é histórico

As campanhas de vacinação contra a varíola no século XIX sofreram um impacto negativo em razão das desinformações acerca da sua origem e devido ao medo das pessoas por não acreditarem na sua eficácia. Sabe-se que seu surgimento ocorreu por meio de um médico chamado Edward Jenner, em 1796, na Inglaterra, que observou que os cuidadores das vacas infectadas não pegavam a varíola bovina, nome dado à doença transmitida por esses animais. Então, ele resolveu retirar o pus das bolhas localizadas nas mamas das vacas doentes e introduzi-lo em cobaias humanas. Assim o experimento teve o resultado esperado e Jenner comprovou o poder protetor do pus infectado com a varíola animal. O médico, então, denominou o pus como “vacina”.

Considerando que parte da população brasileira não tinha informação sobre a procedência da vacina e como funcionava, criou-se um pânico acerca da inovação médica. Um dos medos era que a imunização, em vez de evitar, desencadeasse a varíola e levasse à morte. Reforçava esse temor o fato de o vacinado desenvolver uma bolha, ainda que superficial e inofensiva, no local em que o produto era injetado. Outro medo era que o pus de origem animal transmitisse doenças bovinas para as pessoas.

A charge a seguir, criada nessa época, era uma espécie de “*fake news*” que contribuiu para causar medo e insegurança nas pessoas, pois o chargista retratava os vacinados com aspectos de desorientados, além de características do animal do qual foi retirado o líquido para ser injetado nas pessoas.

Figura 3 – Charge retrata medo de vacina no século XIX



Fonte: Charge inglesa antivacina do século 19 mostra pessoas desenvolvendo características de vaca após imunização (imagem: James Gillray/Anti-Vaccine Society Print). Acesso em: 08 abr. 2023.

Em determinadas situações, há relatos de mães que escondiam os filhos ao ouvir a pessoa responsável pela vacinação bater à porta e até de famílias inteiras que fugiam do povoado quando a campanha de vacinação chegava. Para piorar a situação, vale ressaltar que, entre os senadores (representantes políticos do povo), havia desinformação, não muito diferente da atualidade. A seguir, um exemplo de um diálogo entre senadores de dois estados brasileiros sobre o que pensavam acerca do imunizante:

— Eu não sei se a medicina já decidiu esta importante questão: se a vacina prejudica a saúde futura dos meninos — disse o senador Visconde de Jequitinhonha (BA) num discurso em 1862.

— É uma questão decidida há muitos anos — respondeu, indignado, o senador Cruz Jobim (ES), que era médico e defensor ardoroso da vacina.

— Decidida em que sentido? — devolveu o Visconde de Jequitinhonha. — Li ainda outro dia dúvidas acerca disso.

Foi a deixa para que Cruz Jobim iniciasse uma palestra:

— Na opinião dos inimigos da vacina, ela dá ocasião ao desenvolvimento de muitas outras moléstias que aumentam a mortalidade dos povos. Semelhante opinião é gratuita e infundada. Nenhuma dúvida há de que o preservativo é de grande vantagem. Há 20 anos, tendo aparecido a bexiga em uma horda de selvagens no Canadá, mais de 20 mil morreram. Também tendo aparecido a bexiga em selvagens de algumas ilhas do Pacífico, quase todos vieram a

sucumbir. Estamos muito longe de observar essas horrorosas cenas nos países onde a vacina está em prática atualmente.

O senador médico continuou:

— Para que caluniar a vacina com suposições falsas? Para que atribuir-lhe males que ela não produz? Pôr em dúvida a eficácia da descoberta de Jenner é destruir a confiança de tão útil preservativo e expor a vida de milhares de pessoas a um dos maiores flagelos, talvez o mais mortífero de quantos têm aparecido no mundo.

Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/fake-news-sabotaram-campanhas-de-vacinacao-na-epoca-do-imperio>. Acesso em: 08 abr. 2023.

Portanto, naquele período, não se podia dizer que o medo da população era de todo sem motivo, tendo em vista que, até nos dias atuais, com toda a evolução que já temos, ainda existem pessoas que não acreditam na ciência. Então, imagine naquela época, em que a ciência ainda não era capaz de explicar como a vacina era eficaz e tinha a capacidade de proteger as pessoas contra a doença em questão.

Nesse cenário, há pesquisas que mostram que o médico Edward Jenner fez sua descoberta a partir de meras observações, sem nenhuma comprovação científica. Dessa forma, faltava uma explicação sustentável, e muitos médicos condenavam a imunização. Entre eles, estava o português Heliodoro Carneiro, que, em 1808, publicou um livro repleto de ataques à vacina. A obra, lançada em Lisboa, ajudou a disseminar o medo no Brasil Colônia.

Nessa outra imagem, por meio de um texto denominado artigo, aparece a insatisfação e o medo das pessoas em relação ao imunizante.

Figura 4 - Negacionista à vacina em 1881

Eu ainda não sou vaccinado e, confesso, a vaccina mette-me medo, sobretudo quando medicos distinctos sustentam com dados estatisticos a sua inutilidade.

Outros dizem o contrario?

Concordo ; mas não é uma questão bastante esclarecida para que entregue o meu braço á lanceta carregada de pus pestilento do facultativo. Parece-me que é ir ao deante da molestia, quando não está dito nem que terei bexigas, sem essa precaução, nem que com ella ficarei sufficientemente encouraçado.

Assusta-me portanto a circular do Sr. chefe de policia mandando que seus subdelegados „façam intimar as pessoas que no seu districto ainda não foram vaccinadas.“

A vaccina obrigatoria !

Mas como, porque, em virtude de que principios eu serei obrigado a inocular-me um virus pestilento ? Que meios tem a policia para me obrigar a esse sacrificio ? Como, hão de saber os subdelegados que eu não fui vaccinado ?

A policia bem podia pensar de outras csusas mais possiveis e não se intrometter na vida privada de cada um. Policiar e não medicinar, é o seu officio.

Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-25/fake-news-sabotaram-campanhas-de-vacinacao-na-epoca-do-imperio-no-brasil.html>. Acesso em: 08 abr. 2023.

Nesse texto, percebemos que há controvérsias acerca do imunizante, pois nele aparece o pronunciamento de um sujeito que não acredita que a vacina seja realmente eficaz, enquanto outro se mostra confiante, mas não o suficiente para permitir que seja imunizado.

Essas questões não são tão diferentes das que vivenciamos na pandemia da covid-19. Evidentemente, com o surgimento e avanço da tecnologia, as desinformações se espalham de maneira muito rápida, e é basicamente nesse sentido que difere do século XIX.

A partir do marco memorável da vacina contra a varíola, a primeira doença infecciosa erradicada por meio da vacinação, foram criadas outras vacinas para combater diferentes vírus. Um dos principais objetivos da imunização é prevenir o desenvolvimento do quadro clínico de

uma doença no indivíduo, e, ao vacinar grande parte da população, consegue-se controlar ou até mesmo eliminar aquele vírus (Schatzmayr, 2003). No entanto, mesmo diante das comprovações de que as vacinas são eficazes, ainda existem obstáculos para a completa vacinação da população. Vale destacar que o principal deles é a resistência de certos grupos quanto ao ato de se imunizar. Com isso, muitas vacinas para várias doenças estão sendo deixadas de lado, e as consequências são gravíssimas, inclusive com o retorno de muitas enfermidades já consideradas erradicadas. Vale dizer que retornaremos a esse assunto no desenvolvimento da proposta de ensino de linguagem com os alunos.

3 FAKE NEWS: COMO SÃO VISTAS NA NOVA BNCC E O DISCURSO EM REDE

3.1 Como são tratadas as fake news na BNCC

A BNCC, Base Nacional Comum Curricular, “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica [...]” (Brasil, 2018, p. 7).

E antes de explicar como esse documento aborda as *fake news*, vale dizer que não se pode negar que o avanço das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e a crescente utilização das redes sociais digitais tornaram a mediação ainda mais presente na vida dos indivíduos. Nesse contexto, as *fake news* surgem como uma das principais consequências da hibridização entre o mundo físico e o virtual, promovida pela mediação (Themudo; Almeida, 2020).

É importante mencionar ainda que há muito de positivo no avanço das TDICs, especialmente em relação ao acesso às redes sociais digitais por meio delas. Um bom exemplo a ser citado é a contribuição que essas tecnologias exerceram durante o período de maior contágio da covid-19. A hibridização, naquele momento, teve um papel fundamental nas relações sociais, econômicas e, principalmente, no cumprimento do ano letivo dos estudantes. No entanto, foi nesse período também que percebemos o quanto ainda é necessário avançar no que diz respeito ao acesso à internet de maneira democrática, pois muitos alunos não participavam das aulas por não possuírem esse recurso.

Assim sendo, vale ressaltar que as razões pelas quais as tecnologias e recursos digitais devem, cada vez mais, estar presentes no cotidiano das escolas são inúmeras, dada a ampla oportunidade de utilização no ensino. Todavia, ainda há muito o que investir para que esse trabalho seja realmente efetivo e democrático, de maneira que alcance a todos.

Em se tratando do trabalho com o fenômeno fake news na BNCC, esse documento normativo do Ministério da Educação (MEC), apesar de apresentar habilidades que indicam trabalho com esse tipo de texto, em circulação nas redes sociais, porém, vale dizer, que a forma como é solicitado, não visa um trabalho com o estudo do funcionamento da linguagem, como considerado por meio dos procedimentos da AD. Na Habilidade EF89LP01, por exemplo, destinada aos estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental nas aulas de Língua Portuguesa, ordena que:

analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc. (Brasil, 2018, p. 177).

Nessa habilidade, observamos que a preocupação é de solicitar aos professores que verifiquem apenas a fonte e a autoria da falsa notícia. O que não quer dizer que não seja algo relevante, porém, trabalhar as condições de produção do texto considerando a posição-sujeito, a interpelação histórica e ideológica, a memória discursiva e a não transparência da linguagem faz com que a metodologia seja vista de maneira mais significativa para o ensino reflexivo com os alunos.

Podemos acrescentar ainda que cabe à escola o papel de formar leitores reflexivos, e recai também sobre ela o trabalho com metodologias que visam combater a leitura superficial, tão presentes na chamada era digital. Por isso, faz-se necessário que os professores, especialmente os de línguas, encontrem estratégias para trabalharem com foco na linguagem presente nos textos, principalmente os disseminados nas redes sociais. Uma vez que não temos como evitar que os alunos tenham acesso a esses tipos de textos, visto que eles se encontram frequentemente conectados, compartilhando suas fotos, seus acontecimentos diários, mantendo contato com amigos e familiares, realizando pesquisas, jogando, namorando e se informando. Sendo assim, o que nos cabe, enquanto professores, é trabalhar com eles de forma que se tornem pessoas menos ingênuas diante das desinformações presentes nesses meios sociais. Dessa forma, é importante que esse tipo de reflexão perpassasse as salas de aula, oferecendo o desenvolvimento de práticas de análise de textos, que permitam uma visão analítica e atenta acerca dos textos que os rodeiam..

3.2 Discurso em rede

Ao abordar as condições de produção das *fake news* na rede, Dias (2018) afirma que o digital deve ser tomado como materialidade, como discursividade, e não apenas como suporte tecnológico próprio do ambiente virtual. Nas palavras da autora, “da perspectiva da Análise de Discurso, o digital é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria” (Dias, 2018, p. 18). Os estudos do discurso digital buscam refletir sobre os processos de constituição dos sentidos materializados nos discursos pelo digital, bem como compreender os efeitos de sentido que o discurso digital produz na sociedade e interpela os sujeitos.

Para Dias (2011), todos somos sujeitos afetados pelo tecnológico, não apenas pelo fato de termos acesso a celulares, computadores e televisores, mas também diante do “[...] processo histórico e ideológico da sociedade contemporânea” (Dias, 2011, p. 271), ou seja, através dos efeitos de sentido que esses objetos produzem na vida do sujeito. Em outras palavras, isso quer dizer que, por vezes, os efeitos das *fake news* ultrapassam os limites do mundo digital e passam a influenciar hábitos e decisões dos indivíduos no seu dia a dia.

4 ANÁLISES E PROPOSTA DE ENSINO DE LINGUAGEM

4.1 Análises e processos analíticos

Levando em consideração a conjuntura da pandemia da covid-19, realizamos análises tendo como teoria de base a Análise de Discurso de linha francesa, que trabalha o texto no sentido de interpretar os efeitos de sentido, compreendendo que, para essa teoria, a linguagem é vista como um fenômeno que não deve ser estudado apenas em seu sistema interno, mas também em sua formação ideológica, que se manifesta no contexto sócio-histórico. Assim sendo, a linguagem deve ser vista considerando a sua materialidade, ou seja, sua relação com a exterioridade.

Nessa conjectura, é importante ressaltar que um discurso apresenta uma forte relação entre o que é dito (a língua) e a ideologia a partir da qual produz sentido, visto que a ideologia torna possível a relação palavra/coisa, de tal modo que “a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua” (Orlandi, 2015, p. 94). Na perspectiva de que a ideologia, por sua vez, exerce forte influência sobre as práticas sociais. Desse modo, “a análise de discurso é a teoria que sabe trabalhar isto ligando língua/sujeito/história, trazendo para a reflexão a ideologia, relacionando-a com o gesto de interpretação” (Orlandi, 2015, p. 64).

Assim, é válido acrescentar ainda, que na perspectiva da AD, o sujeito é visto como incompleto e é afetado pelo inconsciente e pela ideologia (Orlandi, 2015), considerando que os efeitos de sentido são dependentes daquele que enuncia e de seu interlocutor. Devido ao efeito ideológico, ele é condicionado a não poder dizer qualquer coisa, de qualquer lugar, pois o contexto sócio-histórico o define. Nesse sentido, para Pêcheux (1995), o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina.

Em se tratando de esquecimento, é importante considerar que “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague da memória para que, passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras” (Orlandi, 2015, p. 31). Dessa forma, no vaivém do interdiscurso, o apagamento da memória é uma peça fundamental, já que o esquecimento é estruturante do interdiscurso.

Pêcheux (2010 [1975], p. 148) distingue duas formas de esquecimento no discurso: uma ideológica, da instância do inconsciente, o esquecimento nº 1, que resulta do modo como somos afetados pela ideologia. Por ele, temos a ilusão de sermos a origem do que dizemos quando, na verdade, retomamos sentidos já pré-existentes, além da questão de que os sentidos são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história. A outra forma de

esquecimento é da ordem da enunciação, o esquecimento nº 2, que compreende que o dizer sempre poderia ser outro, o que formaria famílias parafrásticas, e que produz, em nós, a realidade do pensamento – uma ilusão referencial, quando haveria uma relação direta pensamento/linguagem/mundo.

4.2 Corpus de análise

A delimitação do *corpus*¹⁶ é, segundo Orlandi (2015), um dos primeiros pontos a se considerar quando pensamos em análise, e essa constituição é a de-superficialização, “uma passagem inicial fundamental [...] entre a superfície linguística (o material de linguagem bruto coletado, tal como existe) e o objeto discursivo” (p. 63). É importante ressaltar ainda que o processo chamado de de-superficialização, segundo Orlandi, é configurado pela materialidade linguística e corresponde ao “como se diz, o que se diz e em que circunstâncias” (Orlandi, 2015, p. 63). Dessa forma, esse processo de de-superficialização é necessário, pois é a base para a continuidade e aprofundamento da análise discursiva e consiste na seleção dos materiais discursivos para análise.

Nessa perspectiva, para compor o corpus de análise, selecionamos algumas falas retiradas de pronunciamentos do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, propagadas no período da pandemia da covid-19, que ocorreram através de entrevistas concedidas por ele em lives e reproduzidas textualmente na internet, e que apresentam discursos de minimização e de negacionismo acerca desse vírus, por meio de disseminação de desinformações, bem como oposição ao confinamento e lockdown, sendo contrário às medidas de proteção propostas pela OMS, em que todas as pessoas deveriam ficar em casa durante o período crítico de transmissão do coronavírus. Assim, levando em consideração o “lugar” de fala desse sujeito, enquanto político e, na época, presidente do Brasil, seus pronunciamentos e comportamentos contribuíram de maneira significativa para o alto índice de contaminação pelo vírus e o número elevado de mortes.

É relevante destacar que, para a análise do funcionamento desses discursos, levamos em consideração a constituição de sujeitos estabelecidos pela compreensão das formações discursivas, considerando as posições-sujeito e o interdiscurso. Diante disso, analisaremos os enunciados que formam o *corpus* dessa pesquisa, entendendo que, para Orlandi (2015), todo processo de interpretação requer constante revisão da literatura, no sentido de que “face ao

¹⁶ Para Galisson e Coste (1983), “*corpus* é um conjunto finito de enunciados tomados como objeto de análise.”

dispositivo teórico da interpretação, há uma parte que é da responsabilidade do analista e uma parte que deriva da sua sustentação no rigor do método e no alcance teórico da Análise de Discurso” (Orlandi, 2015, p. 25). Assim, há uma necessidade contínua de consultar a teoria durante a análise dos recortes discursivos. Visto que, ao tratar da interpretação como dispositivo de análise, a autora considera que existem dois momentos dessa análise. No primeiro, a interpretação faz parte do objeto de estudo, e no segundo, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, considerando que o próprio analista está envolvido no processo interpretativo. A partir de diversos conceitos que podem ser mobilizados pelo analista, é possível fazer distintos recortes conceituais.

Com a seleção de 12 falas do ex-presidente, que apresentam discursos desinformativos, realizamos os gestos de interpretação, levando em conta os contextos restrito e amplo. O contexto restrito, conforme Orlandi (2015), diz respeito às circunstâncias imediatas da enunciação, e aqui foram considerados os pronunciamentos desinformativos do presidente em exercício na época e candidato à reeleição. Já o contexto amplo refere-se ao “contexto sócio-histórico e ideológico”, e nesse sentido, o ex-presidente fala de um “lugar” social de negacionista, capitalista e de extrema direita.

Com os recortes dos pronunciamentos selecionados, foi possível formar três grupos de enunciados, cada um representando diferentes discursos, nos quais analisamos as formações discursivas, ressaltando que todos foram disseminados nas redes sociais durante o período pandêmico da covid-19.

Seguem os enunciados selecionados para análise, a fim de verificar os efeitos de sentido mobilizados:

- (1) “Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.”
- (2) “Tem que reabrir. Nós vamos morrer de fome. A fome mata!”
- (3) “Está morrendo? Tá. Lamento, lamento, lamento, mas vai morrer muito mais, se a economia continuar sendo destroçada por essas medidas.”
- (4) “Não existe caso confirmado de covid-19.”
- (5) “Levaram o pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estamos vendo que não é verdade. Lamentamos as mortes, e é a vida. Vai morrer.”
- (6) “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar.”
- (7) “[...] pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado com o vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho [...].”
- (8) “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Não sou coveiro.”

(9) “A hidroxicloroquina tem salvo milhares e milhares de vidas pelo Brasil.”

(10) “Tive a melhor vacina: o vírus.”

(11) “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina.”

(12) “A gente pergunta: por que o passaporte vacinal? Essa coleira que querem botar no povo brasileiro. Cadê nossa liberdade? Prefiro morrer do que perder minha liberdade.”

A seguir, estão os links e os *QR codes* dos vídeos dos pronunciamentos do ex-presidente, que contêm os enunciados selecionados para análise:

Neste vídeo, um pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro, foram extraídos os discursos de 01 a 07, nos quais há uma clara priorização da economia e a negação da gravidade do vírus.

Figura 5 - Vídeo 1 – Contêm os enunciados de 01 a 07



Em pronunciamento, Bolsonaro pede fim do confinamento

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bihqWZpPPhU>. Acesso em: 10 de nov. 2023.

No vídeo seguinte, contém o enunciado 08, onde se encontra uma das declarações mais problemáticas feitas pelo ex-presidente durante o período pandêmico, em que ele afirma: “Não sou coveiro.”

Figura 6 - Vídeo 2 – Contém o enunciado 08



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aIpUbYjdn0>. Acesso em: 10 de nov. 2023.

No vídeo seguinte, foi extraído o enunciado 09, no qual o ex-presidente recomenda medicamentos sem comprovação científica para o tratamento da covid-19.

Figura 7 - Vídeo 3 – Contém o enunciado 09.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=PQv_xbaNSjE. Acesso em: 10 de nov. 2023.

No vídeo a seguir, foram extraídos os enunciados 10 e 11, nos quais o ex-presidente afirma que já está imunizado e que só tomará a vacina depois que todos tiverem tomado.

Figura 8 - Vídeo 4 – Contém os enunciados 10 e 11 – com discursos negacionistas à vacina.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=gR6e-fJE3Yw> Acesso em: 10 de nov. 2023.

No vídeo seguinte, foi retirado o enunciado 12, no qual o ex-presidente questiona a liberdade de escolha, argumentando que a carteira de vacinação não deveria ser uma condição para acesso a determinados lugares.

Figura 9 - Vídeo 5 – Contém o enunciado 12

Bolsonaro diz que passaporte da vacina é “coleira” para a...

Visitar



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=s1YTRZ61a9E>. Acesso em: 10 de nov. 2023.

4.3 Análises dos enunciados

4.3.1 Formações Discursivas que sustentam os enunciados em análise

Uma vez selecionadas as falas para compor o *corpus*, organizamos os enunciados em agrupamentos que apontam para o mesmo discurso, ou seja, para a mesma relação de efeitos de sentido. Seguindo esse critério, dividimos as declarações em grupos que evidenciam uma dimensão de negacionismo, discursos falsos oriundos, principalmente, da priorização da economia, minimização da gravidade do vírus, e anticiência. Esses grupos serão apresentados a seguir:

No primeiro grupo de enunciados, há um discurso recorrente sobre a economia, em que o aspecto econômico do país é colocado em primeiro lugar nos pronunciamentos durante a pandemia da covid-19. Percebe-se que, nesses discursos, a economia recebe destaque em detrimento dos cuidados com a saúde. Dada a formação discursiva dos enunciados, notamos que o enunciador ocupa o lugar de um presidente não comprometido politicamente com as causas sociais. Isso se reflete na forma como ele se comportou, negando os cuidados com a

saúde, especialmente as medidas de isolamento social, durante o período pandêmico, afirmando que, se o povo não voltasse ao trabalho, morreria de fome.

O segundo grupo de enunciados apresenta uma minimização do vírus da covid-19. O sujeito, ao utilizar expressões como “gripezinha” e “resfriadinho”, instaura um efeito de sentido de menosprezo, desdém e indiferença à gravidade da doença. Considerando o “lugar” de fala desse sujeito, como chefe de estado, é possível afirmar que ele contesta a gravidade do vírus, mesmo diante da situação de caos que se instaurava em todo o território brasileiro.

O terceiro grupo é constituído por falas que indicam a recomendação de remédios sem comprovação científica e a negação da vacina. Nesses discursos, percebemos um efeito de sentido marcado por desinformação, com a promoção de medicamentos desenvolvidos para combater outras doenças, como a malária, em detrimento da vacina. Assim, o enunciador fala a partir de um “lugar” político que visa desacreditar a ciência em meio ao pior momento da pandemia.

Considerando que, para a Análise do Discurso, o sujeito enuncia interpelado pela formação ideológica e discursiva que o constitui, sendo a formação discursiva “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina o que pode e deve ser dito [...]” (Pêcheux, 2009, p. 147), seguimos, assim, para as análises discursivas dos enunciados citados acima.

4.3.2 Discurso de primazia à economia

O discurso de priorização da economia é caracterizado pelas seguintes unidades discursivas: **“empregos devem ser mantidos”, “morrer de fome” e “vai morrer muito mais, se a economia continuar sendo destruída”**. Nesses enunciados, os efeitos de sentido apontam para uma grande ênfase na importância da economia, no sentido de que, durante o período crítico de transmissão do vírus da covid-19, a questão financeira foi colocada em primeiro plano. Isso ocorreu mesmo que, para tanto, as medidas de distanciamento social, necessárias para evitar a proliferação do vírus e proteger vidas, fossem descumpridas. O grupo a seguir é composto por enunciados que destacam a valorização da economia, e tem um “enunciado base” (Rodrigues, 2001): (1) “Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.” Este enunciado contém sentidos que também estão presentes nos demais enunciados do primeiro grupo.

(2) “Tem que reabrir. Nós vamos morrer de fome. A fome mata!”

(3) Está morrendo? Tá. Lamento, lamento, lamento, mas vai morrer muito mais, se a economia continuar sendo destruída por essas medidas.”

No enunciado (2) “*Tem que reabrir. Nós vamos morrer de fome. A fome mata!*”, observa-se um discurso capitalista, pois o enunciador prioriza a reabertura do comércio em meio à crise sanitária, demonstrando despreocupação e descaso com a vida dos brasileiros que governa. O enunciado (3) “*Está morrendo? Tá. Lamento, lamento, lamento, mas vai morrer muito mais, se a economia continuar sendo destruída por essas medidas*” sustenta o discurso do enunciado (2), à medida que o funcionamento desses discursos remete a um sentido de urgência na manutenção das atividades econômicas, em detrimento da saúde pública. O enunciador aponta para a necessidade de que as pessoas continuem trabalhando (e se aglomerando) durante o período pandêmico, com o argumento de que só assim manteriam seus empregos e, conseqüentemente, seu sustento.

Esse efeito de sentido, no entanto, apaga os lados negativos do não cumprimento do confinamento recomendado pelos órgãos de saúde, indo contra até mesmo os acordos realizados entre a OMS e comerciantes durante o período pandêmico. Muitos desses comerciantes aceitaram fechar seus estabelecimentos para evitar o aumento da contaminação pelo vírus da covid-19. Assim, percebe-se que o sujeito político, no “lugar” de presidente, normaliza as mortes como naturais e inevitáveis, como se observa no efeito de sentido instaurado pela palavra “*lamento*”, para justificar a falta de gestão pública. Durante o período pandêmico, o governo não viabilizou medidas financeiras suficientes, como um auxílio emergencial com um valor adequado, que permitisse à população dependente dos salários do comércio ficar em casa, prevenindo o contágio e evitando a proliferação do vírus, sem passar fome.

Embora tenha havido uma contribuição financeira por parte do governo federal durante o período pandêmico, ela foi limitada a algumas pessoas e em determinadas condições: ser maior de 18 anos (exceto mães adolescentes), não ter emprego formal ativo, não ser titular de benefício previdenciário ou assistencial, nem beneficiário do seguro-desemprego ou de programa de transferência de renda federal, e pertencer a uma família com renda mensal per capita de até meio salário-mínimo ou renda mensal total de até três salários mínimos. Nesse contexto, as pessoas com emprego formal, como os trabalhadores do comércio, não eram elegíveis para o auxílio, sendo “obrigadas” a voltar ao trabalho, mesmo sabendo do risco de contribuir para o aumento da circulação do vírus.

4.3.3 Discurso negacionista e de minimização do vírus

Considerando os discursos negacionistas e de minimização da gravidade do vírus da covid-19, apresentamos as seguintes unidades discursivas: “**Não existe caso confirmado**”, “**Levaram o pavor para o público**”, “**uma gripezinha ou resfriadinho**” e “**Não sou coveiro**”. Esses enunciados apontam para a negação e inércia diante da pandemia. Percebe-se que, nessas unidades discursivas, há uma negação da existência e da seriedade do vírus, além de uma evidente despreocupação com a gravidade da doença e com o número crescente de mortes.

Esse discurso gera o efeito de sentido de que não havia confirmação da existência do vírus e que, mesmo que houvesse, não seria motivo de preocupação. Contudo, as pessoas estavam morrendo em números alarmantes, como não acontecia antes da pandemia da covid-19. O conjunto de enunciados a seguir tem um “enunciado base” (Rodrigues, 2001), o enunciado (4) “*Não existe caso confirmado*”, que expressa um discurso negacionista, e o enunciado (7) “[...] *pele meu histórico de atleta, caso fosse contaminado com o vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho [...]*,” que reflete um discurso de minimização. Os demais enunciados do segundo grupo apontam para os mesmos sentidos.

O agrupamento do discurso negacionista e de minimização ao vírus é formado pelos enunciados:

(5) “Levaram o pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estamos vendo que não é verdade.”

(6) “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar.”

(8) “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Não sou coveiro.”

No enunciado (5) “*Levaram o pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estamos vendo que não é verdade.*”, temos um discurso negacionista que minimiza o medo das pessoas diante da divulgação do número de contaminados pela covid-19, sugerindo que esse temor era exagerado. O efeito de sentido instaurado nos itens lexicais “pânico” e “histeria” sugere exagero e desqualificação da periculosidade do vírus, além de menosprezo pelo medo da população de ser infectada. Vale acrescentar que o funcionamento desse discurso instaura sentidos de justificativa à sociedade, por parte do presidente, é de minimização da doença, sugerindo que as pessoas continuem a viver normalmente, desconsiderando a existência do vírus.

Nesse sentido, observa-se que pronunciamentos negacionistas como esse deixavam a população confusa, especialmente por serem feitos pela maior autoridade do país, o Presidente da República, o que conferia maior credibilidade ao seu discurso. Esse cenário foi ainda mais agravado pelo fato de suas declarações contrariarem a posição de pesquisadores e instituições respeitadas, como a Fundação Getúlio Vargas, o Instituto Butantan e até o próprio Ministério da Saúde, que teve alguns de seus ministros demitidos por discordarem do posicionamento do presidente. Dessa forma, a população se viu em meio ao caos, sem uma referência clara sobre como proceder diante da crise sanitária.

No enunciado (6) *“Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar.”*, o discurso minimiza a gravidade do vírus com o uso do termo “gripezinha” e no enunciado (8) *“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Não sou coqueiro.”*, o efeito de sentido gerado é de descaso diante da quantidade de mortes causadas pela covid-19, no período em que o vírus fazia muitas vítimas. A posição do sujeito é a de um político negacionista (como mencionado anteriormente), que rejeita a ideia de uma crise na saúde, mesmo com o elevado número de mortes devido à falta de atendimento.

Diante disso, é possível inferir que, apesar da grande mobilização e dedicação dos profissionais de saúde, vistos por muitos como heróis, isso não foi suficiente para evitar a perda de inúmeras vidas. Além da falta de incentivo ao cumprimento das medidas de distanciamento social por parte da autoridade máxima, o presidente em exercício, outros fatores agravaram a situação, como a superlotação dos hospitais, a ausência de insumos básicos na área hospitalar, a escassez de profissionais de saúde para atender à enorme demanda, e a falta de coordenação eficiente nas políticas de combate à pandemia. Esses problemas contribuíram diretamente para o colapso do sistema de saúde e a consequente perda de vidas, demonstrando a gravidade da crise que, em muitos momentos, foi minimizada.

4.3.4 Discurso de negação à ciência

Nesse discurso, há uma relação com a desvalorização da ciência, evidenciada pelas seguintes unidades discursivas: **“hidroxicloroquina”**, **“melhor vacina: o vírus”**, **“Ninguém pode obrigar ninguém”** e **“Cadê nossa liberdade”**. Esses enunciados geram efeitos de sentido que indicam a promoção de remédios sem comprovação científica, além de uma negação à obrigatoriedade da imunização por meio da vacina.

O agrupamento de enunciados a seguir tem como “enunciado base” (Rodrigues, 2001) o enunciado (11) “*Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina.*”, que apresenta sentidos relacionados aos demais enunciados deste grupo.

Agrupamento dos enunciados que apontam discurso anticiência:

(9) “A hidroxicloroquina tem salvo milhares e milhares de vidas pelo Brasil.”

(10) “Tive a melhor vacina: o vírus.”

(12) “A gente pergunta: por que o passaporte vacinal? Essa coleira que querem botar no povo brasileiro. Cadê nossa liberdade? Prefiro morrer do que perder minha liberdade.”

No enunciado (9), um dos sentidos refere-se à validação de um medicamento sem comprovação científica, sugerindo um discurso anticientífico ao recomendar um tratamento que não foi comprovado como eficaz contra a doença causada pelo vírus da covid-19. Já no enunciado (12), observa-se um efeito de sentido negacionista em relação à vacina, onde o sujeito argumenta que a imunização não deveria ser obrigatória, afirmando que as pessoas são livres para decidir se desejam ou não se vacinar. Diante desses discursos, é possível perceber que o sujeito, ocupando um lugar de destaque na política, posiciona-se contra a ciência, como evidenciado também no enunciado (10), que defende a ideia de que a melhor imunização seria contrair o vírus para se tornar imune.

As análises revelaram que o discurso do presidente se inscreve na formação discursiva de chefe de estado e principal representante do povo brasileiro. Diante disso, foi possível identificar que a posição-sujeito ocupada pelo presidente é de negação em relação à vacina, à gravidade da doença e às necessidades de medidas mais restritivas (como mencionado anteriormente) para o controle do vírus. Nota-se que as falas do ex-presidente, durante os pronunciamentos, demonstram um descaso com a perda de vidas, como se a quantidade de mortes não fosse relevante, ou pior, como se representasse menos pessoas para governar e menos gastos com questões sociais.

Ainda sobre o enunciado (12) “*A gente pergunta: por que o passaporte vacinal? Essa coleira que querem botar no povo brasileiro. Cadê nossa liberdade? Prefiro morrer do que perder minha liberdade.*”, no qual o chefe de governo questiona a obrigatoriedade da vacina, vale destacar que até os rebanhos bovinos e suínos, para serem comercializados, precisam

comprovar que estão em dia com a vacina contra a febre aftosa¹⁷, para evitar a transmissão de doenças aos humanos. Agora, imagine a importância dessa obrigatoriedade para as pessoas, especialmente em uma crise sanitária como a que vivemos durante o período pandêmico.

É fundamental destacar que um governo não pode implementar uma campanha de vacinação na qual as pessoas sejam forçadas a se vacinarem. No entanto, a vacinação pode ser incentivada por meio de mecanismos que condicionam o exercício de certos direitos à imunização. Em outras palavras, é possível estabelecer normas que restrinjam o acesso a direitos — como viagens, benefícios governamentais, ingresso em órgãos ou instituições públicas, tomar posse de cargos públicos, obtenção da carteira de habilitação, entre outros — com a ressalva de que, caso a pessoa se recuse a se vacinar, esses direitos “garantidos” por lei poderão ser negados.

No que se refere aos benefícios do governo, a legislação brasileira já prevê normas que regulam a distribuição do Bolsa Família, por exemplo, exigindo o cumprimento de certas condições, como manter a vacinação das crianças em dia. Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu Artigo 14, inciso 1¹⁸, estabelece que os pais têm o dever de vacinar seus filhos, sob pena de multa caso não cumpram essa obrigação. Acreditar em notícias desinformativas, como a falsa ideia de que vacinas causam autismo, não é um motivo legítimo para colocar a saúde das crianças e da comunidade em risco.

4.4 Algumas considerações

Quando as autoridades de saúde brasileiras aprovaram a vacina contra a covid-19 e recomendaram seu uso, foi com o objetivo de garantir a segurança da população. Diante disso, não há motivo legítimo para que se questione a sua eficácia. Além disso, é dever das autoridades públicas e dos profissionais da saúde conscientizar a todos sobre os cuidados necessários com a saúde.

É importante salientar que a pandemia exigiu a suspensão temporária de alguns direitos básicos, como a liberdade de ir e vir (Artigo 13 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948), a liberdade de associação (Artigo 20) e o direito à educação (Artigo 26). Essas medidas

¹⁷ Tipo de doença viral altamente contagiosa que atinge animais de patas fendadas, principalmente os bovinos de leite e de corte e os suínos; as lesões geralmente aparecem na boca e na mucosa dos animais; doença da vaca louca. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/febre-aftosa/>. Acesso em: 18 jun. de 2024.

¹⁸ § 1º É obrigatória a vacinação das crianças nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias. (Renumerado do parágrafo único pela Lei nº 13.257, de 2016). Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10618559/artigo-14-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>. Acesso em: 18 de jun. de 2024.

foram essenciais para minimizar a propagação do vírus, evitando aglomerações em ruas, escolas, universidades e comércios, mas sempre com a intenção de serem temporárias e para preservar outro direito igualmente fundamental: o direito à saúde (Artigo 25). Diante do caos vivido, questionar essas medidas era, de certa forma, desconsiderar a gravidade da situação e a perda de tantas vidas.

É válido destacar o que Zoppi-Fontana (2018) afirma sobre o discurso de pós-verdade, ao considerar que esse tipo de discurso está diretamente relacionado ao lugar social e ao sujeito que o enuncia. Nesse contexto, é possível dizer que o discurso do sujeito das declarações analisadas se inscreve nessa categoria, uma vez que está vinculado a um lugar social legitimado — o de um sujeito político — e, como mencionado anteriormente, reflete uma postura negacionista, capitalista, e que minimiza a gravidade da doença e do vírus.

O autor acrescenta ainda que o discurso de pós-verdade surge em “lugares sociais” de destaque na cena política global e, por ser enunciado por esses sujeitos, “essas pós-verdades ganham rapidamente ampla circulação na grande mídia, fazendo ecoar os enunciados e naturalizando seus sentidos como gestos hegemônicos de interpretação dos fatos da atualidade” (Zoppi-Fontana, 2018, p.157). Dessa forma, não há anonimato na produção do discurso de pós-verdade.

Com essas análises, não se busca o esgotamento ou a completude em relação aos discursos analisados, pois “[...] não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (Orlandi, 2015, p. 62). Considerando que qualquer texto incluído em um *corpus* de análise é constituído por muitas possibilidades de leitura e interpretação, ele pode sempre ser revisitado e está aberto a novas abordagens e análises, dependendo das questões levantadas pelo analista, dos objetivos propostos e do dispositivo teórico adotado em cada análise.

5 CONTEXTO DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA E OS SUJEITOS ENVOLVIDOS

Nesta seção, apresentaremos o contexto de aplicação da proposta de ensino de linguagem, bem como os sujeitos envolvidos no processo.

5.1 Contexto de aplicação da proposta interventiva

A proposta foi desenvolvida em dezesseis aulas, em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental II, na Escola Municipal Judith Gomes Leitão, localizada na Travessa Santa Teresinha, 396-460, no bairro Velha Marabá, na cidade de Marabá, estado do Pará. A turma é composta por 33 alunos e alunas, que foram os sujeitos da pesquisa. A referida escola foi inaugurada em 1966 e é o terceiro prédio escolar mais antigo da cidade. A escolha dessa instituição para a aplicação da proposta de intervenção justifica-se pelo fato de ser a escola onde trabalho, o que me permitiu conhecer o perfil e as dificuldades dos alunos, facilitando, de certa forma, a execução do trabalho.

O corpo docente, no período em que a proposta foi aplicada, era composto por cerca de trinta professores, entre efetivos e contratados, além de cinco estagiários. A equipe pedagógica de apoio incluía uma diretora, uma vice-diretora, uma orientadora e uma coordenadora. A equipe de apoio não pedagógico contava com quatro merendeiras, cinco agentes de portaria e seis agentes de serviços gerais. Em 2023, havia aproximadamente setecentos e setenta alunos matriculados, distribuídos nos turnos da manhã e da tarde, dos quais dezesseis eram portadores de deficiências físicas e cognitivas.

A estrutura física da escola é composta por doze salas de aula, uma sala de leitura (com um acervo de livros paradidáticos considerado insuficiente para atender a demanda de toda a comunidade escolar), uma sala de informática (com apenas oito computadores funcionando para turmas com mais de trinta alunos), um auditório, salas de apoio pedagógico, sala dos professores, secretaria e uma sala de recursos para alunos com deficiências. Esses alunos frequentam as aulas regulares todos os dias letivos e, uma vez por semana, participam das atividades na sala de recursos "especializada". O prédio também conta com uma cozinha, dois pátios, banheiros para professores e alunos (divididos entre masculino e feminino), além de uma quadra poliesportiva.

A escola é considerada de grande porte e recebe alunos tanto do bairro Velha Marabá, onde está localizada, quanto de outros núcleos da cidade, como Cidade Nova, Nova Marabá, São Félix e Morada Nova. Por ser a única escola de Ensino Fundamental II no bairro Velha

Marabá, ela atende estudantes tanto da periferia quanto do centro. Infelizmente, a escola não mantém seus espaços abertos à comunidade externa, como deveria, para atividades esportivas e culturais, exceto pelo auditório, que é cedido para reuniões diversas. A abertura desses espaços poderia contribuir para a redução da violência que aflige o bairro, especialmente entre adolescentes e jovens, já que é amplamente reconhecido que o investimento em atividades socioculturais desempenha um papel significativo no combate à violência, principalmente entre os jovens.

Com relação ao cotidiano escolar da instituição, os principais problemas enfrentados, além dos já mencionados, são: salas superlotadas, carência de material de apoio, pouca participação familiar, ausência de Hora de Trabalho Pedagógica (HTP), que é o período destinado a atividades como planejamento, elaboração de planos de aula, organização de materiais e recursos, correção de atividades, devolutivas e reuniões entre professores. Outro desafio é a discrepância no nível de desempenho dos alunos, considerando que, nessa escola, alguns estudantes do 9º ano ainda apresentam dificuldades na decodificação de signos linguísticos. Vale ressaltar que essa situação se agravou após a pandemia de covid-19, conforme constatado pelos resultados das provas externas, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que mede o índice de aprendizagem ao final de cada etapa da educação básica a cada dois anos. No último resultado, essa unidade escolar não alcançou a nota 5,0, o que reflete uma realidade comum à maioria das escolas públicas no Brasil.

Esse cenário pode ser justificado por diversos fatores, como a falta de investimentos na educação, carência de material de apoio, insuficiente formação continuada para professores e a desvalorização profissional. Além disso, é importante destacar que, nos últimos anos, o contexto político contribuiu para o agravamento dessas dificuldades. Além dos desafios impostos pela pandemia, o governo em exercício desmoralizou muitos órgãos públicos, especialmente as universidades, promovendo uma visão distorcida desses espaços, retratando-os como locais de desordem, uso de drogas e comportamento indevido. O pior é que muitos de seus seguidores acreditam e ainda disseminam essas inverdades, o que descredibiliza tanto os profissionais quanto os estudantes das instituições públicas de ensino superior. Além disso, os frequentes cortes de verbas tornaram essa situação ainda mais desafiadora, com novas surpresas desagradáveis surgindo a cada dia.

Apesar das dificuldades enfrentadas no ensino público, não podemos desanimar. Devemos continuar lutando por melhorias na educação, compreendendo que o aprendizado obtido nessas instituições, especialmente por meio de pós-graduações, faz a diferença “no chão” das escolas. Com o atual governo, acreditamos que será possível melhorar ainda mais o cenário

acadêmico das instituições públicas, oferecendo mais oportunidades de pós-graduação aos professores em sala de aula. Essa medida é essencial para promover metodologias exitosas, que ressignifiquem, em especial, o desenvolvimento da leitura e da interpretação de textos nas escolas.

A seguir, apresentamos algumas fotos da escola onde foi desenvolvida a proposta de intervenção. Vale destacar que, no período de aplicação da pesquisa, a escola estava passando por um processo de revitalização dos seus espaços físicos.

Imagem 1 - Área externa da escola – espaços que dividem os blocos das salas



Fonte: <https://maraba.pa.gov.br/escola-judith-obras/>. Acesso em: 10 abr. 2023

Imagem 2 - Pátio da área de entrada da escola



Fonte: <https://maraba.pa.gov.br/escola-judith-obras/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Imagem 3 - Refeitório da escola



Fonte: <https://maraba.pa.gov.br/sevop-revitalizacao-escola-judith/> Acesso em: 10 abr. 2023.

5.2 Livro didático utilizado pelos sujeitos da pesquisa

Antes de desenvolver a proposta de ensino, é importante apresentar o livro didático utilizado pelos sujeitos da pesquisa: o manual intitulado "*SINGULAR E PLURAL – Leitura, produção e estudos de linguagem*", das autoras Marisa Balthasar e Shirley Goulart, publicado pela editora Moderna. Esse material foi adotado em nível municipal, sendo importante destacar que ele não foi selecionado pelos docentes da escola em questão. No entanto, os professores dessa unidade de ensino o utilizam, pois foi escolhido pela maioria dos docentes das escolas do município que participaram da seleção dos exemplares.

Em relação ao conteúdo, o manual trabalha com foco nos gêneros textuais e segue uma abordagem gramatical próxima dos conceitos normativos. Grande parte dos textos presentes no livro é usada com o objetivo de desenvolver questões relacionadas à identificação dos gêneros textuais e à nomenclatura dos conceitos gramaticais, o que o distancia da abordagem de Orlandi, que prioriza o estudo da linguagem considerando as condições de produção que envolvem o sujeito. Para Orlandi, o sujeito é visto como um ser social, constituído e materializado pela linguagem, interpelado pela ideologia e pelo momento sócio-histórico em que o discurso é produzido, além de considerar a memória discursiva.

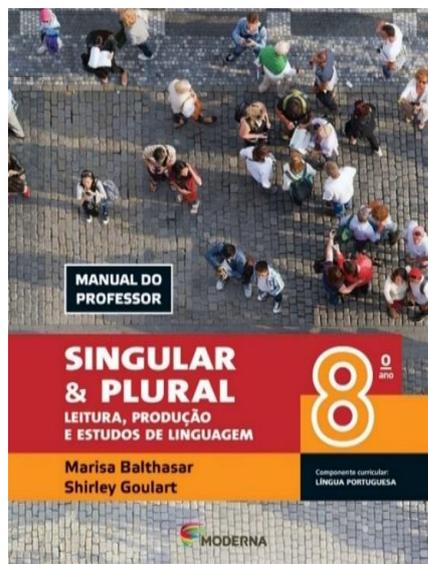
É importante destacar que, para a Análise do Discurso (AD), o foco está em compreender “como” o texto significa (Orlandi, 2015, p. 15), e não simplesmente “o que” ele quer dizer, uma vez que a linguagem presente nos discursos é vista como opaca, turva, ou seja, não transparente. Nesse sentido, a AD entende o texto em sua discursividade, não se limitando

a “extrair sentidos” ou a meramente buscar respostas sobre o que o texto quer dizer, tampouco reduzindo-o a uma frase extensa.

É relevante mencionar que os manuais mais recentes disponibilizados pelo MEC, às instituições de ensino nos municípios brasileiros têm buscado alinhar seus conteúdos com o que é previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para cada atividade, são determinados objetos de conhecimento e habilidades correspondentes a esse documento normativo. Além disso, as atividades nesses manuais são organizadas a partir de gêneros textuais específicos. No entanto, vale ressaltar que um estudo focado apenas na identificação de gêneros textuais não oferece uma abordagem tão produtiva, especialmente no que diz respeito ao funcionamento da linguagem. Portanto, para essa menção, consideramos o Plano de Curso de Língua Portuguesa do nosso município, que foi elaborado com base na nova BNCC, embora não tenhamos verificado a totalidade do documento.

Portanto, é importante destacar que a adesão das escolas à forma como o livro didático é utilizado, em consonância com a BNCC, tem uma explicação: essa prática está, em grande parte, voltada para o que é exigido nas provas externas, como, por exemplo, o SAEB. No entanto, ao analisarmos as médias das escolas públicas, percebemos que algo está seriamente errado. Há uma necessidade urgente de buscar novos procedimentos metodológicos, o que pode ser alcançado por meio de investimentos em formação continuada para os docentes, especialmente aqueles que atuam na educação básica. Isso proporcionará novos aprendizados e o desenvolvimento de práticas metodológicas mais eficazes, como a apresentada nesse trabalho.

Imagem 4 - Capa do livro didático – Singular & Plural



Fonte: <https://pnld.moderna.com.br/obra-didatica/singular-plural-leitura-producao-e-estudos-de-linguagem-8/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

O quadro a seguir apresenta a organização desse manual, que é dividido em Unidades/Capítulos.

Quadro 1 – Organização geral do livro - Singular & Plural

	CAPÍTULOS POR TEMÁTICA
Unidades 1	Capítulo 1 – Eu e o outro – a ética nas relações pessoais.
	Capítulo 2 – O mistério dos contos fantásticos.
	Capítulo 3 – Períodos compostos – coordenação e subordinação.
Unidades 2	Capítulo 4 – Retratos de Adolescências
	Capítulo 5 – Práticas com leituras de contos. Fruição, curadoria e produção de minicontos.
	Capítulo 6 – Período composto por coordenação.
Unidades 3	Capítulo 7 – O que temos e o queremos.
	Capítulo 8 – Intervenções Poéticas.
	Capítulo 9 – As classes de palavras na construção da coesão textual.
Unidades 4	Capítulo 10 – Preconceitos e desigualdades.
	Capítulo 11 – Leituras de Dom Casmurro, romance, teledramaturgia e leitura expressiva em vídeos.
	Capítulo 12 – Figuras de linguagem.

Fonte: elaborado pela autora.

Por meio deste quadro, percebe-se que o manual foi estruturado em quatro unidades, sugerindo que a intenção das autoras foi destinar uma unidade para cada bimestre. É importante destacar que, como não foi possível realizar um levantamento sobre os demais livros didáticos adotados em outros municípios do Brasil – visto que este não é o objetivo deste trabalho – não podemos generalizar que todos os livros de Língua Portuguesa adotados por outras instituições de ensino não priorizem a linguagem ou não abordem aspectos que se aproximem da metodologia desenvolvida nessa proposta de ensino.

Vale ainda mencionar que alguns dos temas abordados nos textos deste manual são relevantes para o trabalho em sala de aula, como é o caso dos temas tratados nos capítulos um, quatro e dez. No entanto, é a abordagem do professor ao desenvolver esses temas que fará a real diferença no aprendizado dos alunos.

6 METODOLOGIA E PROPOSTA DE ENSINO DE LINGUAGEM PELO VIÉS DA ANÁLISE DO DISCURSO

6.1 Detalhamento da metodologia

Optamos por uma metodologia de ensino que trabalhar a leitura, interpretação e análise de textos, utilizando recortes de *fake news*, com foco no ensino da linguagem nas aulas de Língua Portuguesa, especialmente para estudantes da educação básica, em particular, os de uma turma do ensino fundamental maior da rede pública. A metodologia adotada é de natureza qualitativa e tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação textual e escrita dos alunos.

É importante considerar, como postulado por Orlandi (2015), que ao constituir o corpus de análise, o analista deve priorizar a qualidade dos textos, em vez da quantidade. Conforme a autora:

a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca das propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visa a demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos (Orlandi, 2015, p. 61).

Nesse sentido, a análise adota a perspectiva da Análise do Discurso (AD) para compreender como os textos se relacionam com a história e a linguagem dos sujeitos que os produzem e os consomem. Vale destacar que a AD é uma ferramenta metodológica valiosa para o ensino de Língua Portuguesa, pois auxilia os alunos na interpretação dos sentidos dos textos, levando em conta as marcas de interpelação histórica e ideológica. Assim, ela contribui para uma compreensão mais reflexiva sobre qualquer tipo de texto com o qual os alunos tenham contato na sociedade. É importante considerar também que essa teoria não propõe uma metodologia específica ou um esquema já pronto; o analista deve adaptar os processamentos, resignificando-os de acordo com a necessidade de cada contexto ou situação.

No contexto da pandemia da covid-19, a metodologia se concentra na análise de recortes de *fake news* associados a diferentes momentos da crise sanitária, desde o surgimento do vírus até questões relacionadas à prevenção e à vacinação. A análise se baseia em sequências discursivas, considerando que o discurso é o objeto central da (AD). A metodologia tem como objetivo auxiliar os alunos a compreender os textos de forma reflexiva, levando em conta sua

materialidade linguística e o contexto histórico e social, por meio de um processo analítico-discursivo.

A escolha do objeto de análise levou em consideração a relevância coletiva que esse tipo de texto carrega, visto que os discursos presentes nas *fake news* representam uma preocupação social contemporânea. Embora esse tipo de texto já tenha sido abordado em outras pesquisas, a diferença dessa metodologia está no aporte teórico adotado, que busca promover novas práticas didáticas capazes de impulsionar a reconstrução do fazer pedagógico do professor.

6.2 Leitura e interpretação em sala de aula considerando a Análise de Discurso

Considerando que esta pesquisa tem como objetivo trabalhar a leitura, análise e interpretação de textos com os alunos, é importante, antes de desenvolvermos a proposta, destacar que há diversas metodologias que podem ser adotadas no ensino e na aprendizagem da leitura. Seguindo os procedimentos teóricos e analíticos da AD, vale considerar que, para essa teoria, a leitura é produzida e determinada pelas condições de produção, nas quais o sujeito que lê é interpelado pela ideologia e inscrito em uma formação discursiva específica. Assim, o sujeito lê e interpreta, constituindo os sentidos ao se apropriar de uma memória discursiva. Nessa perspectiva, a leitura visa compreender o funcionamento do discurso na construção da interpretação, distanciando-se da ideia de transparência do texto e possibilitando novas formas de ler e interpretar.

Nesse sentido, faz-se necessário desenvolver trabalhos com os educandos, com foco na linguagem presente nos diversos textos que circulam na sociedade, considerando a linguagem, segundo a AD, como não transparente. Sobre isso, Orlandi (2020) afirma que:

como a linguagem tem uma relação necessária com os sentidos e, pois, com a interpretação, ela é sempre passível de equívocos. Dito de outro modo, os sentidos não se fecham, não são evidentes, embora pareçam ser. Além disso, eles jogam com a ausência, com os sentidos do não-sentido (Orlandi, 2020, p. 9).

Nessa perspectiva, a AD nos mostra que a relação com a linguagem nunca é uma relação ingênua, pelo contrário, é uma relação em que se encontram a história e a ideologia. Assim, tanto o sujeito que produz um texto — como é o caso dos desinformativos — quanto aquele que lê, são interpelados pela ideologia e pela história.

Dessa forma, essa abordagem de leitura e análise revela como o texto produz e apresenta sentidos, evitando reduzi-lo a algo aparentemente claro e incontestável. Pêcheux define o

discurso como sendo uma forma de materialização ideológica, “[...] onde o sujeito é um depósito de ideologia, sem vontade própria, e a língua é um processo que perpassa as diversas esferas da sociedade” (Pêcheux, 1990, p. 82).

Sobre o que se encontra implícito num texto é importante destacar o que afirma Orlandi (2008):

quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de dizer o que se disse e que significa com nuances distintas etc. (Orlandi, 2008, p. 11).

Nesse sentido, convém destacar que os textos e, podemos citar como exemplo os desinformativos, carregam múltiplos sentidos nas entrelinhas. Cabe ao professor(a) trabalhar de maneira constante a leitura e análise desses textos, chamando atenção dos discentes para o seu funcionamento. Assim, “[...] as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (Orlandi, 2015, p. 41). Dessa forma, as palavras mudam de significado de acordo com as posições ideológicas de quem as emprega, pois o sentido das palavras não existe isoladamente, mas é determinado pelas posições ideológicas e pelo contexto sócio-histórico em que são produzidas. Ou seja, “as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra. Assim, não são somente as intenções que determinam o dizer. Há uma articulação entre intenção e convenções sociais” (Orlandi, 2011, p. 27).

Sendo assim, no que tange à linguagem, na perspectiva da AD, as palavras podem adquirir outros sentidos, dependendo de quem as emprega, da posição social que o sujeito ocupa, do local e do momento histórico em que são usadas, entre outros fatores. há um elemento fundamental que determina o que pode ou não ser dito em um certo contexto, denominado formação discursiva. Essa noção é essencial e os ajuda a compreender que os sentidos dentro dos discursos carregam uma dimensão ideológica. Dessa forma, tudo o que falamos ou escrevemos possui um traço ideológico que produz efeitos, muitas vezes sem que nos demos conta. A AD, portanto, explora essa relação entre linguagem e ideologia. Conforme Orlandi (2003) pontua:

a análise do discurso introduz, através da noção de sujeito, a de ideologia e a de situação social e histórica. Ao introduzir a noção de história vai trazer à reflexão as questões de poder e das relações sociais. O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar outro, mas da relação de sentidos estabelecidos por eles num contexto social e histórico (Orlandi, 2003, p. 62-63).

A autora acrescenta ainda que o sujeito, ao pronunciar seu discurso, faz referência a algo que já foi dito, remetendo-se a outros discursos, pois o sujeito participa em uma sociedade marcada por diferentes classes sociais, na qual assume diferentes posições ideológicas. É válido destacar que a AD não aborda a língua considerando-a como um sistema abstrato, mas sim como uma interação entre o homem e a sociedade. Conforme afirma Orlandi (2015):

a análise do discurso [...] não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (p. 13-14).

É inegável que trabalhar o sentido do texto é algo relevante para a AD, considerando que a linguagem é vista como linguagem porque faz sentido, e a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história por meio da língua. Como destaca Orlandi (2015) “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua [...]. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (p. 30).

É importante destacar o que Orlandi (2020) afirma ao mencionar que, mesmo que não possua a finalidade consciente, o que falamos sofre influência da língua e da história, pois os sentidos não estão exclusivamente nas palavras, mas na relação com o exterior, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem somente das intenções dos sujeitos. E esse aspecto é relevante quando lemos ou analisamos um texto.

No processo de análise com a efetivação da leitura, pelo viés da AD, é necessário considerar “[...] o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária” (Orlandi, 2015, p. 32). Baseando-se nesse procedimento de leitura e interpretação, buscamos conduzir o sujeito-leitor a “ler” os não-ditos que constituem as materialidades, ou seja, aquilo que não está escrito no texto, mas que contribui também para o processo de constituição dos sentidos.

Ao partir dessas considerações, observa-se a grande relevância de estar atento ao que é dito nas notícias falsas e o que se encontra mascarado ou silenciado nas palavras utilizadas, uma vez que a produção e circulação de uma notícia falsa sustenta a posição de um sujeito. É essencial compreender que não existe sentido que desconsidere a interpretação, e não há interpretação sem a interpelação da ideologia que é a condição básica para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. Como afirma Orlandi (2020):

a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que as diferentes linguagens, ou diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos (Orlandi, 2020, p. 9).

Dessa forma, a interpretação de um texto pode variar se levarmos em consideração os diferentes sujeitos-leitores e até mesmo o mesmo sujeito em épocas diferentes. Nesse sentido, Orlandi (2008) ressalta que:

o mesmo leitor não lê o mesmo texto da mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura, e o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas, por diferentes leitores. É isso que entendemos quando afirmamos que há uma história de leitura do texto e há uma história de leitura dos leitores (Orlandi, 2008, p. 62).

Nessa perspectiva, convém dizer que a leitura possui um papel fundamental nas práticas leitoras nas escolas, considerando que todas as disciplinas são aprendidas por meio dela. No entanto, sabemos que, a leitura ensinada em muitas escolas, até mesmo em muitas instituições de ensino superior, é feita por meio de metodologias que se utilizam de práticas ou oficinas que levam o aluno apenas a decodificar e interpretar o que está lendo. Essa abordagem, por vezes, não contribui de forma significativa para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos alunos, fazendo com que muitos apenas compreendam os sentidos explicitamente expostos nos textos, sem alcançar uma interpretação mais profunda.

Diante dessa constatação, entendemos que ao trabalhar com textos em sala de aula se concentre mais em capacitar os alunos a compreender os efeitos de sentido presentes nos diversos tipos de textos e os processos discursivo que os constituem.

6.3 Procedimentos metodológicos da proposta de ensino de linguagem

Antes de desenvolver a proposta, faz-se necessário destacar, mesmo que de maneira resumida, a abordagem de Guimarães para o trabalho com textos, pois a proposta de ensino segue os movimentos e passos indicados por esse autor. Segundo o autor, o professor deve realizar uma análise prévia do texto, apresentá-lo aos alunos e, em seguida, solicitar que eles realizem a análise por conta própria.

De acordo com Guimarães, na análise de um texto, os seguintes procedimentos devem ser considerados:

1. toma-se um recorte qualquer e produz-se uma descrição de seu funcionamento; 2. interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado; 3. Chega-se a, ou toma-se, outro recorte e faz-se dele sua descrição; 4. Interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado, tendo em vista a interpretação feita do primeiro recorte; 5. busca-se um novo recorte, etc., até que a compreensão produzida pelas análises se mostre suficiente para o objetivo específico da análise (Guimarães, 2012, p. 59-60).

Assim, podemos afirmar que em aspectos a teoria da AD, desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi, aproxima-se da teoria da Semântica da Enunciação, elaborada por Eduardo Guimarães, especialmente no que diz respeito à filiação materialista histórica de ambas. Ambas as teorias compartilham a visão de que as práticas humanas são fundamentadas nas relações sócio-históricas. Nesse sentido, elas consideram, no estudo da linguagem, ao mesmo tempo a língua, a história e o lugar social do sujeito que enuncia.

Portanto, tanto a AD quanto a Semântica da Enunciação não tratam a língua de maneira isolada do processo em que é produzida. Pelo contrário, é essencial considerar a exterioridade que constitui o linguístico, entendendo seu caráter sócio-histórico e ideológico.

6.4 Elaboração e desenvolvimento da proposta de ensino de linguagem

A elaboração da proposta foi dividida em **três módulos**, e a seguir apresentaremos os objetivos que almejamos alcançar com esse procedimento metodológico. Vale ressaltar que os módulos serão detalhados no decorrer do desenvolvimento da proposta de ensino.

É importante mencionar que, ao final de cada módulo, os alunos são desafiados a produzir um texto por escrito de cinco a dez linhas, refletindo sobre o que compreenderam nos movimentos e passos trabalhados. Essa atividade promove a expressão e a reflexão sobre os discursos presentes nas análises, além de contribuir para o desenvolvimento das habilidades de escrita. Após a produção textual, alguns discentes serão convidados a ler suas sínteses em voz alta, o que também aprimora suas habilidades de leitura.

6.5 Objetivos que visamos alcançar com o desenvolvimento da proposta interventiva

Quadro 2 – Quadro dos objetivos da proposta

Objetivo Geral	Contribuir com as práticas de leitura, interpretação e análise de textos dos alunos, por meio de metodologia que considera a teoria da Análise do Discurso.
-----------------------	---

Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> a) Desenvolver métodos de leitura e interpretação de textos com os alunos pelo viés da AD; b) Colaborar com gestos de interpretação de textos, considerando as condições de produção que envolvem o sujeito do discurso a situação sócio-histórica-ideológica e o interdiscurso; c) Contribuir para uma consciência reflexiva e menos ingênua dos alunos diante dos textos presentes nas redes sociais digitais.
------------------------------	--

Fonte: elaborado pela autora.

Para alcançar os objetivos sugeridos na proposta, desenvolvemos quadros, considerando ser uma abordagem mais didática, o que facilitará a compreensão dos docentes durante a aplicação das análises. Nessa perspectiva, para cada **módulo**, serão apresentados: os objetivos a serem alcançados, os recursos a serem utilizados, os suportes técnicos, os procedimentos metodológicos, o tempo previsto para a atividade e os sujeitos da pesquisa.

Como os sujeitos dessa pesquisa são alunos do ensino fundamental, convém ressaltar, que não usaremos termos técnicos específicos dessa teoria durante o trabalho com eles. Assim, durante a aplicação, buscaremos “adequar” a terminologia ao nível de entendimento da turma, garantindo que a proposta seja acessível e compreensível para todos.

6.6 Módulo I: apresentação da proposta interventiva aos alunos e sondagem acerca do histórico das *fake news* e das vacinas no Brasil

No módulo I, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a proposta de intervenção a ser desenvolvida ao longo das aulas. Nesse primeiro momento, realizamos uma sondagem para o conhecimento prévio dos discentes sobre o histórico das *fake news*, considerando que o foco do trabalho será a realização de gestos de interpretação desse tipo de texto. Além disso, abordamos o histórico das vacinas no Brasil, dado que as *fake news* analisadas foram disseminadas durante o período pandêmico, sendo as vacinas um dos principais alvos de ataques e desinformações propagadas por esses conteúdos.

6.6.1 Movimento I: apresentação e sondagem

Quadro 3– Apresentação da proposta de intervenção com a exposição dos conceitos básicos da AD

Área de Conhecimento	Linguagem
Disciplina	Língua Portuguesa
Turno	Manhã
Público	Alunos de uma turma do 8º ano Ensino Fundamental II
Tempo de duração do desenvolvimento da atividade	3 horas-aulas (2h30m)
Organização dos alunos	Semicírculo para facilitar a participação de todos os alunos da turma.
Combinados importantes para uma melhor aprendizagem	<p>Antes do início do desenvolvimento da proposta de intervenção, foram estabelecidos alguns acordos com os alunos, como:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Respeitar o momento de fala do colega; 2- Respeitar a opinião dos demais; 3- Cumprir com as atividades propostas. <p>O cumprimento desses acordos possibilita a democratização do aprendizado dos alunos envolvidos no desenvolvimento da proposta interventiva.</p>
OBJETIVOS	
Geral	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a proposta de ensino de linguagem aos alunos, ressaltando o objeto de estudo, como também uma abordagem sobre o histórico das <i>fake news</i>, e das vacinas no Brasil e apresentação de conceitos básicos da AD.
Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Oportunizar um diálogo acerca do surgimento do termo <i>fake news</i>, e os seus efeitos na sociedade, em especial, no momento pandêmico; • Explanar de maneira “adequada” à turma a teoria da Análise do Discurso por meio de conceitos-chaves de: Discurso, sujeito, linguagem, interdiscurso e condições de produção; • Apresentar o objeto de estudo a ser trabalhado com os alunos – discursos desinformativos - por meio de leitura e análise de recortes de textos desinformativos do período da pandemia da covid-19; • Disponibilizar um caderno brochura para que os alunos realizem as anotações e as produções de textos; • Explicar aos alunos que ao final de cada módulo, ou assim que o professor achar necessário, eles serão motivados a produzirem síntese por escrito sobre o que entenderam e alguns serão convidados a realizarem leitura de sua síntese para a turma.
PASSO 1 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO MOVIMENTO I DO MÓDULO I.	
<p>1. Por meio de um diálogo, nesse primeiro momento, os alunos foram questionados sobre o que já conhecem a respeito dos termos <i>fakes news</i> e como eles se comportam diante dos textos publicados nas redes sociais: a) Costumam ler e repassar notícias sem verificar a procedência? b) Quais os meios que utilizam para</p>	

identificarem se as notícias da internet são verdadeiras ou falsas? c) Consideram relevante trabalhar esse tipo de texto na sala de aula? d) Verificam a linguagem e o sujeito que a produz? Verificam as condições de produções?

A maioria afirmou que são habituados a verificar apenas a fonte, data, local da publicação e autoria. Considerando que é a maneira cobrada na BNCC, nota-se a importância de realizar um trabalho com gestos de interpretação que considera o funcionamento da linguagem por meio das condições de produção do texto, como a AD trabalha.

2. Posteriormente, foi projetado um resumo sobre o histórico dos itens lexicais *fake news*, mostrando quando surgiram e suas influências na vida das pessoas, principalmente, em se tratando de questões políticas;

3. Em seguida foi apresentado aos alunos os principais objetivos que pretendemos alcançar com o desenvolvimento dessa proposta de ensino;

4. Antes de passar para as análises, foi exposto aos alunos, por meio de projeção de slides alguns conceitos básicos da AD de maneira “adequada” à turma, considerando, ser esta uma teoria que não é estudada na educação básica, porém eles precisam conhecê-la, mesmo que de maneira “adaptada”, pois nortearão as análises discursivas trabalhadas durante o desenvolvimento da proposta. Dessa forma, foi realizada uma exposição com a utilização de termos mais acessíveis, o que facilitou o entendimento deles, conforme segue:

- **Discurso:** é o sentido produzido entre aquele que fala e para quem ele fala;
- **Sujeito:** é um ser social, pois é constituído historicamente, nas relações sociais. Existem várias maneiras desse sujeito dizer das coisas, mas ele diz de uma maneira e não de outra; essa maneira como ele diz significa porque muitas outras coisas relacionadas àquela questão já foram ditas, essas coisas ditas anteriormente ainda significam no que é dito agora e significam o sujeito, possibilitando dizer de qual lugar social – de pai, de professora, de presidente, de médico, etc. – ele está falando. É isso que define a posição sujeito. É possível verificar ainda como ele fala das coisas, isso vai possibilitar entender a sua posição em relação ao que é dito. É importante ressaltar ainda, que lugar de fala de sujeito social ou posições-sujeito, não é a mesma coisa de lugar físico;
- **Linguagem:** para a AD a linguagem não é transparente, considerando que não possui apenas um sentido, o sentido advém da situação discursiva que for empregada;
- **Interdiscurso:** é o mesmo que memória discursiva - aquilo que falamos já foi dito em uma outra situação discursiva, em um outro discurso, porém, isso ocorre de maneira inconsciente, porque o sujeito é assujeitado, sendo assim, não é dono do dizer;
- **Condições de produção:** foi mostrado aos discentes que ao analisarmos um texto, devemos levar em consideração as condições de produção em que foram produzidos, que incluem os sujeitos, a situação e a memória discursiva. Trazendo para o momento das *fake news* no período do covid-19, deve-se considerar a posição-sujeito e podemos citar como exemplos, falas do ex-presidente do nosso país, que por meio de pronunciamentos na mídia, em que apresenta um discurso de minimização da doença transmitida por esse vírus, de negação à vacina. E por ele ser uma pessoa pública, o seu dizer transmitiu maior credibilidade. E foi pontuado também que os discursos não são nossos, visto que são carregados de outros discursos. E por último, no período pandêmico os disseminadores das *fake news*, exploraram muitas das vezes, estrategicamente, aspectos culturais relacionados a saberes populares, tradições, crenças e, em especial, questões políticas, causando assim, medo na população, relacionando as outros discursos já consolidados na sociedade sobre esses temas;
- **Formações discursivas:** de acordo com Orlandi, uma formação discursiva “se define como aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada – determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2015, p. 43). O que implica em dizer que os sentidos sempre são definidos ideologicamente, pois pode ser afirmado que a ideologia recorta o interdiscurso, definindo regiões de memória. Ou seja: os sentidos não estão predeterminados na língua, mas se encontram constituídos nas e pelas formações discursivas.

5. Na sequência, foi entregue aos alunos um caderno tipo brochura para que eles registrassem na folha de rosto os dados pessoais, como: nome completo, nome da escola, nome do professor, série e turma. E foi solicitado que enumerassem todas as folhas, considerando que os cadernos serviriam para as anotações e as produções realizadas durante todo desenvolvimento da proposta interventiva. Ao final de cada produção os alunos os devolveriam ao professor, para que eles não corressem o risco de deixá-los nas suas casas, prejudicando, assim, o andamento da atividade;
6. Ao final desta aula, foi encaminhada uma pesquisa acerca do histórico das vacinas no Brasil, tendo em vista, que algumas das *fakes news* em estudo tratam dessa temática. E também para que os alunos compreendam o quanto esse imunizante, tão criticado e desacreditado nos últimos anos, tem contribuído de maneira significativa com a prevenção de muitas doenças e salvando a vida de muitas pessoas;
7. E para contribuir com o conhecimento dos alunos sobre esse tema, o professor de ciências foi convidado, para explanar para a turma, na aula seguinte, acerca do histórico das vacinas no Brasil.

PASSO 2 – PRODUÇÃO DE TEXTO

Neste passo os alunos foram motivados a escreverem uma síntese de 5 a 10 linhas, expondo a compreensão que obtiveram a respeito do que foi estudado no módulo.

PASSO 3 – LEITURA DA SÍNTESE

Ao final dessa aula, alguns alunos foram incentivados a realizarem leitura de suas sínteses para a turma. Possibilitando, assim, além do trabalho com a escrita, a leitura.

Fonte: elaborado pela autora.

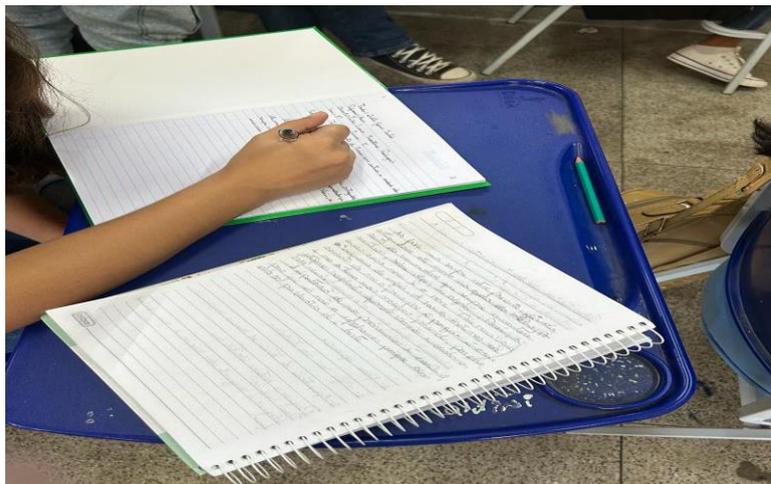
A seguir, apresentamos os registros do desenvolvimento do Módulo I, incluindo imagens de dois alunos envolvidos na produção de suas sínteses. Além disso, compartilhamos duas das produções realizadas por eles durante essa aula, como exemplos do processo de reflexão e escrita promovido pela proposta de intervenção.

Imagem 5 - A professora expondo o primeiro módulo aos alunos



Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 6 - Discente A - Produzindo a síntese acerca do primeiro módulo.



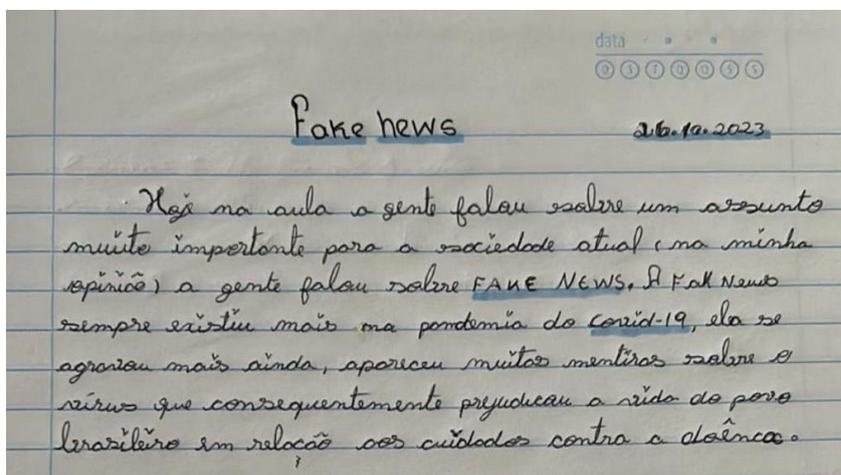
Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 7 - Discente B - Produzindo a síntese acerca do primeiro módulo

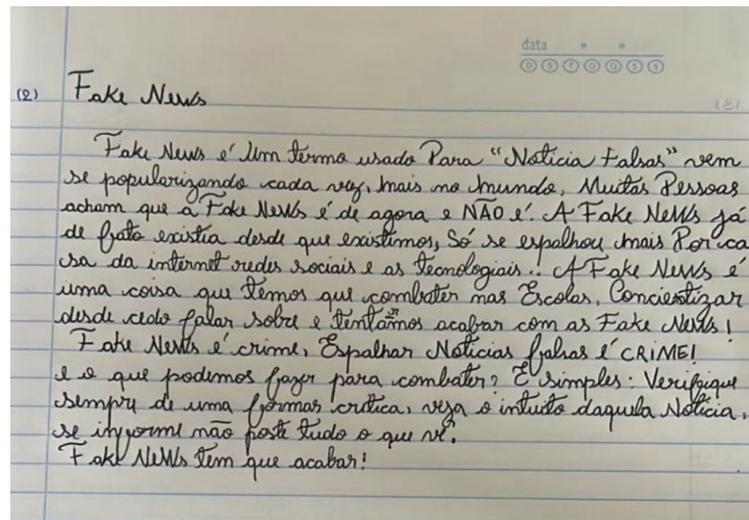


Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 8 - Produção textual 1 – Sobre o primeiro módulo.



Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 9 - Produção textual 2 - Sobre o primeiro módulo

Fonte: elaborado pela autora.

Diante das produções escritas dos discentes envolvidos no desenvolvimento da proposta ensino, nota-se que eles conseguiram compreender, mesmo que de forma não tão aprofundada, sobre o que foi exposto pelo professor no primeiro movimento do módulo I. Foi gratificante perceber que os alunos, que normalmente apresentam dificuldades em interpretar e produzir textos, conseguiram elaborar a síntese da atividade por escrito e participar ativamente de discussões orais, principalmente, das indagações feitas no primeiro passo sobre o que eles já conheciam a respeito do termo *fakes news* e de como eles se comportam diante dos textos publicados nas redes sociais.

Antes de avançar para o segundo módulo, foi solicitada aos alunos que realizassem uma pesquisa sobre o histórico das vacinas no Brasil. Além disso, houve a colaboração do professor de Ciências, que contribuiu com informações valiosas sobre o tema. A seguir, apresentamos o resultado dessa pesquisa e a contribuição do professor.

6.6.2 Movimento II: a importância de conhecer o histórico da vacina

Quadro 4 - Histórico das vacinas no Brasil

ATIVIDADE I - Aprofundar o conhecimento sobre a vacina	
Público	Alunos de uma turma do 8º ano Ensino Fundamental II
Tempo de duração do desenvolvimento da atividade	3 aulas (2h30m)
Organização dos alunos	Semicírculo para possibilitar a participação de todos.

OBJETIVO	Aprender por meio de pesquisa e com a contribuição do professor de ciências o quanto as vacinas são importantes na imunização de diversas males.
PASSO 1: resultado da pesquisa e a contribuição do professor de ciências:	Os alunos apresentaram sobre a pesquisa realizada por eles acerca do histórico das vacinas e o professor de Ciências pontuou a importância desse imunizante.
Procedimentos metodológicos:	<p>No início da aula o professor regente provocou um diálogo com os alunos sobre o que eles descobriram a respeito do histórico das vacinas, na pesquisa encaminhada na aula anterior. Os alunos expuseram por meio da oralidade sobre do que encontraram.</p> <p>Resultados da pesquisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A história das vacinas no Brasil começou no ano de 1804, quando a vacina contra a varíola chegou ao país, trazida pelo Marquês de Barbacena¹⁹. E quase 30 anos depois, a imunização contra a varíola se tornou obrigatória, colaborando muito para a superação dessa doença tão perigosa; • O século XX é visto como um ponto de virada na história das vacinas no Brasil. Considerando que entre os anos de 1900 e 1901, foram fundados o Instituto Soroterápico do Rio de Janeiro (futuro Fiocruz) e o Instituto Serumtherápico (futuro Instituto Butantan); • Em 1904, a obrigatoriedade de se proteger contra a varíola gerou o episódio conhecido como a <i>Revolta da Vacina</i>²⁰, no Rio de Janeiro; • No ano de 1927, iniciou-se a vacinação contra a tuberculose no Brasil, com a vacina BCG, que 15 anos mais tarde, a febre amarela urbana foi eliminada do país graças à cobertura vacinal; • Em 1973, foi criado o Plano Nacional de Imunizações (PNI), hoje conhecido e valorizado por grande parte dos brasileiros. O primeiro calendário básico de vacinação surgiu em 1977, como reflexo do PNI. Já em 1986, nasceu o Zé Gotinha, simpático personagem que simboliza as campanhas de vacinação; • A história das vacinas no Brasil tem um de seus capítulos mais importantes no ano de 2021. Em janeiro, foi iniciada a campanha de imunização contra a covid-19, doença que, infelizmente, tirou a vida de centenas de milhares de brasileiros; • E por fim eles pontuaram que a imunização das vacinas citadas na pesquisa, ocorre por meio do SUS (Sistema Único de Saúde), porém o desafio para superar a resistência ao imunizante, ainda é grande, considerando que muitos não enxergam o seu valor e resistem em receber as doses. E que no período pandêmico, devido aos discursos negacionistas, a situação piorou.

¹⁹Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira Horta, primeiro visconde com grandeza e Marquês de Barbacena, foi um militar, diplomata e político brasileiro. Envolveu-se de forma efusiva na época do Primeiro Reinado, também atuando e se destacando na campanha da abolição do absolutismo e pela aplicação de um governo constitucional. Fonte: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Felisberto_Caldeira_Brant_Pontes_de_Oliveira_Horta. Acesso em: 08 dez. 2023.

²⁰ "A Revolta da Vacina foi um levante popular que aconteceu em 1904 e foi motivado pela insatisfação da população com a campanha de vacinação obrigatória. Fonte: Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/historiab/revolta-vacina.htm>. Acesso em: 08 dez. 2023.

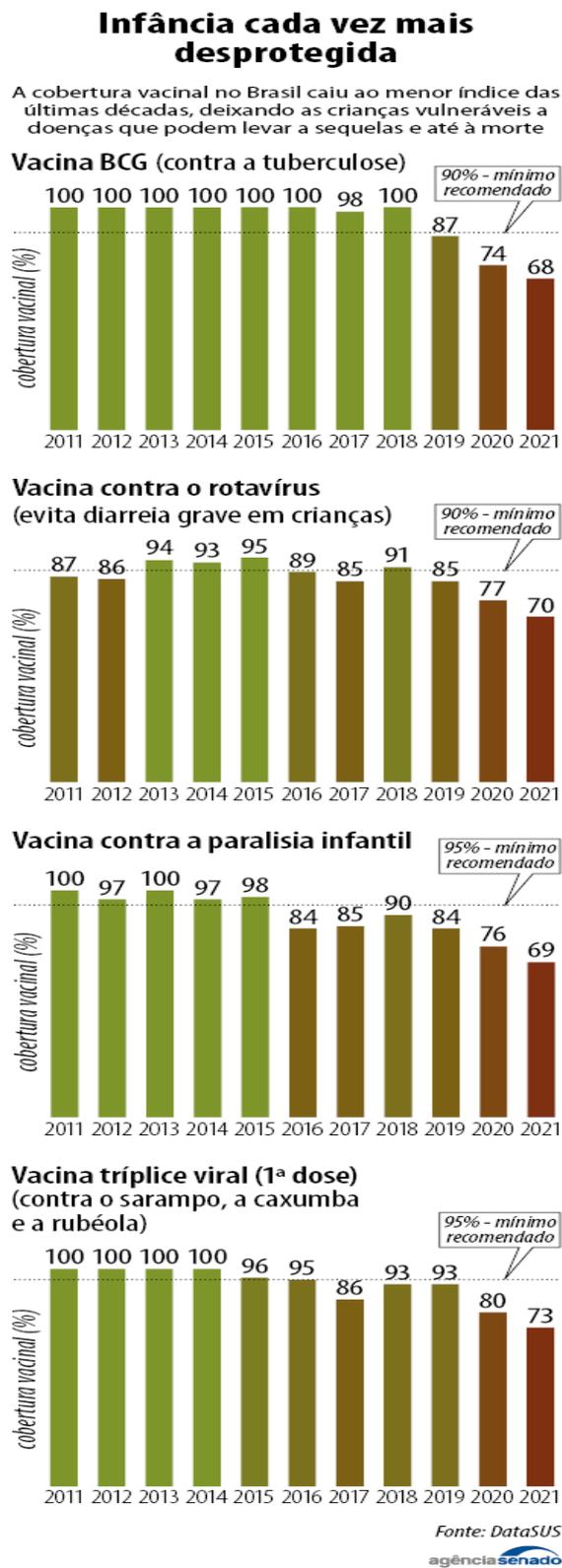
	Após a exposição dos alunos, como combinado com a turma, o professor de Ciências fez uma explanação sobre a importância da vacina. O resultado dessa apresentação será exposto abaixo.
PASSO 2: produção de texto	Os alunos foram motivados a realizarem síntese por escrito entre 5 a 10 linhas.

Fonte: elaborado pela autora.

Essa forma de trabalhar, solicitando a contribuição de professores de outras disciplinas, enriquece significativamente o aprendizado dos alunos. Nessa aula, por exemplo, os alunos tiveram a oportunidade de esclarecer dúvidas diretamente com o professor de Ciências, cuja área de conhecimento abrange o tema das vacinas. O aspecto que mais despertou o interesse dos alunos foi o fato de que diversas doenças, antes erradicadas no Brasil graças à vacinação, como as transmitidas por vírus, estão ressurgindo nos últimos anos. Isso se deve, em parte, à falta de incentivo e informações precisas por parte do poder público.

Durante a explicação, o professor apresentou uma tabela com estatísticas extraídas do DataSus, mostrando dados de 2011 a 2021 sobre a vacinação infantil, destacando a importância de vacinar na infância, quando a maioria das vacinas são aplicadas, e o reforço na fase adulta. Ele ressaltou que, se a tabela fosse atualizada para incluir o período pandêmico e o contexto político recente, com um governo negacionista, os resultados seriam ainda mais alarmantes, evidenciando uma queda preocupante nas taxas de imunização.

Figura 10 - Estatística da vacinação no Brasil de 2011 a 2021



Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/05/vacinacao-infantil-despenca-no-pais-e-epidemias-graves-ameacam-voltar>. Ricardo Westin - Publicado em 20 maio 2022. Acesso em: 21 nov. 2023

Embora as vacinas sejam oferecidas gratuitamente nos postos de saúde da rede pública no Brasil, conforme os alunos constataram em suas pesquisas, a taxa de imunização infantil tem caído de maneira alarmante, atingindo níveis historicamente baixos nos últimos anos. Essa queda foi observada nos gráficos apresentados durante a aula e reflete uma preocupação crescente em relação à saúde pública. Foi interessante notar que alguns alunos, que no início do desenvolvimento da proposta de ensino não consideravam relevante tomar a vacina, passaram a se mostrar mais preocupados após as discussões em sala, especialmente por terem tomado apenas uma dose do imunizante contra a covid-19. Muitos mencionaram que só se vacinaram devido à exigência da Secretaria de Educação, que requer a apresentação da carteira de vacinação tanto no ato da matrícula quanto da rematrícula.

No entanto, é fundamental reforçar que as vacinas são aliadas essenciais na prevenção de doenças e mortes, desempenhando um papel crucial na proteção da saúde. Elas "ensinam" o sistema imunológico a combater vírus e bactérias, sendo uma ferramenta indispensável no combate a diversas doenças, como febre amarela, poliomielite, gripe, sarampo, rubéola, rotavírus, coqueluche, meningite, tuberculose e hepatites, são alvo dos calendários de vacinação brasileiro. O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece essa imunização gratuitamente em aproximadamente 40 mil unidades básicas de saúde em todo o país, garantindo acesso à prevenção para toda a população.

6.6.3 Módulo II: o Professor analisa e apresenta

No Módulo II, foram apresentadas análises de recortes de textos realizadas pelo professor, seguindo uma sequência de movimentos e passos sugeridos por Guimarães (2012) e procedimentos analíticos baseados na perspectiva da Análise do Discurso (AD). O objetivo foi que, posteriormente, os discentes pudessem realizar suas próprias análises com o auxílio do professor, seguindo os exemplos previamente apresentados.

Nesse contexto, o foco das leituras e análises foi sobre recortes de notícias falsas, considerando o funcionamento da linguagem nesses textos desinformativos. Para a AD, o discurso é compreendido de forma dinâmica, ou seja, as palavras no discurso não são vistas como estáticas. Como afirma Orlandi (2015), “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem; com o estudo do discurso, observa-se o homem falando” (p. 13).

No percurso das análises, o sujeito foi considerado como um ser social, interpelado histórica e ideologicamente. E o interdiscurso, visto que o discurso se constitui a partir de

memória discursiva, no sentido de que todo discurso produz sentidos a partir de outros discursos já utilizados na sociedade.

Dessa forma, acreditamos que esse material, além de contribuir significativamente para o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação discursiva dos alunos, também servirá como um recurso valioso para outros docentes.

6.6.4 O *Corpus* analisado selecionado previamente pelo professor

Antes de iniciar a análise, é fundamental selecionar o *corpus*, que, segundo Orlandi (2015), é um dos primeiros pontos a se considerar ao pensar em uma análise (como já discutido nessa pesquisa). É necessário também realizar uma constituição de de-superficialização, entendida como a passagem inicial pelo material bruto (já conceituada anteriormente nessa pesquisa). Conforme Orlandi (2015), é nessa primeira análise superficial que decidimos sobre as propriedades discursivas. Orlandi (2020, p. 62) destaca que a melhor forma de tratar a construção do corpus é formular montagens discursivas que sigam os critérios teóricos da AD e atendam aos objetivos da análise, permitindo alcançar sua compreensão.

Dessa forma, realizamos recortes dos enunciados escolhidos para análise, focando em discursos desinformativos que circularam nas redes sociais durante o período pandêmico. Os primeiros recortes são dos textos 1 e 2, que apresentam discursos xenofóbico²¹ contra o país de origem do primeiro caso da covid-19. O primeiro texto é de uma TV italiana, e o segundo é um pronunciamento do ex-presidente do Brasil, ambos afirmando que o coronavírus foi criado intencionalmente pelos chineses.

Texto 1

²¹ O termo xenofobia provém do conceito grego composto por *xenos* (“estrangeiro”) e *phobos* (“medo”). A xenofobia faz, deste modo, referência ao ódio, receio, hostilidade e rejeição em relação aos estrangeiros. A palavra também é frequentemente utilizada em sentido lato como a fobia em relação a grupos étnicos diferentes ou face a pessoas cuja caracterização social, cultural e política se desconhece. A xenofobia é uma ideologia que consiste na rejeição das identidades culturais que são diferentes da própria. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/7924#:~:text=A%20xenofobia%20faz%2C%20deste%20modo,cultural%20e%20po%C3%ADtica%20se%20desconhece>. Acesso em: 27 de dez. 2023.

Figura 11 - Fake news de uma emissora Italiana alegando que a covid-19 foi criada pelos chineses.



Fonte: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/14/e-fake-que-tv-da-italia-mostrou-que-novo-coronavirus-foi-fabricado-em-laboratorio-chines.ghtml>. Acesso em: 28 dez. 2023

(1) “O coronavírus foi criado em laboratório ligado ao partido comunista da China em 2015, revela vídeo de TV italiana.”

Texto 2

É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem o que é guerra química, bacteriológica. Será que estamos enfrentando uma nova guerra? Qual país que mais cresceu seu PIB? Não vou dizer para vocês. (Bolsonaro, 2020)

(2) “É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado[...] Será que estamos enfrentando uma nova guerra? Qual país que mais cresceu seu PIB? Não vou dizer para vocês.”

Os próximos recortes foram selecionados de um pronunciamento do ex-presidente, assim como o texto 2, e apresentam um discurso anticiência e negacionista, com falas contrárias à vacina, especialmente o imunizante da *Pfizer*.

Texto 3

Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu [...] se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso. E, o que é pior, mexe no sistema imunológico das pessoas (Bolsonaro, 2021).

(3) “Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral.”

(4) “Se você virar um jacaré, é problema seu [...].”

(5) “[...] nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino[...].”

(6) “E, o que é pior, mexe no sistema imunológico das pessoas.”

Antes de apresentar as análises aos alunos, destacamos os objetivos que pretendíamos alcançar com o desenvolvimento deste módulo.

6.6.5 Movimento I: apresentação dos objetivos a serem alcançados com as análises dos recortes dos textos desinformativos

Quadro 5 - Objetivos a serem alcançados a partir das análises apresentados aos alunos

Área de Conhecimento	Linguagens
Disciplina	Língua Portuguesa
Turno	Manhã
Público	Alunos de uma turma do 8º ano Ensino Fundamental II
OBJETIVOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Delimitar o <i>corpus</i> de análise; • Apresentar as análises dos discursos desinformativos, realizadas previamente pelo professor, sobre o período da pandemia da covid-19; • Proporcionar um aprendizado que considera o funcionamento da linguagem, a partir de análises pelo viés da AD; • Relembrar, sempre que preciso, os conceitos basilares da AD, durante as análises, de maneira “adequada” à turma; • Entender como a AD contribui na compreensão e identificação dos discursos desinformativos das <i>fake news</i> em circulação nas redes sociais; • Realizar análise considerando como a AD trabalha a constituição da linguagem no texto, tendo em vista que para essa teoria, o mais importante é entender “como” o texto significa e não o que ele quer dizer; • Exposição sobre contexto imediato e em contexto amplo segundo Orlandi (2015). 	
Recursos usado	Cópias de <i>fake news</i> , caderno brochura, caneta, lápis, borracha, <i>data show</i> , <i>notebook</i> , quadro branco e pincel.
Suporte técnico usado	Internet, <i>Softwares</i> de apresentação: <i>PowerPoint</i> .

Fonte: elaborado pela autora.

6.6.6 Movimento II: apresentação dos primeiros enunciados com discurso desinformativo

Quadro 6 - Recortes de textos analisados pelo professor acerca dos enunciados 1 e 2.

Atividade I – Mostrar aos alunos as análises realizadas acerca dos primeiros textos	
Público	Alunos de uma turma do 8º ano Ensino Fundamental II
Tempo de duração do desenvolvimento da atividade	3 aulas (2h30m)
Organização dos alunos	Semicírculo para facilitar a participação de todos os alunos.
Material usado	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno, caneta, lápis (para anotações); • Computador e <i>datashow</i>.
Suporte técnico usado	<ul style="list-style-type: none"> • Internet, <i>Softwares</i> de apresentação: <i>Powerpoint</i>.
PASSO 1:	Apresentação das primeiras análises aos alunos.
Procedimentos metodológicos:	<ul style="list-style-type: none"> • Nesse primeiro momento, foram projetados slides, por meio de <i>datashow</i>, contendo os textos desinformativos e, em seguida, os enunciados previamente analisados pelo professor. É importante ressaltar que as análises estavam em um slide separado e não foram apresentadas de imediato. Assim, essa escolha metodológica permitiu uma reflexão mais aprofundada por parte dos discentes, estimulando-os a pensar criticamente sobre os textos antes de terem contato com a análise do professor; • Antes de apresentar as análises, foi solicitado aos alunos que acompanhassem atentamente a maneira como o professor realizou os gestos de interpretação nas análises apresentadas nesse módulo, considerando que, no módulo seguinte, eles teriam a oportunidade de colocar essas práticas em ação; <p style="text-align: center;">Para motivar a participação dos alunos, antes das apresentações dos gestos de interpretação, foram realizados alguns questionamentos sobre os textos 1 e 2, como:</p> <p>Quais são os nomes dos sujeitos-enunciadores desses textos? Vocês acreditam que a emissora apresentada no texto 1 demonstra credibilidade, considerando o país do qual faz parte? Vocês sabem a diferença entre o sistema de governo Comunista e o Capitalista? Vocês sabem como se chama o nome do preconceito constituído a partir da aversão entre países com sistemas de governo diferentes?</p> <p style="text-align: center;">Terminado o diálogo, partimos para a apresentação das análises:</p> <p style="text-align: center;">Formações Discursivas que sustentam os textos 1 e 2:</p> <p>Considerando o contexto imediato desses textos, é possível afirmar que o sujeito “TV Italiana” é uma emissora pertencente à Itália. Já o sujeito do</p>

	<p>segundo texto, Jair Messias Bolsonaro, no contexto imediato do período pandêmico, era o atual presidente e candidato à reeleição. Em um contexto mais amplo, pode-se dizer que o sujeito do texto 1 apresenta um discurso xenofóbico e de extrema direita, baseado em seu “lugar social”. Quanto ao sujeito do texto 2, também considerando seu “lugar de fala”, o discurso se caracteriza como xenofóbico, capitalista e de extrema direita. Diante disso, observando a presença desses discursos e, principalmente, o discurso xenofóbico, as formações discursivas a seguir foram analisadas e apresentadas aos alunos:</p> <p>(1) “O coronavírus foi criado em laboratório ligado ao partido comunista da China em 2015, revela vídeo de TV italiana.”</p> <p>(2) “É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado[...] Será que estamos enfrentando uma nova guerra? Qual país que mais cresceu seu PIB? Não vou dizer para vocês.”</p> <p>Segue análises realizadas pelo professor e apresentadas/trabalhadas com os alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em (1) “<i>O coronavírus foi criado em laboratório ligado ao partido comunista da China em 2015, revela vídeo de TV italiana</i>”, temos um pronunciamento de uma TV Italiana, que aponta que o coronavírus já havia sido criado por um laboratório ligado ao sistema de governo da China²², muito antes do anúncio do primeiro caso de infecção ocorrido naquele país. Considerando que a emissora que noticiou tem o seu nome associado à Itália²³, um país capitalista e de extrema-direita, percebe-se que um dos efeitos de sentidos aponta para um discurso xenofóbico. Esse discurso reflete preconceito ou repúdio em relação a indivíduos que não pertencem ao mesmo local ou nação, e, em alguns casos, àqueles que também não compartilham do mesmo sistema político; • O discurso do enunciado (2) sustenta o do enunciado (1), ao apresentar também um discurso xenofóbico em relação ao país chinês. No entanto, com alguns agravantes, visto que ex-presidente do Brasil, ao levantar questionamentos como: “<i>Será que estamos enfrentando uma nova guerra? Qual país que mais cresceu seu PIB?</i>”, sugere a ideia de que, é possível perceber que um dos efeitos sentido leva à crença de que, além de a China ter criado o vírus, ela também se beneficiou financeiramente com sua proliferação;
--	--

²² "A China ou República Popular da China é um país localizado na Ásia Oriental e é considerada uma das civilizações mais antigas do mundo. O país possui uma das maiores economias do planeta e é também a terceira maior nação em extensão territorial. Atualmente, a China é um dos países mais industrializados do mundo, exercendo forte influência na economia mundial.

Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/china-1.htm>. Acesso: 28 de dez. de 2023.

²³ Itália, quarta maior economia do mundo capitalista. Produto Interno Bruto de mais de US\$ 800 bilhões. Superada apenas pelos Estados Unidos, Japão e Alemanha Ocidental. Na década de 80, ultrapassou a Inglaterra e, recentemente, se encontra cabeça a cabeça com a França. Disponível em:

<https://www.marcoscintra.org/post/1990/05/17/it%C3%A1lia-%C3%A9-a-quarta-maior-economia-capitalista>. Acesso: 28 de dez. de 2023.

	<ul style="list-style-type: none"> • Na ocasião, foi explicado aos alunos, ainda que de forma não tão aprofundada, as questões políticas entre países capitalistas (Itália) e comunistas (China), bem como a posição da China no mercado mundial; • Vale ressaltar que, antes da apresentação das análises aos alunos, foram expostos a eles os contextos imediato e amplo.
PASSO 2: produção de texto	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos escreveram síntese por escrito de 5 a 10 linhas.
PASSO 3: leitura da síntese	<ul style="list-style-type: none"> • Alguns alunos, de maneira espontânea, realizaram a leitura de seus textos, essa é uma forma de proporcionar também a prática da leitura.

Fonte: elaborado pela autora.

6.6.7 Movimento III: a apresentação das análises dos enunciados do texto 3 com discurso desinformativo.

Quadro 7 - Discursos analisados pelo professor sobre o enunciado 3

Atividade II – Apresentar enunciados previamente analisados do texto 3.	
Público	Alunos de uma turma do 8º ano Ensino Fundamental II
Tempo de duração do desenvolvimento da atividade	3 aulas (2h30m)
Organização dos alunos	Semicírculo para facilitar a participação de todos os alunos.
Material usado	<p style="text-align: center;">Figura 12 - Vídeo do ex-presidente negando a vacina.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">  </div> <p>Bolsonaro: "Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso"</p> <p>1,2 mi de visualizações há 3 anos #vacina ...mais</p> <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8. Acesso em: 10 de dez. 2023.</p> <p>Além do vídeo foram usados outros materiais, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caderno, caneta, lápis (para anotações); • <i>Datashow</i>;

	<ul style="list-style-type: none"> • A rede <i>Wi-Fi</i> da escola; • <i>Notebook</i>
Suporte técnico usado	<ul style="list-style-type: none"> • Internet, <i>Softwares</i> de apresentação: <i>Powerpoint</i>.
PASSO 1:	O professor apresenta aos alunos recortes discursivos, previamente analisada por ele, do texto 3.
Procedimentos metodológicos:	<ul style="list-style-type: none"> • No início desta aula, foi disponibilizado aos alunos o terceiro texto desinformativo, com os recortes analisados pelo professor, contendo apontamentos sobre discursos negacionistas acerca da vacina. Vale ressaltar que as análises dos recortes discursivos seguiram a mesma metodologia utilizada no desenvolvimento dos textos 1 e 2, anteriormente apresentados aos discentes. Além disso, os <i>slides</i> com as análises realizadas pelo professor só foram disponibilizados aos alunos após a apresentação e leitura do texto. <p style="text-align: center;">Formações Discursivas que sustentam o texto 3.</p> <p>Considerando o contexto imediato desse texto, é possível afirmar que o sujeito, Jair Messias Bolsonaro, assim como exposto no texto 2, no período pandêmico, era o atual presidente e candidato à reeleição. Em um contexto amplo, pode-se dizer que o sujeito do texto 3 fala de um “lugar” de fala (tem discurso) anticiência, negacionista e homofóbico. Diante disso, observando a presença desses discursos, e principalmente o discurso antivacina, apresentamos aos alunos as formações discursivas selecionadas, seguida das análises:</p> <p>(3) “Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral.”</p> <p>(4) “Se você virar um jacaré, é problema seu [...]”</p> <p>(5) “[...] nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino[...]”</p> <p>(6) “E, o que é pior, mexe no sistema imunológico das pessoas.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • No enunciado (3) “<i>Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral.</i>” É possível perceber que o sujeito coloca em dúvida a eficácia da vacina produzida pelo laboratório da <i>Pfizer</i>²⁴, desconsiderando o que os órgãos de saúde mostravam, à época, a eficácia da vacina da <i>Pfizer</i>. Dessa forma, a posição do sujeito é de um político negacionista, que rejeita a ideia de que um laboratório poderia ter desenvolvido uma vacina eficaz contra o vírus, defendendo, em vez disso, a adesão das pessoas a medicamentos sem comprovação científica, como a cloroquina e a hidroxicloroquina, que ele próprio indicava.

²⁴ Pfizer é uma empresa farmacêutica multinacional com sede em Nova Iorque, Estados Unidos. Sua sede de pesquisa e desenvolvimento encontra-se em Groton, Connecticut, e é uma das maiores empresas farmacêuticas do mundo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pfizer>. Acesso em: 08 de jan. 2024.

	<ul style="list-style-type: none"> • No enunciado (4) “<i>Se você virar um jacaré, é problema seu [...]</i>.” o efeito de sentido produzido aponta para a responsabilização da pessoa que viesse a tomar a vacina. Assim, o sujeito ocupa um lugar de um político descomprometido com a saúde das pública, que ridicularizava os órgãos de saúde e demonstrava descaso, mesmo diante das inúmeras mortes causadas pelo vírus, considerando seu comportamento durante o período pandêmico. • No enunciado (5) o efeito de sentido aponta para um discurso homofóbico, evidenciado pelo uso de expressões como “<i>nascer barba em alguma mulher</i>”, e “<i>se algum homem começar a falar fino</i>”. Tais expressões carregam preconceitos, sugerindo “voz fina” e “pelo no rosto” são determinantes exclusivos de sexo masculino ou feminino, perpetuando estereótipos de gênero. • No enunciado (6) “<i>E, o que é pior, mexe no sistema imunológico das pessoas.</i>”, percebe-se que há um possível posicionamento de que o imunizante prejudicaria a saúde de quem o recebesse. Assim, como vimos nos discursos dos enunciados anteriores, os efeitos de sentido aqui sustentam o negacionismo e o descaso do sujeito em relação à pandemia da covid-19, revelando, então, que o sujeito fala de um lugar de um político que é negacionista e anticiência. <ol style="list-style-type: none"> 1. Na ocasião, foi ressaltado (como já foi mencionado nessa pesquisa), que nas redes sociais digitais, encontramos inúmeras declarações desinformativas disseminadas por esse sujeito, muitas das quais carregam discursos homofóbicos e preconceituosos, como no caso da cartilha intitulada como <i>kit gay</i>; 2. Também se fez relevante mostrar aos alunos que homofobia e transfobia são crimes no Brasil, e que há uma lei aprovada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) no dia 13 de junho de 2019, definindo que quem discrimina ou ofende pessoas LGBTIA+ será enquadrado no art. 20 da Lei do Racismo (7.716/1989)²⁵, estando sujeito a penas de um a três anos de prisão. O crime é inafiançável e imprescritível (Brasil, 1989). 3. É importante ressaltar que os textos desinformativos do período pandêmico circularam amplamente e ganharam repercussão nas principais redes sociais digitais: <i>Instagram</i>²⁶, <i>Twitter</i>,²⁷ <i>Youtube</i>²⁸, <i>Facebook</i> e <i>WhatsApp</i>.
--	--

²⁵ Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010> Acesso em: 18 dez. 2023

²⁶ O Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>. Acesso em: 18 dez. 2023.

²⁷ O Twitter é uma rede social e um serviço de micro blog para comunicação em tempo real usado por milhões de pessoas e organizações. Usuários do Twitter ficam interconectados ao publicar atualizações ao site, conhecidas como “Tweets”, para compartilhar, trocar e descobrir informações. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>. Acesso em: 18 dez. 2023.

²⁸ YouTube é uma plataforma de vídeos online. Por meio dela, usuários podem assistir, criar e compartilhar vídeos pela internet. Fundada em 2005, a plataforma possui mais de um bilhão de usuários pelo mundo. A ideia do

	4. Durante esta aula, foi disponibilizado aos alunos o vídeo que apresenta essa <i>fake news</i> . O link está disponível no “material de apoio”.
Encaminhar pesquisa	Ao final desta aula, foi solicitado aos alunos que realizassem pesquisas sobre <i>fake news</i> referentes ao mesmo período pandêmico trabalhado em aula, para serem apresentadas e analisadas na aula subsequente. Foi ressaltado que não poderiam trazer as mesmas notícias falsas já apresentadas nesse módulo.
PASSO 2: produção de texto	Os alunos redigiram uma síntese, em formato escrito, com a extensão de 5 a 10 linhas.
PASSO 3: leitura da síntese	Alguns alunos, de forma espontânea, realizaram a leitura de seus textos, o que também contribui para a prática da leitura.

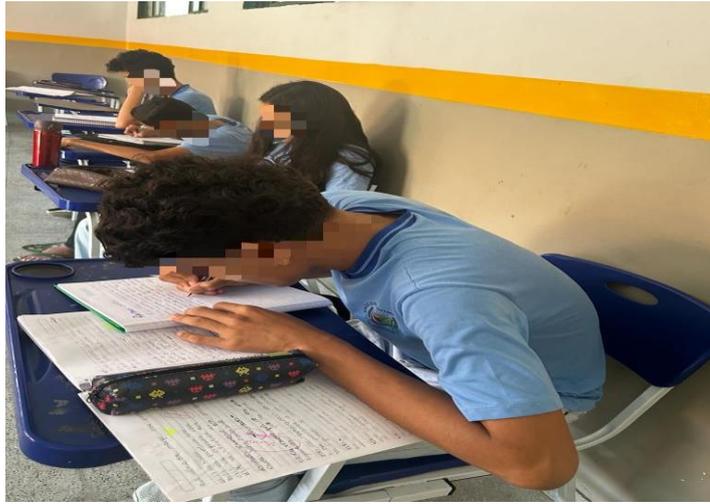
Fonte: elaborado pela autora.

Imagem 10 - A professora expondo o segundo módulo aos alunos.



Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 11 - Discente A - Produzindo a síntese do segundo módulo



Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 12 - Discente B - Produzindo a síntese do segundo módulo.



Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 13 - Produção textual 1 - Sobre o segundo módulo

Relatório sobre o que entendi da aula:

Na aula falamos sobre um assunto que eu considero bem relevante para a sociedade, as fake news. Eu reparei que diversas coisas que foram divulgadas na época da pandemia (assunto comentado em sala) eram fake news, aprendi que a linguagem não é transparente pois cada palavra pode possuir diversos significados e aprendi que sempre devemos observar as notícias, postagens e outras coisas, para ter a certeza se é falso ou real.

Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 14 - Produção textual 2 - Sobre o segundo módulo.

Ao analisar uma notícia é preciso levar em consideração a linguagem, sujeito e a memória discursiva para ter certeza de que não é uma Fake News. É importante considerar a fonte da notícia e as informações passadas por ela.

Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 15 - Produção textual 3 - Sobre o segundo módulo.

Fake news!

Para analisar uma fake news, precisamos nos atentar acerca da linguagem do sujeito, memória discursiva e também, condições de produção. Exemplos de hoje foram, na época da pandemia, causaram grandes impactos nas pessoas. Os quais foram acusação de países importantes, falsa cura de covid 19 e sobre o negociacionismo a vacina, dos quais as populações sofreram discordância e deslumbramento entre outros, por suas crenças e rivalidades.

Fonte: fotografado pela autora.

Imagem 16 - Produção textual 4 - Sobre o segundo módulo

Fake News

No começo da pandemia surgiram muitas fakes news, algumas que falam que se tomar a vacina morreria se tornaria um Jacaré que nasceria barba em mulher que os homens ficariam falando fino isso foi o que o antigo presidente disse em uma Live ele publicou diversas Fake News A linguagem que ele utiliza é preconceituosa porque ele falou "Voz fina" se referindo a os gay ele não gosta das pessoas LGBT ele fez um discurso omofóbico ele também atacou o laboratório ele atacando o laboratório ele está atacando a Ciências o país italiano fez uma fakes news que postou na TV e viralizou pelo mundo todo que os chineses que criaram o corona virus

Fonte: fotografado pela autora.

Na aplicação do módulo II, houve uma significativa participação dos alunos nas discursões, o que pode ser justificado pelo procedimento metodológico utilizado, ou seja, pela maneira como foi conduzida a leitura e os gestos de interpretação. É importante destacar que essa abordagem de análise dos discursos abriu espaço para que os alunos refletissem sobre as condições de produção dos textos desinformativos.

Ressalta-se ainda que, diante de qualquer discurso, devemos considerar que a palavra se constitui considerando o lugar social de onde o sujeito emite. Em outra circunstância, o discurso pode adquirir um significado diferente. Além disso, podemos afirmar que, no que é dito, há muito do que não é dito, e em uma análise sob o viés da AD, tudo isso é levado em conta.

Diante do exposto, percebemos a importância de considerar o método da AD para trabalhar a leitura, a análise e a interpretação de textos em sala de aula com os discentes.

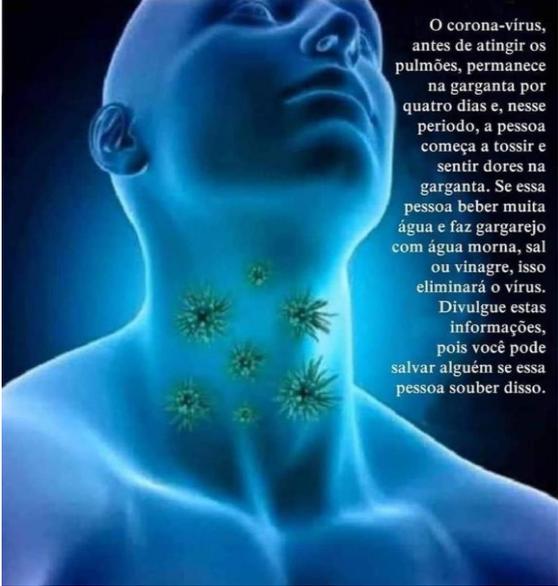
6.7 Módulo III: alunos como protagonistas das pesquisas

Neste módulo, os alunos praticaram a leitura e a análise dos recortes das *fake news* pesquisadas por eles, considerando o lugar de fala do/s sujeito/s dos textos, o interdiscurso, entre outros aspectos da AD, trabalhados, principalmente, no módulo II.

6.7.1 Movimento I: os alunos praticam o que aprenderam nos módulos I e II

Quadro 8 – Os alunos analisam e apresentam

Público	Alunos de uma turma do 8º ano Ensino Fundamental II
Tempo previsto para a atividade	4 aulas (3h20)
Organização dos alunos (sugestão)	Semicírculo para facilitar a participação de todos.
PASSO 1:	Os alunos socializam as <i>fake news</i> pesquisadas por eles.
Procedimentos metodológicos:	<ul style="list-style-type: none"> • No início da aula, foi solicitado aos alunos que lessem, para os demais da turma, os textos encontrados por eles durante a pesquisa solicitada na aula anterior; • Após a leitura, como os alunos pesquisaram na internet — atualmente o meio mais comum de circulação de fake news, devido ao fácil acesso pela maioria das pessoas — alguns textos se repetiram. Portanto, foram selecionados apenas alguns para análise em grupo; • Diante disso, passamos à formação dos grupos, compostos por seis alunos cada, para que, juntos e com o auxílio do professor, desenvolvessem as

	<p>análises, tendo como base os procedimentos utilizados pelo docente nas análises do Módulo II.</p> <ul style="list-style-type: none"> Foi solicitado que os alunos se atentassem, principalmente, às condições de produção, que incluem: o(s) sujeito(s) do discurso, a situação sócio histórica e a memória discursiva. Vale ressaltar, que, na ocasião os conceitos fundamentais da AD, apresentados no Módulo I, foram lembrados.
<p>PASSO 2: desenvolvimento e apresentação dos grupos</p>	<p>Análises realizadas pelos alunos com a ajuda do professor.</p>
<p>Procedimentos metodológicos:</p>	<p>Duas das análises realizadas pelos discentes, apresentadas abaixo, servirão para exemplificar os trabalhos desenvolvidos pelos grupos:</p> <p>Texto 1</p> <p>A imagem representa uma fake news pesquisada pelos alunos, que será analisada em conjunto com eles. Trata-se de uma falsa cura da COVID-19 por meio do uso de água e vinagre, como pode ser observado na imagem abaixo.</p> <p>Figura 13 –Fake News pesquisada pelos alunos para análise</p>  <p>O corona-vírus, antes de atingir os pulmões, permanece na garganta por quatro dias e, nesse período, a pessoa começa a tossir e sentir dores na garganta. Se essa pessoa beber muita água e faz gargarejo com água morna, sal ou vinagre, isso eliminará o vírus. Divulgue estas informações, pois você pode salvar alguém se essa pessoa souber disso.</p> <p>Fonte: Correio Braziliense, 2020. (Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/holofote/2020/03/17/interna-holofote,834851/agua-quente-com-alho-cura-pacientes-com-coronavirus-nao-mesmo.shtm. Acesso em: 12 dez. 2023.</p> <p>Segue abaixo alguns gestos de interpretação realizados por um dos grupos acerca da fake news mencionada. De acordo com os alunos desse grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> Essa foi uma das primeiras <i>fake news</i> que circularam nas redes sociais no início da propagação do vírus da covid-19;

- De acordo com os alunos, mesmo não estando explícito o nome da pessoa ou instituição — ou seja, o enunciador dessa desinformação —, é possível inferir que se trata de uma pessoa idosa, pois os avós deles costumam receitar remédios caseiros como esse, seguindo algumas tradições populares. Um dos possíveis efeitos de sentido é que esse discurso pode estar relacionado à crença de que, da mesma forma que o uso de água morna e vinagre "cura" o vírus da gripe, ele também poderia combater o vírus da COVID-19, já que ambas são causadas por vírus e apresentam sintomas semelhantes, como, “[...]a pessoa começa a tossir e sentir dores na garganta”. Dessa forma, pode-se dizer que há uma possível relação de interdiscurso, considerando que esses saberes são sustentados por outros dizeres presentes na sociedade.

- Os alunos pontuaram ainda que, na sequência discursiva “[...]permanece na garganta por quatro dias”. É possível perceber que esse discurso é desinformativo, pois, naquele período, não era possível saber quanto tempo que o vírus permaneceria em determinada parte do corpo, já que a covid-19 ainda era desconhecida.

- A relação entre linguagem verbal e não-verbal também foi apontado na análise dos alunos como sendo um elo de significação. Na imagem, aparece um pescoço com a presença do vírus, representado da mesma forma que era mostrado pela mídia. Assim, o não-verbal nesse texto se relaciona com o que está escrito.

Texto 2

“Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos [...] no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão [...]” (Bolsonaro, 24 de março de 2022)

Os alunos deste grupo, pontuaram que, em contexto imediato, assim como nos pronunciamentos 2 e 3 apresentados pelo professor no Módulo II, o enunciador é o presidente da república e candidato à reeleição durante o período pandêmico. Em um contexto mais amplo, é possível dizer que o sujeito, nesse texto, apresenta um discurso negacionista, de minimização dos impactos da pandemia e de priorização da economia.

Vale ressaltar que algumas falas deste pronunciamento foram analisadas pelo professor no quarto capítulo deste trabalho, porém os alunos não tiveram acesso.

Seguem duas sequências discursivas analisadas pelos alunos sobre o pronunciamento do ex-presidente durante o período pandêmico:

(1) “Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos”

(2) “[...]meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho [...]”

	<ul style="list-style-type: none"> • Na sequência discursiva (1) “<i>Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos [...]</i>”, os alunos observaram que o discurso valoriza a economia em detrimento da perda de inúmeras vidas durante o período pandêmico, desconsiderando as orientações dos órgãos de saúde, que recomendavam que as pessoas permanecessem em casa para evitar aglomerações e, assim, conter a propagação do vírus da covid-19. Naquele momento, o mais importante era proteger a vida. No entanto, percebe-se que o sujeito enunciador contrariava as medidas de proteção, incentivando as pessoas a irem para o trabalho, sob a justificativa de que, se ficassem em casa, perderiam seus empregos. Os alunos destacaram que havia alternativas para essa situação, como a possibilidade de o governo federal disponibilizar um tipo de bolsa salário, permitindo que as pessoas permanecessem em casa e garantissem sua alimentação. Isso poderia ter evitado a ampla proliferação do vírus e, conseqüentemente, reduzido o número de mortes. Assim, é possível dizer que, nesse discurso, o "lugar" de fala do sujeito político prioriza a economia. • Na sequência discursiva “[...]meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho [...]”. os alunos apontaram que os efeitos de sentido revelam um discurso de minimização do vírus. O enunciador, ao comparar o vírus da covid-19 a uma “gripezinha” ou “resfriadinho”, atribui ao vírus um sentido de algo comum, já enfrentado várias vezes sem grandes conseqüências, o que contraria os dados oficiais dos órgãos de saúde. Nesse contexto, os alunos também destacaram que a menção ao “histórico de atleta” não condiz com os resultados das pesquisas sobre as mortes causadas pelo vírus. A afirmação de que “<i>meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar[...]</i>.” disseminou a falsa noção de que a prática de esportes poderia proteger alguém de contrair a doença. No entanto, à medida que a pandemia evoluiu, os casos de mortes demonstraram que pessoas jovens e sem comorbidades, incluindo atletas, evoluíram para quadros graves, muitas vezes resultando em óbito. Assim, percebe-se que, nesse discurso, como nos apresentados no Módulo II, o sujeito ocupa uma posição de presidente descomprometido com o povo que governa, os brasileiros.
PASSO 3: produção de texto	Devido ao desenvolvimento da proposta ter excedido um pouco a quantidade de aulas determinadas, não foi possível solicitar a produção por escrito no final desse módulo.
PASSO 4: leitura da síntese	Conseqüentemente, também não houve a leitura.

Fonte: elaborado pela autora.

Imagem 17 - Encerramento do desenvolvimento da proposta com os alunos.



Fonte: fotografado pela autora.

6.8 Relato da aplicação dos módulos

foi possível perceber a diferença entre uma abordagem que se concentra apenas na transmissão de informações, instrução de códigos e estruturação de sentenças, e outra que leva em consideração o funcionamento da linguagem por meio dos procedimentos teóricos e analíticos da Análise do Discurso (AD). Compreender pelo viés da AD significa entender como um texto produz sentido. Dessa forma, a compreensão busca evidenciar os processos de significação presentes nos enunciados, mostrando como os sentidos se formam e se constituem por meio da interpretação.

Além disso, foi gratificante trabalhar com os discentes a leitura e a análise de recortes de *fake news*, considerando a AD. Houve, por parte deles, um engajamento significativo, tanto na participação durante as apresentações dos recortes analisados pelo professor, quanto nas análises realizadas por eles com o auxílio do docente. Embora tenham encontrado dificuldades, o que é compreensível por se tratar de uma teoria nova para eles, os alunos, com base nos exemplos fornecidos, conseguiram pontuar nas suas análises aspectos como o lugar de fala do sujeito social do discurso. Esse sujeito difere do sujeito da análise sintática, pois, para a AD, o sujeito está imerso em um contexto sócio-histórico e cultural, sendo interpelado de forma histórica e ideológica.

Nas análises dos pronunciamentos que tratam sobre a priorização da economia pelo ex-presidente em detrimento à saúde, uma das alunas do grupo responsável por essa análise,

declarou que seu pai faleceu após ser contaminado pelo vírus do covid-19. Segundo ela, o possível motivo para contaminação, foi o fato dele ter desobedecido as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e saído de casa para trabalhar, num período em que havia muitos casos de contaminação. Segundo ela “*Meu pai seguia tudo o que o ex-presidente falava, pois acreditava nele como autoridade e não parou de ir ao trabalho. Pegou o vírus, ficou mais de um mês intubado e, infelizmente, não sobreviveu.*”.

Outro aluno do mesmo grupo acrescentou “*Meu tio praticava exercícios físicos diariamente, mesmo assim, ao ser contaminado pelo vírus do covid-19, não resistiu e veio a óbito.*” Essa fala contradiz a declaração do ex-presidente na sequência discursiva “[...] *no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria[...]*”.

Diante disso, observa-se que os alunos conseguiram compreender que o discurso de minimização do vírus, amplamente circulado nas redes sociais digitais durante o período pandêmico, quando associado a um sujeito social — nesse caso, o ex-presidente, que ocupava um lugar de autoridade —, gerou um efeito maior de credibilidade.

Assim, as análises foram conduzidas considerando o funcionamento da linguagem e seguindo os procedimentos da AD, que concebe o texto em sua discursividade, como já foi mencionado nessa pesquisa. Não se limitaram apenas a buscar respostas sobre o que o texto quer dizer, tampouco o reduziram a uma frase ampla (Orlandi, 2003). Dessa forma, foi relevante perceber que os alunos também compreenderam que, segundo a concepção de Orlandi (2003, p. 17) “a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como esse texto significa?”

Nesse contexto, foi importante notar também o entendimento dos alunos em relação ao cenário pandêmico e às discursões sobre textos desinformativos, que prejudicaram especialmente a adesão à vacina. No entanto, vale acrescentar que a disseminação do coronavírus não foi a única ameaça à saúde pública, mas também a desinformação política, veiculada principalmente pelo ex-presidente Bolsonaro durante a pandemia.

Essa situação foi apresentada aos discentes por meio de *fakes news* retiradas das redes sociais do período pandêmico. Dessa forma, através das análises, os alunos aprofundaram o seus conhecimentos sobre os falsos tratamentos indicados por Bolsonaro, como a cloroquina e a hidroxicloroquina, que, apesar das advertências de especialistas e da OMS, continuaram sendo indicados sem comprovação científica. O ex-presidente utilizou-se dessas desinformações para

atrair mais seguidores, o que, infelizmente, prejudicou o cuidado com a saúde de muitas pessoas que deixaram de procurar os meios mais seguros para se prevenir.

Cabe mencionar também que o ex-presidente foi um dos principais mentores da teoria da conspiração sobre a pandemia, sugerindo que o vírus foi criado em laboratório ou que sua gravidade era exagerada pelos governos e órgãos de saúde. Em relação aos ataques à ciência, foi importante mostrar aos alunos que o negacionismo científico causou sérios problemas à sociedade, gerando a percepção de que os procedimentos científicos não são seguros. Isso resultou, por exemplo, em uma desconfiança generalizada sobre a eficácia das vacinas, apesar de essas passarem por longos processos de estudos e testes antes de serem comprovadamente eficazes e disponibilizadas à população para combater diversas enfermidades, inclusive a covid-19.

É válido destacar que, apesar de não ter sido possível solicitar uma produção por escrita aos alunos no último módulo, devido às questões de organização do calendário da escola e à finalização do ano letivo de 2023, eles realizaram abordagens significativas durante as apresentações orais em aula, relacionando as análises à teoria estudada no desenvolvimento da proposta.

Outro momento relevante foi a oportunidade que a escola disponibilizou para a apresentação da proposta aos demais professores. Isso ocorreu durante uma das Horas Pedagógicas (HP) — um espaço de formação, planejamento e estudo que acontece uma vez por mês ao longo do ano. Na ocasião, a maioria dos professores da instituição estava presente, e foi solicitado um espaço de fala pelo responsável da formação, com o objetivo de apresentar a proposta desenvolvida com os alunos da turma selecionada. Foi permitido que, de forma sucinta e didática, fossem explanados os principais objetivos da intervenção, bem como o viés teórico que a embasou e a temática escolhida.

Antes da apresentação, foram distribuídas cópias preparadas antecipadamente pelo professor responsável pela pesquisa, assim como foram preparadas para os alunos, com algumas adaptações nos conceitos teóricos para facilitar o entendimento dos docentes, tendo em vista que a Análise do Discurso (AD) é uma teoria "desconhecida" para a maioria dos colegas. Essa apresentação foi considerada relevante e gratificante, visto que houve uma participação significativa e interesse por parte dos colegas em compreender melhor os procedimentos metodológicos dessa teoria, com a intenção de aplicá-los em suas próprias aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido considerando que o trabalho do professor de linguagem deve ir além da simples instrução do código da língua. Deve-se compreender que ensinar é dar sentido, proporcionando ao aluno a percepção de que ele faz parte do processo de construção do conhecimento. Para isso, é essencial promover um aprendizado que contribua para a vida do discente, no que diz respeito à sua participação na sociedade.

A proposta de ensino de linguagem apresentada nessa pesquisa teve como embasamento teórico a AD francesa, que busca analisar o texto levando em consideração o sujeito interpelado histórico e ideologicamente. Entende-se, portanto, que o discurso é um elemento, ao mesmo tempo, linguístico e histórico e que considera a “posição-sujeito” do produtor/leitor. Para Orlandi (2020), “[...] a análise de discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito e dos sentidos que (o) significam” (p.35-36).

A pesquisa apresentada propôs uma abordagem inovadora e valiosa para o ensino de leitura, interpretação e análise de textos, com foco especial nos gestos de análises de recortes discursivos de *fake news*, nas aulas de Língua Portuguesa. Dada a crescente disseminação de textos desinformativos, especialmente durante a pandemia da covid-19, a proposta buscou mostrar aos alunos a importância de adotar uma postura crítica ao acessar as redes sociais. Ou seja, ler os textos presentes na internet com um olhar menos ingênuo, considerando o fato de que esse ambiente está cada vez mais inundado por esse tipo de conteúdo.

Essa pesquisa foi pensada com o entendimento de que, no dia a dia em sala de aula, o professor precisa preparar os alunos para serem leitores conscientes, capazes de ir além da superfície dos textos e questionar o que leem, especialmente diante dos desafios da era digital. A propagação de *fake news* é um problema global que acarreta sérias consequências para a sociedade, afetando decisões políticas, saúde pública e até mesmo relacionamentos pessoais. Nesse contexto, é essencial abordar esse tema nas aulas, de modo a formar cidadãos mais informados e responsáveis, capazes de distinguir entre informações confiáveis e enganosas. Assim, os procedimentos metodológicos da AD não apenas fortalecem as habilidades de linguagem dos alunos, mas também os preparam para uma participação mais informada e ativa na sociedade.

Outrossim, a abordagem da AD oferece aos alunos uma lente valiosa para a análise de textos em todas as áreas do conhecimento, capacitando-os a compreender o poder da linguagem e as possibilidades de repensar o discurso. Portanto, a pesquisa proposta não apenas enriqueceu

o ensino de Língua Portuguesa, mas também contribuiu para a formação de cidadãos mais questionadores, capazes de navegar em um mundo inundado por informações e caracterizado pela disseminação de *fake news*, no contexto da pós-verdade.

A pesquisa também buscou desenvolver a capacidade dos alunos de produzir textos de forma mais reflexiva, tendo em vista que segundo a metodologia utilizada na proposta interventiva, ao final de cada movimento, os alunos foram incentivados a se expressarem por escrito sobre o que compreenderam durante o processo de análise desenvolvida na proposta de ensino. Esse exercício de escrita promoveu a habilidade de produzir textos bem fundamentados, sendo que essa é uma competência essencial em qualquer área de estudo e na vida cotidiana.

A partir da perspectiva teórica adotada, que considera que os sujeitos e os discursos são constituídos historicamente e em determinadas condições de produção, realizamos análises de recortes de declarações desinformativas do ex-presidente, propagadas durante a pandemia da covid-19. Essas declarações, feitas em entrevistas e *lives*, e indicam discursos de minimização e negacionismo em relação à gravidade do coronavírus, além de oposição às medidas de prevenção. Ou seja, tratam-se de discursos que priorizam a economia em detrimento da saúde pública, além de refletirem um posicionamento anticiência, com negação da vacina, demonstrando falta de compromisso e descaso com o povo brasileiro.

Durante o desenvolvimento da proposta, os alunos envolvidos puderam perceber que, no período pandêmico, a circulação das *fake news* foi tão prejudicial quanto o próprio coronavírus. No início, os alunos acreditavam que poderiam identificar uma desinformação apenas pela fonte ou pela aparência (estrutura, tipo de letra, imagens com aspecto de montagem), como é sugerido na Nova BNCC. Embora esses elementos sejam importantes e devam ser considerados, o objetivo da proposta foi mostrar que, para uma análise mais aprofundada, é fundamental considerar a posição-sujeito, a situação em que o texto foi produzido e o interdiscurso. Dessa forma, o trabalho com a linguagem torna-se mais significativo, pois a consideração da não transparência da língua permite questionar os discursos e, em relação à memória discursiva, identificar suas nuances.

REFERÊNCIAS

BALTHASAR, M.; GOULART, S. **Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. São Paulo: Moderna, 2018.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL. **Lei nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília, DF: Senado Federal, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm. Acesso em: 18 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 03 mai. 2023.

BRASIL. **Projeto de Lei nº2630, 19 de abril de 2020**. Dispõe sobre a criminalização das *fake news* no Brasil. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso: 17 nov. 2023.

BRUZZONE, A. **Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital**. São Paulo: Contexto, 2021.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C.L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, abr. 2018. Disponível em http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622018000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 nov. 2023.

DIAS, C. Espaço, tecnologia e informação: uma leitura da cidade. *In*: RODRIGUES, E. A. *et al.* (org.). **Análise de Discurso no Brasil: Pensando o impensado sempre uma homenagem a Eni Orlandi**. Campinas: Editora RG, 2011. p. 259-272.

DIAS, C. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.

FLOOD, A. Fake news is “very real” word of the year for 2017. **The Guardian**, 2 nov. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/nov/02/fake-news-isvery-real-word-of-the-year-for-2017>. Acesso em: 07 nov. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GALISSON, R; COSTE, D. **Dicionário de didáctica das línguas**. Coimbra, Livraria Almedina, 1983.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas: RG Editora, 2012.

INDURSKY, F. Entrevista com Freda Indursky. Entrevista concedida à Andréa Rodrigues. **Pensares em Revista**, São Gonçalo, n. 17, p. 18-28, 2020. Disponível em:

<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/47301/31845>. Acesso em: 8 set. 2023.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pecheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **O que é linguística**. São Paulo. Brasiliense, 2003.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma Introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Tradução Bethânia S. Mariani *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 61-162.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PECHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

RODRIGUES, M. L. **Introdução ao estudo da ideologia que sustenta o MST**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos) – Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2001.

SANCHOTENE, C.; SILVEIRA, A. C. M. da; LAVARDA, S. de L. Quando as notícias mais compartilhadas são falsas: a circulação de boatos durante a semana do impeachment no Facebook. **Comunicação & Informação**, v. 20, n. 3, p. 99, 31 dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/46950>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SCHATZMAYR, H. G.: Novas perspectivas em vacinas virais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 10 (suplemento 2), p. 655-69, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/VjJzQVWWZtVxSqMmMM4R3WB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

SEGURADO, R. **Desinformação e democracia: a guerra contra as fake news na internet**. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2021.

SOARES, M. **Metamemória - memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 2001.

THEMUDO, T. S.; ALMEIDA, F.C. DE. Direito, cultura e sociedade em tempos de *fake news*. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 21, n. 3, p. 209-236, 2020. Disponível em: <https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/1653>. Acesso em: 20 out. 2023.

ZOPPI-FONTANA, M. G.; FERRARI, A. J. (Orgs.). **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia**. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Pós-verdade: léxico, enunciação e política. *In*: OLIVEIRA, R. R. R.; OLIVEIRA, S. E. de; RODRIGUES, M. L.; KARIM, T. M. (Orgs.). **Linguagem e significação: práticas sociais**. Campinas, SP: Pontes, 2018.

ANEXO

Sugestões e orientações para professores que desejam aplicar a metodologia utilizada nesta pesquisa, na perspectiva dos procedimentos da Análise de Discurso francesa:

1. METODOLOGIA

A metodologia utilizada segue os movimentos e passos propostos por Guimarães, adotando a teoria da Análise de Discurso (AD) para entender como os textos se relacionam com a história e a linguagem dos sujeitos que os produzem e consomem. Vale destacar que a AD é vista como uma ferramenta metodológica valiosa para o ensino de Língua Portuguesa, pois ajuda os alunos a interpretar os sentidos dos textos, considerando o sujeito social historicamente e ideologicamente interpelado. Dessa forma, percebe-se que essa abordagem proporciona uma compreensão mais expressiva e reflexiva dos textos, além de auxiliar significativamente na produção textual dos discentes.

Essa proposta de ensino faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no âmbito do ProfLetras. Para facilitar o desenvolvimento, a proposta foi aplicada por meio de módulos e a organizada em quadros, considerando essa uma forma mais didática. Isso facilitou o entendimento dos docentes no processo de aplicação das análises discursivas. Nessa perspectiva, para cada **módulo** serão apresentados: os objetivos a serem alcançados, os recursos a serem utilizados, os suportes técnicos, os procedimentos metodológicos, o tempo previsto para o desenvolvimento da atividade e os sujeitos da pesquisa.

É importante mencionar que, ao final de cada módulo, sugere-se que os alunos produzam um texto de cinco a dez linhas, por escrito, refletindo sobre o que compreenderam acerca do que estudaram nos movimentos e passos. Esse exercício promove a expressão e a reflexão sobre os discursos analisados, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades discursivas na escrita. Após a escrita, alguns discentes serão convidados para realizar a leitura de suas sínteses, contribuindo assim, para o aprimoramento de suas habilidades de leitura.

Como os sujeitos dessa pesquisa são alunos do ensino fundamental, é importante ressaltar que o uso de termos técnicos específicos dessa teoria deve ser adaptado durante o trabalho com eles. Dessa forma, durante a aplicação, é necessário "adequar" os termos ao público-alvo, garantindo que eles compreendam os conceitos de maneira acessível e apropriada para seu nível de entendimento.

Quadro 1 – Quadro dos objetivos da proposta

Objetivo geral	Contribuir com as práticas metodológicas de docentes do Ensino Fundamental II, por meio de leitura e análise de recortes discursivo de textos com os alunos, pelo viés da AD.
Objetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> a) Escolher o objeto de estudo a ser lido e analisado; b) Desenvolver métodos práticos de leitura e análise de textos com os alunos pelo viés da AD; c) Colaborar com gestos de interpretação de textos dos alunos, considerando as condições de produções que envolvem o sujeito do discurso a situação sócio-histórica-ideológica e o interdiscurso; d) Recordar os conceitos principais da AD, sempre que preciso.

Fonte: elaborado pela autora.

1.2 Módulo I: apresentação da proposta de ensino de linguagem

No módulo I os alunos terão a oportunidade de conhecer a proposta de intervenção a ser desenvolvida com eles, com a apresentação do objeto de estudo, a teoria e metodologia a ser utilizada no desenvolvimento da proposta. É importante ressaltar, que para cada módulo é importante que sejam apresentados, os objetivos a serem alcançados.

1.2.1 Quadro 2. Movimento I – Apresentação da proposta interventiva

Área de Conhecimento	
Disciplina	
Turno	
Público	
Tempo previsto para a atividade	
Organização dos alunos (sugestão)	Semicírculo para facilitar a participação de todos os alunos.
Combinados importantes para uma melhor aprendizagem (Sugestão)	<p>Antes do início do desenvolvimento da proposta de intervenção, faz-se necessário que o professor estabeleça alguns acordos com os alunos, caso ache relevante, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> 1- Respeitar o momento de fala do colega; 2- Respeitar a opinião dos demais; 3- Cumprir com as atividades propostas. <p>Considerando que o cumprimento desses acordos possibilita a participação e um melhor aprendizado a todos.</p>

OBJETIVOS	
Geral	Apresentar a proposta de intervenção aos alunos mostrando como se dará as análises, considerando o aporte teórico da AD.
Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar aos alunos o objeto de estudo que será trabalhado com eles; • Explicar de maneira “adequada” à turma a teoria da Análise do Discurso por meio de conceitos-chaves de: Discurso, sujeito, linguagem, interdiscurso e condições de produção; • Explicar aos alunos que ao final de cada módulo, ou assim que o professor achar necessário, eles serão motivados a produzirem síntese por escrito sobre o que entenderam e alguns serão convidados a realizarem leitura de sua síntese para a turma.
Recursos sugeridos	Caderno, caneta, lápis, borracha, <i>data show</i> , notebook, quadro branco e pincel.
<p>PASSO 1 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO MOVIMENTO I DO MÓDULO I.</p> <ul style="list-style-type: none"> • No primeiro momento deve-se escolher o objeto de estudo e o tema a serem desenvolvidos os gestos de interpretação; • Por meio de um diálogo, nesse primeiro momento, recomenda-se que o professor pergunte aos alunos sobre o que eles já conhecem a respeito do objeto de estudo a ser trabalhado com eles; • O professor apresenta também aos alunos os principais objetivos que pretende alcançar com o desenvolvimento da proposta de ensino; • Antes de passar para as análises, o professor expõe por meio de projeção de <i>slides</i> ou entregando cópias aos alunos alguns conceitos básicos da AD de maneira “adequada” à turma, considerando, ser esta uma teoria que não é estudada na educação básica, porém eles precisam conhecê-la, mesmo que de maneira suscita, pois nortearão as análises discursivas trabalhadas com os alunos, dessa forma deve realizar uma exposição com a utilização de termos mais acessíveis, termos que facilitam o entendimento deles, como o que é: <p>Discurso - é o sentido produzido entre aquele que fala e para quem ele fala;</p> <p>Sujeito – é um ser social, pois é constituído historicamente, nas relações sociais. Existem várias maneiras desse sujeito dizer das coisas, mas ele diz de uma maneira e não de outra; essa maneira como ele diz significa porque muitas outras coisas relacionadas àquela questão já foram ditas, essas coisas ditas anteriormente ainda significam no que é dito agora e significam o sujeito, possibilitando dizer de qual lugar social – de pai, de professora, de presidente, de médico, etc. – ele está falando. É isso que define a posição sujeito. É possível verificar ainda como ele fala das coisas, isso vai possibilitar entender a sua posição em relação ao que é dito;</p> <p>Linguagem – para a AD a linguagem não é transparente, considerando que não possui apenas um sentido, o sentido advém da situação discursiva que for empregada;</p> <p>Interdiscurso – é o mesmo que memória discursiva - aquilo que falamos já foi dito em uma outra situação discursiva, em um outro discurso, porém, isso ocorre de maneira inconsciente, porque o sujeito é assujeito, sendo assim, não é dono do dizer;</p>	

Condições de produção – É importante mostrar aos discentes que ao analisarmos um texto, devemos levar em consideração as condições de produções em que foram produzidos, que incluem os sujeitos, a situação e a memória discursiva. Nesse sentido, deve-se considerar as condições de produções em que o texto foi produzido;

Formações discursivas: De acordo com Orlandi, uma formação discursiva “se define como aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2015, p. 43). O que implica em dizer que os sentidos sempre são definidos ideologicamente, pois pode ser afirmado que a ideologia recorta o interdiscurso, definindo regiões de memória. Ou seja: os sentidos não estão predeterminados na língua, mas se encontram constituídos nas e pelas formações discursivas.

Se o professor achar necessário poderá pedir a contribuição de outro(s) professor(es) de outra disciplina que possa ajudar os alunos com o entendimento do tema que está sendo trabalhado na proposta de ensino de linguagem. Essa, portanto, é uma sugestão presente nos procedimentos de Guimarães (2012) autor que trabalhar considerando movimentos e passos e que foram utilizados no desenvolvimento da proposta interventiva dessa pesquisa.

PASSO 2 – PRODUÇÃO DE TEXTO

Neste passo o professor deverá motivar os alunos a escreverem uma síntese de 5 a 10 linhas, expondo a compreensão que obtiveram a respeito do que foi estudado nesse **primeiro módulo**.

PASSO 3 – LEITURA DA SÍNTESE

Ao final dessa aula, alguns alunos são convidados a realizarem leitura de suas sínteses para a turma. Com o intuito de trabalhar, além da escrita, a leitura.

Fonte: elaborado pela autora.

1.3 MÓDULO II - O Professor analisa e apresenta

No módulo II, o professor apresenta os textos com recortes analisados por ele, para que posteriormente, os discentes realizem as análises seguindo os exemplos apresentados. Assim, “O professor diz ao grupo que escolheu um texto interessante para analisar e que vai fazê-lo passo a passo, de modo que todos possam acompanhar e possam depois fazer isso sozinhos” (Guimarães, 2012, p. 174).

No percurso de análise, deve-se considerar o sujeito como um ser social envolvido nos discursos dos recortes discursivos, o qual que é interpelado histórico e ideologicamente, como também, deve ser levado em consideração o interdiscurso apresentado nesses tipos de textos, visto que todo discurso é apoiado em outros discursos já proferidos em situações e momento diferentes e que se atualizam em conjuntura como esta, a pandêmica. Dessa forma, para a AD,

um enunciado discursivo se constitui a partir de memória discursiva, considerando que todo discurso produz sentidos a partir de outros discursos já utilizados na sociedade.

1.3.1 Quadro 3. Movimento I – Objetivos a serem alcançados com as análises dos recortes dos textos escolhido e previamente analisados pelo professor

Área de Conhecimento	
Disciplina	
Turno	
Público	
Organização dos alunos (sugestão)	Semicírculo para facilitar a participação de todos os alunos.
OBJETIVOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o texto a ser analisado previamente pelo professor; • Proporcionar um aprendizado que considera o funcionamento da linguagem a partir de análises pelo viés da AD; • Relembrar, sempre que preciso, os conceitos basilares da AD durante as análises de maneira “adequada” à turma; • Realizar análise considerando como a AD trabalha a constituição da linguagem no texto, considerando que para essa teoria, o mais importante é entender “como” o texto significa e não o que ele quer dizer. 	
Recursos sugeridos	Cópias de <i>fake news</i> , caderno, caneta, lápis, borracha, <i>data show</i> , <i>notebook</i> , quadro branco e pincel.
Suporte técnico sugerido	Internet, <i>Softwares</i> de apresentação: <i>Powerpoint</i> .

Fonte: elaborado pela autora.

1.3.2 Quadro 4. Movimento II – A apresentação do texto analisado previamente pelo professor

Atividade I – Apresentar aos alunos as análises realizadas acerca da primeira fake news	
Público	
Tempo previsto para a atividade	
Organização dos alunos (sugestão)	Semicírculo para facilitar a participação de todos os alunos.
Material sugerido	Caderno, caneta, lápis (para anotações); Cópias da <i>fake news</i> analisada ou computador e <i>datashow</i> .
Suporte técnico sugerido	Internet, <i>Softwares</i> de apresentação: <i>powerpoint</i> .
PASSO 1:	O professor apresenta o texto previamente analisado por ele.

Procedimentos metodológicos:	<ul style="list-style-type: none"> • O professor entrega aos alunos cópias da primeira <i>fake news</i> analisada previamente por ele ou projeta no <i>data show</i>. É importante que a análise esteja numa folha separada onde só o professor tenha acesso, assim, o desenvolvimento da metodologia possibilitará uma melhor reflexão com os discentes; • O professor apresenta aos alunos o texto com alguns gestos de análise realizado previamente por ele; • O professor mostra aos alunos a maneira como o efeito de sentido é constituído, considerando o que diz Orlandi (2015) o sentido não está limitado nas palavras, mas se constitui juntamente com a posição do sujeito, considerando as condições de produções em que o texto foi produzido. <p>Sugestão: Desinformação nos textos de inteligência artificial.</p> <p>Discursos desinformativos nos vídeos de inteligência artificial.</p> <p>Ao final desta aula, o professor solicita aos alunos que realizem pesquisas para serem apresentadas e analisadas na aula subsequente com a ajuda do professor.</p>
PASSO 2: produção de texto	Os alunos realizam a síntese por escrito, de 5 a 10 linhas.
PASSO 3: leitura da síntese	Alguns alunos de maneira espontânea leem seus textos, uma forma de proporcionar a prática da leitura.

Fonte: elaborado pela autora.

1.4 MÓDULO III – Os alunos entram em ação - Os alunos pesquisam e analisam textos com a contribuição do professor

Neste módulo, os alunos praticam a leitura e a análise dos recortes discursivos de *fake news* pesquisadas por eles, considerando o lugar de fala do(s) sujeito(s) dos textos, o interdiscurso, entre outros aspectos da AD, trabalhados, principalmente, no Módulo II.

1.4.1 Quadro 5 - Movimento I – Os alunos praticam o que aprenderam nos módulos I e II

Público	
Tempo previsto para a atividade	
Organização dos alunos (sugestão)	Semicírculo para facilitar a participação de todos os alunos.
PASSO 1	Os alunos socializam os textos pesquisados por eles.

Procedimentos metodológicos:	<p>O professor inicie a aula solicitando aos alunos que leiam em voz alta para os demais da turma, o(s) texto(s) encontrado por eles na pesquisa encaminhada na aula anterior;</p> <p>Após a leitura, é possível que, como os alunos pesquisaram na internet, tendo em vista ser, na contemporaneidade, o meio pelo o qual as pesquisas são realizadas. Dessa forma, é provável que alguns dos textos pesquisados por eles se repitam, portanto, vale selecionar a partir da leitura, os que terão recortes analisados com a contribuição do professor;</p> <p>Feito isso, o professor forma grupos com 5 ou 6 alunos, para que juntos e com o auxílio dele, desenvolvam as análises, tendo como base os procedimentos utilizados pelo docente nas análises do Módulo II.</p>
PASSO 2: apresentação dos grupos	Os alunos realizam as apresentações das análises feitas por eles com a contribuição do professor regente da turma.
Procedimentos metodológicos:	
PASSO 3: produção de texto	Ao final do desenvolvimento desse módulo, o professor solicita aos alunos que realizem síntese por escrito de 5 a 10 linhas, assim como foi pedido no final dos outros, considerando, além do que foi trabalhado nesse módulo, mais também, o que aprenderam durante todos os movimentos apresentados nessa proposta de ensino.
PASSO 4: leitura da síntese	Posteriormente, solicita, que alguns alunos de maneira voluntária leiam seus textos, proporcionar aos discentes a prática da leitura.

Fonte: elaborado pela autora.

Ao final da proposta, sugere-se a realização um relatório geral acerca compreensão que os alunos obtiveram com a aplicação dos módulos.